

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Vanessa Sofia Cunha Loureiro dos Santos

Orientadora: Professora Doutora Isabel Maria Silva Ruivo

Lisboa, Agosto 2011

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Vanessa Sofia Cunha Loureiro dos Santos

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Maria Silva Ruivo.

Lisboa, Agosto 2011

Agradecimentos

Agradeço ao Diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, Dr. António Ponces de Carvalho, pela forma como me recebeu e pela oportunidade que tive de contactar com a instituição que preside.

À Professora Doutora Isabel Ruivo, minha orientadora, pela disponibilidade e ajuda que me deu na realização deste Relatório de Estágio Profissional.

Quero agradecer a todos as pessoas que trabalham nos Jardins-Escola pelos quais passei pelos conhecimentos que me proporcionaram e pelas oportunidades que me deram.

Por fim, devo um enorme agradecimento aos meus pais, à minha irmã, à minha família e ao Saulo por todo o apoio que me deram nas momentos difíceis deste meu percurso.

Índice

Índice de Quadros	XIV
Índice de Figuras	V
Introdução	1
1. Estrutura do Relatório de Estágio Profissional	2
2. Importância do Estágio Profissional e da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	2
3. Local da realização do Estágio Profissional	3
4. Identificação do grupo de estágio	3
5. Metodologia utilizada	4
6. Pertinência do estágio	5
7. Cronograma	6
Capítulo 1 – Relatos Diários	9
1.1. 1.ªSecção	10
1.1.1. Caracterização do grupo	10
1.1.2. Caracterização do espaço	11
1.1.3. Rotinas	11
1.1.4. Horário	12
1.1.5. Relatos Diários	12
1.2. 2.ªSecção	40
1.2.1. Caracterização do grupo	40
1.2.2. Caracterização do espaço	41
1.2.3. Rotinas	41
1.2.4. Horário	42
1.2.5. Relatos Diários	42

1.3. 3.ªSecção	70
1.3.1. Relatos Diários	70
1.4. 4.ªSecção	78
1.4.1. Caracterização do grupo	78
1.4.2. Caracterização do espaço	78
1.4.3. Rotinas	79
1.4.4. Horário	79
1.4.5. Relatos Diários	80
1.5. 5.ªSecção	98
1.5.1. Caracterização do grupo	98
1.5.2. Caracterização do espaço	99
1.5.3. Rotinas	99
1.5.4. Horário	100
1.5.5. Relatos Diários	100
Capítulo 2 – Planificações	123
2.1. Fundamentação teórica	124
2.2. As minhas planificações de uma manhã de aula 1.ºAno B	129
2.2.1. Planificação da Área Curricular de Língua Portuguesa	130
2.2.2. Planificação da Área Curricular de Matemática	132
2.2.3. Planificação da Área Curricular de Estudo do Meio	135
2.3. Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional no 1.ºciclo.	
4.ºAno B	139
2.3.1. Planificação da Área Curricular de Língua Portuguesa	140
2.3.2. Planificação da Área Curricular de Estudo do Meio	142
2.3.3. Planificação da Área Curricular de Matemática	144
2.3.4. Planificação do Jogo	146

Capítulo 3 – Avaliação	149
3.1. Fundamentação teórica	150
3.1.1. O que é a avaliação?	150
3.1.2. Importância da avaliação	151
3.1.3. Avaliação diagnostica	152
3.1.4. Avaliação formativa	152
3.1.5. Avaliação sumativa	153
3.2. Avaliação da área curricular de língua portuguesa	154
3.2.1. Descrição de parâmetros e critérios	154
3.2.2. Grelha de parâmetros, critérios e cotações	155
3.2.3. Grelha de Avaliação	156
3.2.4. Descrição da Grelha de avaliação	157
3.2.5. Gráfico Circular	157
3.2.6. Análise conclusiva	157
3.3. Avaliação da área curricular de matemática	158
3.2.1. Descrição de parâmetros e critérios	158
3.2.2. Grelha de parâmetros, critérios e cotações	160
3.2.3. Grelha de Avaliação	161
3.2.4. Descrição da Grelha de avaliação	162
3.2.5. Gráfico Circular	162
3.2.6. Análise conclusiva	163
3.4. Avaliação da área curricular de estudo do meio	163
3.2.1. Descrição de parâmetros e critérios	164
3.2.2. Grelha de parâmetros, critérios e cotações	165
3.2.3. Grelha de Avaliação	166
3.2.4. Descrição da Grelha de avaliação	167
3.2.5. Gráfico Circular	167

3.2.6. Análise conclusiva	167
Reflexão Final	169
Bibliografia	173
Anexos	180

Índice de Quadros

Quadro 1- Cronograma	7
Quadro 2 – Horário das atividades 2.ºano	12
Quadro 3 - Horário das atividades 3.ºano	42
Quadro 4 - Horário das atividades 4.ºano	79
Quadro 5 - Horário das atividades 1.ºano	100
Quadro 6- Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T	
Quadro 7 - Tabela de objetivos por Capacidades-Destrezas	
Quadro 8 - Tabela de Objetivos por Valores-Atitudes	
Quadro 9 - Plano de aula de Língua Portuguesa	130
Quadro 10 - Plano de aula de Matemática	132
Quadro 11- Plano de aula de Estudo do Meio	135
Quadro 12 - Plano de aula de Língua Portuguesa	140
Quadro 13 - Plano de aula de Estudo do Meio	142
Quadro 14 - Plano de aula de Matemática	144
Quadro 15 - Plano de aula do Jogo	146
Quadro 16 – Escala de Lickert	153
Quadro 17 – Parâmetros, critérios e cotações para a avaliação da proposta de trabalho de Língua Portuguesa	155
Quadro 18 – Grelha de avaliação de Língua Portuguesa	156
Quadro 19 - Parâmetros, critérios e cotações para a avaliação da proposta de trabalho de Matemática	160

Quadro 20 - Grelha de avaliação de Matemática	161
Quadro 21 - Parâmetros, critérios e cotações para a avaliação da proposta de trabalho de Estudo do Meio	165
Quadro 22 - Grelha de avaliação de Estudo do Meio	166

Índice de Figuras

Figura 1 – Classificação Qualitativa e Percentual da proposta de avaliação de Língua Portuguesa	157
Figura 2 – Classificação Qualitativa e Percentual da proposta de avaliação de Matemática	162
Figura 3 – Classificação Qualitativa e Percentual da proposta de avaliação de Estudo do Meio	167

Introdução

1. Estrutura do Relatório de Estágio Profissional

A elaboração deste Relatório de Estágio surge no âmbito de uma exigência da unidade curricular Estágio Profissional I e II. É um pré-requisito para a conclusão do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação João de Deus. Nele apresento o trabalho elaborado com base na observação das aulas observadas durante o período de estágio, de 12 de outubro a 28 de junho.

O Relatório de Estágio Profissional foi realizado com base nas minhas observações durante o período de estágio e está dividido em quatro capítulos.

No Capítulo 1 encontram-se os *Relatos Diários*. Este capítulo é constituído pelos relatos de todas as práticas observadas e as inferências fundamentadas cientificamente. As *Planificações* utilizadas nas aulas que realizei serão apresentadas no Capítulo 2. As planificações em modelo T, são referentes às áreas curriculares de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio e uma planificação do jogo que efetuei na Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional. O Capítulo 3 é dedicado os *Dispositivos de Avaliação*. Aqui são apresentados os dispositivos de avaliação das três áreas curriculares, as estratégias que utilizei juntamente com a fundamentação teórica. Por fim, no Capítulo 4, *Reflexão Final*, serão feitas as considerações finais sobre o estágio, a sua importância na minha formação profissional, assim como algumas limitações e novas pesquisas.

2. Identificação do local do Estágio Profissional

O Estágio Profissional foi realizado no Jardim-Escola João de Deus da Estrela. Este encontra-se localizado na Avenida Álvares Cabral, ao pé do Jardim da Estrela e em frente ao Liceu Pedro Nunes. Fica também ao lado da Escola Superior de Educação João de Deus.

Este Jardim-Escola é o mais antigo da área de Lisboa. O primeiro módulo foi construído em 1915 e o segundo em 1975.

O edifício contém doze salas, um salão, um ginásio, uma biblioteca, uma sala de informática, um gabinete médico, uma sala de professores, um gabinete de direção, uma

secretaria, um refeitório, uma cozinha, cinco zonas de casa de banho para crianças, quatro casas de banho para professores e funcionários, dois espaços exteriores, três despensas e uma sala de material de educação física. O Jardim-Escola tem as valências de Pré-Escolar e 1.ºCiclo do Ensino Básico, num total de 365 alunos.

3. Identificação do período e do grupo de estágio

O estágio foi dividido em quatro momentos: de 18 de outubro a 29 de novembro de 2010, estive no 2.ºano B; de 30 de novembro a 11 de fevereiro, no 3.ºano B; de 28 de fevereiro a 4 de março, no 3.ºano B; de 14 de fevereiro a 15 de abril, no 4.ºano B; de 2 de maio a 28 de junho, no 1.ºano B. O estágio decorreu às segundas, terças e sextas-feiras, entre as 9 e as 13 horas.

As professoras cooperantes foram as seguintes: Vera Sena; Susana Garcia; Rita Augusto; Paula Toscano; do 2.º, 3.º,4.º e 1.º respetivamente.

O meu grupo de estágio foi composto por mim e pela Francisca. Funcionamos bem durante todo o período ajudando-nos mutuamente. Tal com diz Korthagen citado por Flores e Simão (2009) que diz ser importante promover a aprendizagem reflexiva auxiliada por pares.

4. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A realização deste relatório é muito importante. Por um lado ele representa o último elemento de avaliação para a conclusão do Mestrado em Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico e a consequente certificação para exercer a docência. Por outro, permitiu-me, depois de recolhidos os dados, analisar e refletir sobre as práticas observadas e vivenciadas.

Como afirma Zeicknem (1993), “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência.” (p.17)

Em suma direi que a elaboração deste relatório de estágio profissional me ajudou muito a crescer enquanto futura profissional no ramo da educação. Com ele, pude

aprender diferentes formas de cativar a atenção da criança e torná-la o foco de toda a atitude educativa.

Observei que todas as turmas são únicas e que cada professora tem a sua experiência e a sua maneira de trabalhar. Com elas e com as professoras supervisoras da prática pedagógica enriqueci o meu saber e sinto ter agora ferramentas de trabalho que vão permitir uma melhor interação com as crianças.

5. Pertinência do estágio

O estágio profissional foi uma mais-valia para a minha aprendizagem enquanto futura professora de 1.º ciclo do Ensino Básico. Nele pude crescer e desenvolver capacidades para um futuro que se encontra próximo.

Como afirma Selta (1997), citado por Serrazina (2002) “os professores tornam-se realmente profissionais à medida que ensinam e refletem sobre o seu ensino.” (p.11)

Neste estágio, observei vários comportamentos e aulas, que considerei importantes para poder executar quando estiver “na minha sala”. Também pude intervir e dar aulas com temas escolhidos pelas professoras da sala. Deste modo crescemos, enquanto pessoas e docentes, para um melhor acompanhamento das crianças, visto que são elas a nossa principal preocupação.

É importante que os alunos em formação e os próprios docentes tenham a consciência e a vontade de refletir sobre a maneira de ensinar. A função do professor titular é ajudar o aluno a tornar-se pessoa, promovendo a sua autonomia.

Alegria et al.(2001) referem:

(...) ao proporcionar diferentes possibilidades de aproximação ao contexto educativo, os estágio cria condições para a autonomia. No decorrer desse ano de experiencia, o futuro docente desenvolve as competências indispensáveis ao exercício da profissão, por meio da participação em múltiplas actividades que têm lugar na escola, pela experiencia que adquire no campo da didática, refletindo e avaliando criticamente as diferentes estratégias educativas que vai ensaiando.
(p.57)

6. Metodologia utilizada

A metodologia utilizada para a recolha de dados e posterior análise foi a observação.

Como afirma Sousa (2009), a observação permite efetuar registos dos acontecimentos, comportamentos e atitudes, no seu contexto próprio.

Para o relatório de estágio profissional o tipo de observação utilizado foi a observação participante. Neste tipo de observação, o investigador é o instrumento principal de observação e partilha a condição humana daqueles que observa.

Segundo Lessard, Gabriel e Boutin(1990):

A interacção observador-observado está ao serviço da observação; ela tem por objectivo recolher os dados (sobre acções, opiniões ou perspectivas) aos quais um observador exterior não teria acesso. A observação participante é portanto uma técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que deseja compreender um meio social que, à partida, lhe é estranho ou exterior e que lhe vai permitir integrar-se progressivamente nas actividades das pessoas que nele vivem. (p.155)

Relativamente aos sujeitos observados, estes são pouco informados, pois apesar de terem conhecimento da presença do observador, não têm conhecimento do que está a ser escrito.

De acordo com Quivy (1992), os sujeitos observados não interferem na produção da informação procurada, pois esta é visível e recolhida diretamente neles pelo observador.

Os dados observados são os relatos diários presentes neste relatório. Deles fazem parte as inferências e fundamentação teórica. A amostra utilizada nesta observação, inclui as 4 turmas de alunos do 1.º ao 4.º ano de escolaridade onde estagiei durante 10 meses no Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

7. Cronograma

No cronograma apresentado (Quadro 1) indico os dias correspondentes ao Estágio Profissional I e II. As atividades são a observação das aulas, as aulas programadas, as aulas surpresa, as aulas adicionais, as reuniões de acompanhamento, as pesquisas bibliográficas, a elaboração do relatório de estágio profissional, as reuniões e o seminário de contato com a realidade educativa.

No cronograma que se segue estão todas estas atividades representadas e o tempo gasto na realização das mesmas repartido da seguinte maneira: cerca de 375 horas de aulas observadas; cerca de 32 horas de aulas dadas; cerca de 1h da aula programada; cerca de 2h30m de aulas surpresa; cerca de 2h de aulas adicionais; cerca de 1h15m de Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional; cerca de 10 horas de reuniões de acompanhamento; cerca de 400 horas de pesquisas bibliográficas; cerca de 493 horas de elaboração do relatório de estágio profissional; cerca de 16 horas de reuniões; e cerca de 35h de Seminário de contacto com a realidade educativa.

Quadro 1 - Cronograma

Mês	Outubro				Novembro				Dezembro				Janeiro				Fevereiro				Março				Abril				Maio				Junho				Julho							
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4				
Semana do mês																																												
Observação das aulas		x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	x	x	x	x	x		x		x	x	x	x			x	x	x	x	x	x	x	x								
Aulas dadas					x		x									x	x								x	x						x	x											
Aulas programadas																									x																			
Aulas surpresa						x														x								x		x														
Aulas adicionais																												x																
Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional																																				x								
Reuniões de acompanhamento																																								x	x			
Pesquisas Bibliográficas																	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x				
Elaboração do Relatório de estágio profissional		x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x				
Reuniões		x						x																				x																
Seminário de contacto com a realidade educativa																																												

Capítulo 1

Relatos Diários

O capítulo é dedicado aos relatos diários. Estes relatos são relativos ao tempo de estágio por mim realizado. Este tempo teve a duração de 95 dias, com início a 12 de outubro de 2010 e fim a 28 de junho de 2011.

Este capítulo está dividido por secções e cada secção remete para uma faixa etária pela qual passei. Cada secção vai conter o período no qual decorreu o estágio, a caracterização da turma, a caracterização do espaço e do grupo de estágio, o horário e as rotinas, com a devida fundamentação teórica.

Serão descritos em primeiro lugar os relatos do segundo ano de escolaridade, a seguir do terceiro ano, depois do quarto ano e finalmente do primeiro ano de escolaridade.

1.1. 1ª Secção

Período de estágio de 12 de outubro a 29 de novembro

Faixa etária: 2.º Ano

Professora Cooperante: Vera Sena

1.1.1. Caracterização da turma

A turma B é constituída por 25 alunos, nos quais 13 são do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Uma das alunas já tem 8 anos. Deu entrada, este ano, uma criança nova na turma, que não tinha frequentado nenhum Jardim Escola João de Deus. Dois alunos faltam muitas vezes à escola.

A turma é de um nível socioeconómico médio e médio alto em que, na maioria dos casos, os pais têm cursos superiores e exercem a sua profissão.

A turma é interessada pelo ambiente que a rodeia, trabalhadora mas faladora.

É uma turma homogénea, realizando as tarefas que são propostas. Tem dois alunos que continuam a usufruir de apoio individualizado tal como no ano anterior.

A partir dos testes diagnósticos pode-se perceber que, na área curricular de matemática, a turma tem dificuldades na leitura de números por ordens e classes, na resolução de situações problemáticas e na realização do algoritmo da subtração com empréstimo, na multiplicação e na divisão.

Em língua portuguesa, a turma dá muitos erros ortográficos e tem dificuldade na realização de textos escritos.

1.1.2. Caracterização do espaço

A sala encontra-se situada numa das laterais da escola e tem 25 lugares. Durante o tempo em que lá estagiei, a sala no início encontrava-se exposta em filas de três mesas, mas a meio modificou-se e foram colocadas em “u”, com três mesas ao meio devido à falta de espaço.

1.1.3. Rotinas

As crianças, logo de manhã, quando chegam à escola sentam-se no salão a ver televisão. Às nove horas levantam-se e fazem uma roda, onde os mais pequeninos (bibe amarelo) ficam no centro e os mais velhos (4.ºano) na extremidade da roda.

Quando chegam à sala, a professora, todas as manhãs, faz chamadas orais sobre a tabuada.

1.1.4. Horário

Quadro 2 – Horário das atividades do 2.º ano

Horas	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00–9.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10.00–10.50	Portuguesa		Portuguesa		Portuguesa
11.00-11.30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11.30-12.10	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12.10-13.00					
13.00-14.30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio
14.30-15.20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Estudo do Meio	Assembleia de turma ACND
15.20-16.10	ACND		Expressão Artística 15.30-16.45		Educação Musical
16.10-17.00	Hora do Conto	ACND		Biblioteca/ Informática 16.00-17.00	Educação Física
17.00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
17.15	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída

1.1.5. Relatos diários

Dia 12 de outubro de 2010

Uma criança veio ter comigo e disse que me conhecia do tempo em que estive a estagiar no Jardim-Escola de Alvalade. Ela disse que tinha estado no bibe azul com uma professora com a qual eu realmente estive no 2ºano de licenciatura.

A professora apresentou-nos e depois pediu aos alunos que se apresentassem.

A aula começou com perguntas de matemática, feitas oralmente. Ex: metade de uma centena; quanto devemos acrescentar a 10 para termos um quarteirão; o dobro de 2×4 ; etc.

Um aluno perdeu o teste de matemática e a professora zangou-se com ele. Mas, quando continuou a fazer as perguntas de matemática, fez uma pergunta a esse mesmo menino à qual ele respondeu corretamente e deu-lhe um reforço positivo.

Realização de um trabalho de português que servia como revisão para o teste no dia seguinte. Os temas abordados nesse trabalho eram monossílabos; dissílabos; trissílabos; polissílabos; sinónimos e antónimos; sílaba forte; classificação de sílaba forte (aguda; grave; esdrúxula).

Ajudei uma criança que tinha algumas dificuldades na realização dos exercícios. Depois de a ajudar, fui dar uma volta pela sala para ver se mais algum menino precisava de ajuda.

Correção de uma ficha de português no quadro.

Execução de uma ficha de trabalho e os temas abordados foram: busca de palavras no dicionário; colocação das palavras por ordem alfabética; ditado de palavras.

Depois da realização das duas folhas de português, realizaram uma folha com exercícios de matemática.

Inferências

A revisão na matemática é importante e, neste caso, a professora usou o método de cálculo mental. O cálculo mental é algo que a criança deve fazer com regularidade, pois desenvolve a sua capacidade cognitiva.

Ao desenvolver o cálculo mental, a criança fica mais capacitada para os problemas do dia-a-dia, ou seja, quando é confrontada com uma situação problemática no quotidiano, consegue mais facilmente dar resposta.

Segundo Anna Sierpinska(1994) citado por Moreira e Oliveira (2004):

“num acto de compreensão há uma representação mental onde se incluem as imagens mentais (visuais e outras e, também, imagens baseadas nas memórias de sentimentos), os conceitos (que consistem numa definição ou descrição, essencialmente, verbal) e, também, a representação procedimental, ou seja, a capacidade de fazer coisas” (p.32)

Numa situação problemática, o aluno vai criar uma imagem mental, abstrata, para resolver o que lhe é pedido. Daí a imagem e o conceito serem importantes no cálculo mental.

Ponte e Serrazina (2000) enumeraram algumas características dos processos de cálculo mental, são elas:

- São variáveis, isto é, as crianças utilizam diferentes estratégias para calcular o mesmo resultado;
- São flexíveis e podem ser adaptados aos números em causa;
- São activos, isto é, permitem a cada um escolher o próprio método de forma consciente ou não;
- São holísticos no sentido em que lidam com os números como um todo e não com dígitos individuais;
- São afirmativos, isto é, começam muitas vezes com o primeiro número, por exemplo, $47 + 28$ é 47 , 57 , 67 , 77 , 75 ;
- Exigem a compreensão e só podem ser usados se forem compreendidos;
- Dão uma aproximação inicial da resposta porque os dígitos da esquerda são calculados primeiro.” (p.157)

O uso de estratégias diferenciadas para chegar a um mesmo resultado auxilia as crianças a compreender o sentido do número e a desenvolver estratégias de cálculo mental.

Dia 15 de outubro de 2010

O dia começou com perguntas de matemática. Uma menina teve muitas dificuldades e a professora ajudou-a.

Realização do teste de estudo do meio.

Houve muitos alunos com dificuldade na interpretação das perguntas. Dois deles estavam mesmo com muitas dificuldades na realização do teste.

Execução de um exercício ortográfico. Uma menina teve muitas dificuldades nas regras de translineação.

Depois do recreio, os alunos vão sempre a casa de banho. Quando a professora entrou na sala, outra professora veio avisá-la que lhe faltavam crianças e ela foi à procura delas. Foi encontrá-las no recreio ainda a brincar. Quando chegaram a sala, a professora vinha a ralar com estas crianças.

Realizaram a leitura do texto “A Pontuação”.

Os alunos leram com alguma dificuldade.

Perguntas de interpretação do texto realizadas pela professora oralmente.

Inferências

Um professor deve ser sensível aos alunos com mais problemas na realização de atividades. Neste caso, foi a menina que teve dificuldades em responder à professora. Esta, em vez de passar para outro menino, arranjou uma maneira de levar a menina à resposta.

Segundo Spodek e Saracho (1998):

“Os professores devem ser sensíveis às diferenças de capacidade entre seus alunos e aos conflitos e mal-entendidos que possam resultar delas”(p.150)

O professor deve ter em conta, não só as dificuldades dos alunos, como os possíveis transtornos que poderão advir daí. Normalmente, os alunos com dificuldades são colocados de lado ou são motivo de chacota. Isto não deve acontecer. O professor deve intervir no assunto e aumentar a autoestima da criança.

Como dizem Spodek e Saracho (1998):

“Um clima de aceitação promove a integração e o crescimento social de toda a turma, além de proporcionar às crianças um modelo para o entendimento das diferenças individuais.”(p.150)

Um ambiente onde todos se respeitam é o ideal para o desenvolvimento social. Todas as crianças devem saber lidar com as diferenças dos outros e aprender com elas.

Dia 18 de outubro de 2010

Dialogo com a professora sobre o que fizeram no fim-de-semana.

Durante este diálogo houve um menino que disse à professora que tinha visto uma cobra venenosa. A colega, ao ouvir esta afirmação, perguntou como é que ele sabia que era venenosa. Ao que ele respondeu: “Foi o meu pai que disse. Julgas que ele não sabe?”

Leitura de um texto. Houve meninos que leram duas vezes para estarem com mais atenção.

A professora realizou perguntas oralmente sobre o texto. Ex: Quantos parágrafos tem o texto?; Diz uma frase do texto que seja exclamativa.; etc.

Os alunos fecharam os livros e a professora voltou a reler o texto, mas com algumas lacunas, e os meninos tinham de identificar os erros e dizer a frase de forma correta. Gostaram muito de participar nesta atividade.

Realizaram uma ficha de português e outra de matemática.

Num dos problemas havia a palavra “prateleira”, mas o menino que foi realizar ao quadro não conseguiu ler bem a palavra e lia “parteleira”.

Inferências

Os pais têm um papel fundamental na vida dos filhos. A criança levou muito a sério o que o pai disse. Para ele, aquela cobra era venenosa só porque o pai disse que era, não levando em conta as características da cobra. O pai, para aquela criança, era detentor de toda a informação.

Como diz Spodek e Saracho (1998):

“A relação estreita entre os programas para crianças pequenas e seus pais reflete um entendimento da íntima ligação entre pais e filhos. Como os pais têm um impacto maior na vida dos seus filhos, do que qualquer programa educacional, os educadores aprenderam a usar esta relação como continuidade no seu trabalho em sala de aula.”(p.166)

Os professores/educadores devem aproveitar esta ligação. Cada vez mais se fala na introdução dos pais na escola e é importante, para ambas as partes, aprenderem a trabalhar em equipa para poder fornecer a melhor educação às crianças.

Quando a criança não consegue ler uma palavra a professora pode aproveitar o Método João de Deus para a ajudar a ultrapassar esse problema. Este Método tem como ferramenta indispensável a Cartilha Maternal onde as crianças vão aprendendo a ler, cada uma ao seu ritmo. O Método é ensinado no bibe azul, ou seja, aos 5 anos.

A professora ao utilizar a Cartilha vai fazer com que o aluno leia com conhecimento de causa. Neste Método não se privilegia a memorização mas sim a compreensão do que é uma boa leitura.

Dia 19 de outubro de 2010

Novamente, a professora começou a aula com as devidas perguntas de matemática, no entanto, houve uma menina que teve alguma dificuldade na resolução do exercício e, para a ajudar, a professora entregou-lhe um conjunto de palhinhas.

Distribuição dos calculadores multibásicos.

A professora ditou as cores e os meninos colocaram na placa. De seguida realizou perguntas. Ex: Qual o número que está representado na placa?; Qual o número de maior valor absoluto?; Faz a leitura do número por classes.; Faz a leitura do número por ordens.; Quantas centenas de unidade tem este número?; etc.

O material foi muitas vezes objecto de brincadeira por parte de alguns meninos, que foram castigados e obrigados a fecharem a sua caixa.

Realização de uma ficha de português.

A professora dialogou com as crianças sobre os tipos de frase.

Inferências

Os calculadores multibásicos foram concebidos pelo professor João António Nabais.

Com este material, podemos explorar atributos, fazer associação e comparação, fazer contagem de quantidades, fazer ordenação, jogar com várias bases, compreender o sistema decimal, fazer valores de posição, fazer a leitura de números inteiros, introduzir a base decimal, fazer operações aritméticas e resolver situações problemáticas. (Caldeira,2009)

Neste caso, como a professora sabe que eles têm maior dificuldade na leitura por ordens e por classes, optou por este material.

Este material está dividido por cores e cada torre tem uma cor e pertence a um grupo. Ex: a torre amarela corresponde às unidades de unidade, etc.

As crianças mostraram-se familiarizadas com este material e já sabiam as regras a ele pertencentes. E foi uma forma lúdica que a professora utilizou para treinar com eles a leitura por classes e ordens, no entanto ainda trabalhou o número de maior/menor valor absoluto/relativo.

Dia 22 de outubro de 2010

Foi realizado um exercício para ajudar a decorar a tabuada. Ex: Dizer os números de 0 a 20 saltando dois números.; Dizer os números de 0 a 30 saltando três números.; etc. A seguir foi feita a distribuição das capas e de uma ficha.

A professora realizou um ditado de palavras. As palavras usadas foram: chuva, brilhante, autocarro, secretária, maravilhosa e caracol. Alguns erros que pude observar foram: outocarro, maravilhoza, aotocarro.

Realização de exercícios de matemática para avaliação. Estes exercícios eram sobre leitura de números e resolução de problemas

Durante o dia uma menina andou a distribuir convites aos colegas. No entanto, não convidou todas as colegas e uma das que não foram convidadas sentiu-se muito

triste e renegada. Chorou muito durante todo o dia, até durante a aula, mesmo com a professora e nós, estagiárias, a confortá-la.

Inferências

A sala de aula deve ser um lugar propício à aprendizagem da leitura e da escrita.

Para que isto aconteça, é necessário que as crianças tomem contacto com vários exemplos de escrita, como foi o caso. A professora usou o ditado, para conhecerem melhor as palavras e o seu significado.

A professora, neste caso, optou por umas palavras em que as crianças têm dificuldades para aprender com os erros.

Para uma boa leitura, é necessário aprender a escrever e interpretar os símbolos que temos à frente. Se errarmos na escrita, o mais provável é errarmos na leitura também.

É necessário encontrar métodos adequados para aprender a escrever. Estes alunos podem relembrar palavras através da Cartilha Maternal, bem como as regras da mesma, que ajudam tanto na leitura como na escrita da palavra.

Segundo Curto, Morillo e Teixidó (2000):

Ler é compreender um texto. Compreender é um ato cognitivo, ou seja, o resultado de uma atividade mental. Não podemos compreender, se não lemos de forma activa: antecipando interpretações, reconhecendo significados, identificando dúvidas, erros e incompreensões no processo de leitura.(p.47)

Para que o aluno não dê erros é necessário que pratique a leitura e a escrita proporcionando um conhecimento mais aprofundado das palavras e do seu significado.

Dia 25 de outubro de 2010

As crianças gostam muito de contar e de prolongar o seu discurso ao máximo sobre o que fizeram no fim-de-semana.

De seguida a professora fez a avaliação da leitura dos alunos. O tema do texto escolhido foi o outono. Após a avaliação, procedeu-se a algumas perguntas sobre o texto e sobre gramática, ex: identificação de nomes próprios, de nomes comuns, de palavras no singular e no plural, etc. A professora fez ainda algumas questões inferenciais, questionando os alunos sobre as suas preferências, nomeadamente qual a estação do ano de que gostaram mais e porquê.

Para terminar a manhã de aulas a professora deu aula de matemática introduzindo o tema das provas. Hoje ensinou a prova dos “noves fora”.

Inferências

A avaliação da leitura é importante numa sala de aula, porque serve para o professor poder avaliar se o aluno evoluiu, ou não, e quais são as suas maiores dificuldades na leitura.

Como diz Zabalza (2000) “A avaliação está comprometida com o facto de fornecer informação sobre a marcha do ensino”.(p.225)

Esta informação deve ser o mais rica possível, para poder permitir ao docente identificar o erro, para mais tarde o corrigir.

É necessário que a avaliação recorra a todas as possibilidades disponíveis para uma maior riqueza de informação.

Neste caso, o docente poderá recorrer à Cartilha Maternal, que é o método escolhido pela escola, para ajudar a criança a autocorrigir-se.

Estas operações são importantes pois, para os alunos a utilização das provas dá-lhes mais confiança. Se o resultado e a prova deram certos mais facilmente a operação estará correta.

Dia 26 de outubro de 2010

O dia começou com as perguntas de matemática seguidas de uma ficha de matemática e da sua correção.

A professora introduziu um novo jogo que os meninos gostaram muito. Começar com todos de pé e a professora ia fazendo perguntas sobre a tabuada, apontando quem devia de responder. Caso o menino acertasse, continuava em jogo caso perdesse, tinha de se sentar. No final do jogo a professora deu ao vencedor um boneco.

Aula de determinantes, seguida da realização de um ditado.

Inferências

Com este jogo, a professora conseguiu cativar a atenção das crianças. De uma forma lúdica realizou as operações de matemática.

Segundo Jesus (2002):

“É através do jogo que a criança descobre o mundo que a rodeia, se integra na sociedade e com ela se relaciona e, principalmente, realiza as suas experiências. A criança aprende jogando e dessa forma o jogo vai influenciar decididamente a sua personalidade.”(p.61)

Para jogar, as crianças estavam tão atentas às respostas dos colegas que isso foi um fator de aprendizagem. Para não perderem, as crianças esforçaram-se ao máximo para acertar na resposta, apurando a sua atenção.

A utilização de várias formas de escrita são importantes. Nesta aula a professora realizou um ditado com os alunos. Aqui eles puderam observar onde tinham mais dificuldade. O reconhecimento das palavras é um começo para uma boa aprendizagem da escrita.

Segundo Curto, Morillo e Teixidó (2007), “Escrever e ler são atividades que servem para poder comunicar-se, para expressar ideias, experiências, opiniões, sentimentos, fantasias, realidades, e para ter acesso ao que os demais seres humanos, ao longo do espaço e do tempo, viveram, pensaram, sentiram.”(p.69)

Com a prática da leitura e da escrita o aluno pode mais facilmente expressar-se tanto na escrita como oralmente.

Dia 29 de outubro de 2010

O dia começou como habitualmente em que a professora fez perguntas de matemática, exercício em que testa a rapidez de raciocínio das crianças.

Sendo que se aproximava a festa de Halloween esse tema era recorrente entre as crianças. O que as distraía, levando a professora a repreendê-las. Houve um momento em que uma menina começou a brincar com cartas e também foi repreendida pela professora.

Procedeu-se a um ditado de palavras. As palavras eram: bruxa, caldeirão, aranha, abóbora, vassoura e morcego. Alguns dos erros que encontrei foram: broxa, abobura, vasoura, murcego, morsego.

A professora efetuou a leitura de uma quadra aos alunos, pedindo-lhes de seguida que tentassem construir uma similar. Cada um ficou incumbido de fazer a sua própria quadra. Muitos tiveram dificuldades e tentaram imitar os colegas e a quadra que a professora tinha dado como exemplo.

De seguida a professora distribuiu uma folha a cada criança com exercícios de matemática sobre os numerais ordinais. Eles teriam de preencher os espaços em branco substituindo por exemplo: “duas dúzias” por “vinte e quatro”

Após terem concluído, a professora pediu aos meninos para trocarem as suas folhas com os colegas do lado, para serem os meninos a corrigirem os trabalhos uns dos outros.

Inferências

Neste dia os meninos realizaram a sua própria quadra. Houve uns que ficaram entusiasmados e outros que nem por isso, dizendo que não tinham ideias para o poema. A professora leu um poema retirado de um livro de poemas para crianças à turma, no entanto, os poemas que os meninos realizaram eram muito parecidos com o mesmo e a professora não aceitou.

Na minha opinião, a poesia deve ser trabalhada em diversas aulas, antes de ser solicitada à criança que seja construtora de um texto poético, seja ele uma simples quadra ou algo mais elaborado.

Segundo Georges Jean (S.D.) citado por Santos e Balancho (1987):

“Qualquer experiência poética com crianças ou adolescentes apresenta duas faces complementares: o encontro com o poema, por um lado; por outro, a “fabricação” oral ou escrita de textos poéticos.

Os momentos de recitação, a memorização de poemas são uma necessidade. O imaginário poético passa pela voz e pela memória.” (p.42)

A leitura e a prática de realização de poemas é uma mais valia para as crianças. Tal como diz Santos e Balancho (1987), se iniciarmos as crianças no gosto pelos poemas, cedo vão aprender a fruir a função poética da linguagem. Muitas crianças, com a descoberta do gosto pelos poemas, entram num jogo de sedução, ou seja, passam a escrever para namorados/namoradas, usam-nos para descrever sentimentos, etc.

Dia 2 de novembro de 2010

Hoje dei a minha primeira aula nesta turma. Comecei com a área de estudo do meio.

Comecei com uma breve exposição, em powerpoint, de imagens sobre as características e constituintes do globo ocular.

Executei muitas atividades sobre o tema, ex: vendei os olhos a alguns alunos para eles adivinharem os objetos que lhes coloquei nas mãos e mudei algumas mesas de sítio para que as crianças compreendessem as dificuldades da falta de visão.

A seguir introduzi uma aula de matemática espalhando pela sala algarismos móveis, pedindo aos alunos que efetuassem por ordem. Depois realizei uma proposta de trabalho. Nessa proposta de trabalho havia duas perguntas sobre o mesmo tema, em que tinham de colocar por ordem o que lhes era proposto.

Terminei a aula com a introdução do tema de língua portuguesa. Dei uma folha com o texto em banda desenhada a cada aluno. Depois de alguns lerem fizemos a

respetiva interpretação. A seguir, distribuí uma proposta de trabalho, que consistia em colocar as vinhetas de uma banda desenhada, facultada por mim, pela ordem correta, seguindo-se a elaboração individual de uma banda desenhada original.

Inferências

A banda desenhada é uma forma de expressão que utiliza elementos verbais e não-verbais.

Segundo Sá (1996) a banda desenhada:

Trata-se de uma forma de expressão com a sua especificidade, mas que foi influenciada por outras formas de expressão:

- a literatura, no que se refere às técnicas narrativas;
- a pintura, no que diz respeito ao uso da cor e ao grau de realismo na representação dos referentes;
- o cinema, no que se refere ao dinamismo de imagem e ao uso dos planos. (p.19)

Este tipo de texto é útil para a imaginação das crianças. Através da banda desenhada, as crianças podem imaginar as personagens em ação e o contexto da história. A banda desenhada é um texto que cativa a atenção das crianças, porque da maneira como os textos estão construídos parece que estamos em constante interação com as personagens.

Dia 5 de novembro de 2010

Aula dada pela minha colega. Ela fez interligação com a minha aula (sobre a visão) falando sobre o que tinha acontecido durante a mesma.

Ela proporcionou aos alunos atividades sobre o sentido da audição, ex: os meninos fecharam os olhos e ela posicionou-se num diferente local da sala de aula, pedindo-lhes de seguida que identifi o local onde agora se encontravam, simplesmente o sentido da audição; novamente com os meninos de olhos fechados, pediu a um aluno que falasse e os outros tinham de adivinhar quem era; disse uma frase a um menino, que ele tinha de mimar para que os outros adivinhassem a frase.

Como eles estavam a ficar agitados e a aula era sobre a audição, a minha colega pediu para “ouvir o silêncio” e eles acalmaram.

A seguir dialogou com os alunos sobre umas imagens em powerpoint. Como falou sobre o otorrinolaringologista, pediu para irem procurar o significado ao dicionário e também para dizerem quantas sílabas tinha a palavra.

Como elemento de ligação entre as duas áreas disciplinares a minha colega usou um filme. Nesse filme só se ouvia o som, não tinha imagem. Perguntou aos meninos que identificassem o que tinham ouvido. Depois de todos darem a sua opinião, mostrou então o filme mas, desta vez, com imagem.

Depois de distribuir uma folha com o texto que iria trabalhar a minha colega fez a leitura modelo e depois pediu a alguns meninos para lerem.

Depois da leitura, falaram da palavra salário e de onde provinha a palavra. Desta introdução partiram para a família de palavras. Após a explicação, completaram os quadros com palavras da mesma família. Para ajudar a completar os quadros, foram à procura de palavras no dicionário.

Os meninos foram para o intervalo e, quando voltaram, corrigiram, com a ajuda da minha colega, as palavras que tinham escrito. Esta correção foi um pouco agitada porque a minha colega não organizou bem o espaço do quadro.

A seguir distribuiu uns envelopes e deu regras para a utilização dos mesmos.

Realizou uma atividade com os algarismos móveis em numeração romana, ex: “IX”, que quantidade representa? Porquê?

No final da manhã dirigi-me à outra sala de segundo ano para tomar conta deles visto que a professora se ausentou para a hora de almoço.

Inferências

As aulas sobre Estudo do Meio são importantes nos dias que correm. Cada vez mais estamos em constante contacto com os avanços científicos.

Segundo Martins et al. (2009):

Cada vez mais os cidadãos devem ser cientificamente cultos, de modo a serem capazes de interpretar e reagir a decisões tomadas por outros, de se pronunciarem sobre elas, de tomar decisões informadas sobre assuntos que afectam as suas vidas e a dos outros. (p.11)

Para além destas aulas serem muito estimulantes para os alunos são também uma forma de os preparar para serem bons cidadãos. Por este motivo é importante que a prática das ciências seja ativa na escola.

Dia 8 de novembro de 2010

O dia começou com a recolha dos trabalhos de casa e diálogo sobre o fim de semana, em que cada criança falou das atividades feitas com os pais.

A professora indicou quais os chefes para esta semana e pediu a dois meninos para irem buscar o 5º Dom. De seguida recordou as regras do material e colocou um acetato, com uma imagem da construção da colmeia, no projetor para os meninos fazerem igual. Com a ajuda da imagem e das indicações espaço-temporais da professora todos fizeram a construção da colmeia, que consiste em 6 colmeias pequenas e uma grande.

Resolução de exercícios matemáticos elaborados pela professora, ex: Na colmeia grande havia uma centena e meia de abelhas. Menos três abelhas. Quantas abelhas ficam na colmeia?; Quantos quartos foram precisos para fazer as tuas colmeias mais as da tua colega?; Qual o triplo das colmeias pequenas?; Cada colmeia pequena tem 2 abelhas. Quantas tens no total?.

Os alunos, a partir da construção feita, realizaram uma construção livre e tiveram de criar uma situação problemática para a mesma.

Depois de arrumarem devidamente as caixas do 5.º Dom a professora escreveu a seguinte frase no quadro: A Joana comprou uma boneca. Pediu, posteriormente, para fazer a análise morfológica das palavras sublinhadas.

Inferências

O material usado neste dia foi o 5º Dom de Froebel. Como o nome indica foi o senhor Friedrich Froebel que inventou este material.

Com este material podemos trabalhar o equilíbrio, a lateralidade, a noção espacial, a contagem, o raciocínio lógico, o cálculo mental, os números racionais, as situações problemáticas, as construções e a criatividade. (Caldeira, 2009)

No final da aula, a professora deixou-os ser criativos e cada um fez a sua construção. Depois da construção feita, tiveram oportunidade de fazer uma situação problemática a um colega sobre a sua construção.

No final da aula, realizaram a análise morfológica de algumas palavras. Neste aspeto é relevante falar da importância da gramática.

Tal como refere Reis e Adragão (1992):

(...) o ensino da gramática é considerado por muitos professores como essencial da disciplina de língua: outros consideram-no um mal necessário, um conjunto de itens que é preciso cumprir a qualquer custo. Para os alunos a gramática é frequentemente objecto de terror quando é ignorada e preferida em favor da interpretação. (p.63)

Os mesmos autores em cima descritos acrescentam ainda que “é necessário que o professor esteja ciente do lugar da gramática na língua.”(p.64)

A gramática deve ser dada de uma forma que cativa o interesse do aluno para que este não caia no erro de a ver como algo negativo, mas sim que lhe é indispensável para uma boa escrita.

Dia 9 de novembro de 2010

Realizámos com os meninos uma visita de estudo a um Palácio na zona de Benfica. Aqui, o jardim estava arranjado e tinha à sua volta réstias de um património histórico. Toda aquela casa também era património histórico. A casa era habitada e os meninos não puderam observar o seu interior, ficaram só pelo jardim.

No jardim pudemos encontrar estátuas antigas, já corroídas e desgastadas, árvores e arbustos recortados de modo a terem uma forma regular, aves à solta (nomeadamente patos) e nos muros que faziam fronteira ao jardim, azulejos com imagens; no entanto, como estavam também desgastados, faltavam bocados em certos azulejos.

Após preencherem uma folha que lhes foi dada no início da visita, foram para uma sala muito pequena. Nesta sala foi dada uma brochura, à qual tiveram de anexar a folha onde escreveram. Para anexar, deram-lhes um cordel, o que se revelou ser difícil para os meninos fazerem. Nós, estagiárias e professoras, tivemos de ajudar dando o nó no cordel.

Inferências

As visitas de estudo são algo que as crianças costumam gostar muito, porque foge à rotina de sala de aula.

Segundo Monteiro (1995):

“A visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos dado o carácter motivador que constitui a saída do espaço escolar. A componente lúdica que envolve, bem como a relação professor-alunos que propicia, leva a que estes se empenhem na sua realização”(p.188)

Todo o envolvente de observar algo novo leva a que a criança se motive e se interesse. A visita de estudo, para além de o aluno sair da rotina, constitui uma forma de aprendizagem que favorece a aquisição de possíveis conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho e facilita a sociabilidade.

Para a realização de uma visita de estudo, o professor deve proceder a um estudo sobre a mesma para que tudo corra bem. Monteiro (1995) diz que o professor deve ter em conta a definição dos objetivos, o local e a data, o dossier-guia, a realização da visita, os produtos e a avaliação e a participação dos alunos.

Dia 12 de novembro de 2010

A diretora do Jardim-Escola apareceu para me fazer uma aula surpresa. Pediu para eu dar os adjetivos e deu-me um texto para trabalhar. Fiquei nervosa e iniciei a aula sem fazer a leitura modelo. Pedi logo aos alunos para lerem individualmente um parágrafo do texto.

Depois da leitura passei à interpretação questionando os alunos sobre o que leram não tendo sido muito clara nem objetiva o que dificultou as respostas dos alunos.

Na exploração gramatical, em que devia ter trabalhado os adjetivos, também não fui muito incisiva nas perguntas induzindo em erro alguns alunos.

Solicitei aos meninos que me fizessem frases com adjetivos; no entanto, aceitei frases que não tinham adjetivo. Usei como exemplo a frase: “A estrela brilha”, quando deveria ter dito “A estrela brilhante”.

Apesar de tudo, integrei os meninos que chegaram atrasados, explicando-lhes o que estávamos a fazer no momento.

Após terminada a minha aula de 30 minutos e a diretora se ter ido embora, veio a professora Filomena Caldeira observar a aula surpresa da Francisca.

A Francisca tinha de fazer a interpretação do texto escolhido na altura pela professora e falar dos determinantes. Depois de ter pedido para irem para determinada página, ela interligou português com matemática. Houve uma menina que abriu o livro numa determinada página e ela perguntou-lhe quantos páginas faltavam para a que ela tinha pedido.

Fez a leitura preparatória do texto e a interligação com a minha aula. Como a minha aula não tinha corrido muito bem, ela focou mais a sua aula nos adjetivos do que nos determinantes, que foi o tema que inicialmente lhe tinham pedido.

Inferências

Esta aula não me correu bem. Comecei com a leitura do texto e depois fiz a interpretação. Como não fui muito criativa na altura, não consegui realizar algo

fantástico com o tema que me foi dado. O tema em si não era difícil, porque era só a noção de adjetivo, mas com os nervos de ser uma aula surpresa, não consegui uma boa prestação.

A criatividade num professor é muito importante. Com ela, o professor vai transmitir os conhecimentos de forma lúdica aos meninos, levando-os a ficar mais motivados para aprender matérias que até podem não ser muito interessantes.

Segundo Spodek e Saracho (1998):

A criatividade é o processo de desenvolvimento de produtos originais de alta qualidade e genuinamente significativos. A educação das crianças pequenas deve enfatizar o desenvolvimento e a geração de ideias originais, que são a base do potencial criativo.(p.352)

Quando um professor é criativo, leva as crianças a puxarem também pela sua imaginação. Enquanto são pequenas e lhes é desenvolvida esta capacidade, muito mais facilmente ultrapassam problemas posteriores, que não podem ser resolvidos por meio de respostas simples ou demasiado objetivas.

Dia 15 de novembro de 2010

Nesta manhã dei, mais uma vez, as três áreas curriculares. Comecei pelo estudo do meio com o tema “As profissões”.

Exibi várias imagens e dialoguei com as crianças sobre as mesmas. Falámos sobre o que representava cada uma delas e a importância daquela profissão. Como não realizei mais nada durante o tempo que falei e exibi as imagens, a aula tornou-se muito expositiva e, por isso, começou a haver desinteresse por parte dos alunos.

O interesse veio depois, quando distribuí uma colher e dei um pouco de mel a cada um. Como falei no apicultor, resolvi dar a cada aluno o produto da colmeia.

Falámos também sobre a profissão de bombeiro. Usei esta profissão como meio para introduzir a área da língua portuguesa.

Após ter pedido para distribuir o texto, fiz a leitura modelo. Pedi posteriormente para alguns alunos lerem o texto. Fiz a interpretação do texto e passei para a explicação do que era um adjetivo.

Passei posteriormente para a área da matemática. Comecei por exibir a imagem de um camião. Nessa imagem as crianças tinham de procurar figuras geométricas. Depois distribuí a cada menino um conjunto de figuras, que tentei explorar. Ao mesmo tempo que falava das figuras, ia expondo-as no quadro.

Inferências

Com as aulas que damos, estamos sempre a aprender até mesmo que seja o que não devemos fazer. Os professores devem estar em constante formação. Começamos por estudar e aprender a ensinar e passamos para a vida ativa, onde temos de nos adaptar a cada ano de escolaridade e à realidade de cada escola. Estamos sempre a aprender novas técnicas para ensinar.

Segundo Cunha (2008):

Entende-se por “formação de professores” o processo pelo qual os futuros professores, ou professores em exercício, se preparam para desenvolver em exercício, se preparam para desenvolver a função de docência. É considerado ainda como um conjunto de medidas que visam facilitar aos futuros professores o “aprender” a “ensinar” e, aos professores em exercício, a contínua melhoria da actividade profissional (Feliz, 1991), materializada na articulação de conhecimentos, habilidades, tarefas e métodos, como objectivo de promover o desenvolvimento de atitudes e de competências – aprender a como ensinar (Carreiro da Costa, 1994). (p.100)

O professor é um estudante que nunca deixa de estudar durante toda a sua vida. Desde que começa numa Escola Superior até ao final da sua carreira como docente, o professor deve sempre a adaptar-se às novas circunstâncias.

Dia 16 de novembro de 2010

Neste dia duas estagiárias de segundo ano deram aula. A primeira deu a dentição e a segunda a higiene oral. Cada uma tinha 30 minutos, no máximo, para completar a sua aula.

A primeira distribuiu às crianças uma proposta de trabalho, que ia realizando ao mesmo tempo que falava. Como a proposta de trabalho era muito extensa, ela passou o tempo estipulado e teve de parar a aula a meio.

A segunda tentou acalmá-los mas sem sucesso realizando a explicação da sua aula muitas vezes ainda com barulho. Oralmente, realizou a explicação da importância de ter uma boa higiene oral e no fim distribuiu uma escova e uma pasta de dentes. A aula teve uma duração de 10 minutos mas como ela se apercebeu que tinha acabado muito cedo começou a recapitular passando então aos 16 minutos de aula.

Depois do recreio, a professora ensinou a multiplicação com dois algarismos no quadro e distribuiu uma folha para realizarem alguns exercícios sobre o que tinham aprendido.

Inferência

É importante relatar nesta inferência a gestão do tempo. Nenhuma das duas colegas conseguiu controlar bem o tempo. Uma delas excedeu-o, outra nem a vinte minutos chegou.

A gestão de tempo é muito importante, pois através de uma boa gestão podemos conseguir realizar tudo o que planeamos. Para os alunos, passar muito tempo na mesma área pode criar desmotivação.

Segundo Morgado (2004):

parece importante que o professor considere a necessidade de que o tempo seja utilizado com a melhor qualidade possível e que os próprios alunos, através de processos de auto-regulação e com o natural apoio do professor, aumentem a sua capacidade de gerirem a realização das suas actividades ou tarefas também em função do tempo. (p.94)

Também as crianças devem aprender a gerir o seu tempo. Assim, quando o professor dá um tempo para a realização, por exemplo, de um teste os alunos têm de o saber gerir muito bem. Normalmente, é-lhes ensinado a deixar as questões mais complicadas, ou que não se lembram, para o fim.

Dia 19 de novembro de 2010

A minha colega de estágio vai dar aula na próxima segunda-feira. Como estratégia de motivação pediu às crianças para trazerem peças da Playmobile. Esta marca é muito conhecida e quase todas as crianças têm uma ou outra construção. Os alunos ficaram muito entusiasmados com esse pedido e ao mesmo tempo que se iam lembrando do que tinham em casa, iam-lhe perguntando se poderiam trazer isto ou aquilo.

A professora começou o dia com a distribuição das capas dos trabalhos, para que os alunos acabassem trabalhos da véspera. Como entretanto a professora se ausentou da sala para uma reunião com a diretora, a Francisca ficou a trabalhar com esta turma enquanto eu fui para o outro 2.ºano. Comecei por pedir-lhes que abrissem uma folha nova, com o nome da escola, data e nome do aluno, para que, a seguir, iniciasse um ditado. Quando acabaram o ditado, voltei a ler o texto para que todos aferissem o que fizeram ou o que faltava e pudessem completar.

Depois do ditado pedi aos meninos para acabarem os trabalhos em atraso e aqueles que não tinham nada para fazer pedi que estudassem a tabuada. Para me ajudar a controlar a disciplina pedi a uma aluna que, no quadro, registasse o nome de quem não estivesse a trabalhar.

Inferências

A minha colega Francisca conseguiu motivar as crianças para a sua aula pedindo-lhes que trouxessem o Playmobile.

Segundo Balancho e Coelho (1996):

“Motivação, como processo, é aquilo que suscita ou incita uma conduta, que sustém uma actividade progressiva, que canaliza essa actividade para um dado

sentido.”(p.17) Motivação é algo que leva o outro a fazer algo, que lhe desperta a atenção. Ainda segundo os mesmos autores: “Pela motivação, consegue-se que o aluno encontre motivos para aprender, para se aperfeiçoar e para descobrir e rentabilizar capacidades.”(p.17)

A motivação manifesta-se em todos os campos da atividade, levando assim a um interesse total da mesma.

Na turma onde estive senti-me um pouco desconsiderada por eles. Não respondiam ao que lhes pedia. Embora, quando me referia a colocar os nomes no quadro, eles acalmassem um pouco.

Segundo Carita e Fernandes (1997):

“A indisciplina é uma situação em que frequentemente os professores se sentem desconsiderados, desprezados, questionados enquanto pessoas.” (p.15)

“Devido ao seu estatuto de adulto e ao poder que detém, o professor é ainda a pessoa-referência das crianças e dos jovens com quem trabalha, exercendo sobre elas uma influência marcante no seu desenvolvimento pessoal e social.”(p.23)

Como disse atrás, a turma não respondia ao que eu lhes pedia. Só quando eu dizia que ia apontar os nomes no quadro, é que se portavam bem. Esta técnica é usada, muitas vezes, pela professora da sala para eles se portarem bem. Por isso nesta turma podemos observar bem como o professor é uma influência marcante.

Dia 22 de novembro de 2010

Neste dia a Francisca deu aula. Começou por estudo do meio, em que falou de instituições e serviços. Os meninos foram colocando em cima da mesa peças de Playmobile que trouxeram. Estes objetos estavam divididos por instituições. Foi interagindo com as crianças, pedindo para falarem um pouco do objeto que traziam.

Havia meninos que não tinham trazido nada e um deles lembrou-se de fazer um chapéu com um bocado de papel e depois desenhou uma cruz para fingir de chapéu de enfermeiro. Muitos outros imitaram o feito, porque também não tinham trazido nada.

Depois houve um menino que, a partir de dois chapéus, fez uma carta que serviu para representar os correios.

A minha colega, ao longo da aula, foi fazendo várias perguntas aos meninos e uma delas foi como se chamava a pessoa que trabalha numa biblioteca. Só uma menina é que levantou o dedo porque a mãe dela tem a profissão de bibliotecária. Ela teve alguma dificuldade em integrar os alunos que iam chegando atrasados. E chegou a fazer retornos à calma, porque os meninos ficaram excitados por ver os seus brinquedos.

Para terminar a aula dividiu a turma em dois grupos: “os guardas” e “os turistas”. Os que ficavam sentados enquanto os outros viam a exposição eram os guardas e depois trocavam.

De seguida a minha colega passou para a aula de português, em que exibiu um powerpoint e explicou os verbos. Depois distribuiu uma folha para completarem os espaços em branco com os verbos que tinha no passado, presente e no futuro. Após a conclusão da mesma, realizou a correção. No lugar, os meninos fizeram autocorreção dos exercícios na ficha.

Para concluir a sua manhã de aula, deu matemática cujo tema eram os sólidos geométricos. Exibiu vários sólidos geométricos realizados por ela. E fê-los passar pela turma para observarem melhor. Falou um pouco de cada um e depois passou para um jogo onde dividiu a turma em vários grupos e cada grupo tinha um sólido geométrico. Depois, grupo a grupo, fizeram perguntas e se acertassem, avançavam casas. Para terminar o jogo propôs à turma que encontrassem o maior número de objetos do dia a dia que se parecessem com o seu sólido. Quantos mais objetos encontrassem, mais casas avançavam.

Inferências

Na aula de estudo do meio a Francisca conseguiu cativar a atenção das crianças porque pegou nas construções da Playmobile e, ao mesmo tempo que deu aula, foi brincado com eles.

Segundo Cunha e Nascimento (2005):

“Brincar é fundamental porque brincando a criança expressa necessidades e desenvolve potencialidades. O desafio contido nas situações lúdicas provoca o pensamento, exercita habilidades e leva a criança a alcançar níveis de desempenho que só as ações por motivação intrínseca conseguem.” (p.14)

Quando a criança brinca, ela diverte-se e vai aprendendo o conteúdo de uma forma mais prazerosa. Na aula da minha colega, eles estavam contentes e muito entusiasmados com o tema fazendo aprendizagens significativas.

Dia 23 de novembro de 2010

Como estava a haver aulas programadas noutra sala a professora permitiu que fôssemos assistir.

Fomos assistir à aula programada da colega Vânia. Ela vinha vestida a rigor com um traje de jornalista antigo. Começou a aula por distribuir uma notícia. Depois falou sobre os vários tipos de jornais e sobre os componentes de uma notícia, dizendo que o lead deve responder às perguntas: Quando?; O quê?; Como?;(…).

No estudo do meio falou do rei D. Dinis e das navegações portuguesas. Também falou sobre a peste negra. Todo o diálogo foi feito oralmente sem o auxílio de qualquer instrumento informático ou em formato de papel.

Por fim, a minha colega expôs no quadro uma expressão numérica que os meninos teriam de realizar. Mas, para o realizar, os meninos teriam de seguir enigmas. Esses enigmas iam dando pistas aos alunos, que deviam de prosseguir com a leitura de outro enigma. Após terem terminado os enigmas começaram as regras para a realização da expressão numérica. Ao lado do quadro estavam diversas caixas fechadas com vários resultados. Se acertassem no resultado da operação, ganhavam um prémio. Conseguiu acabar a expressão numérica dentro dos 60 minutos da aula e os meninos receberam o prémio, que era chocolates disfarçados em barras de ouro pequenas.

Houve depois uma reunião com as professoras da supervisão pedagógica. Após a reunião, voltámos para a sala onde a professora Vera estava a fazer revisões de matemática. No quadro tinha exposto o número 145802. Pediu aos meninos para o

lerem por ordens e por classes. Fez ainda algumas perguntas como: Qual o algarismo de ordem 4?; Qual o algarismo das dezenas de milhar?; Quantas dezenas de unidade tem o número?; etc.

Inferências

Ao longo de todo o estágio podemos assistir a várias provas. Estas provas são importantes, pois, com elas aprendemos e temos um feedback de pessoas capacitadas para o reconhecimento da nossa prática.

Segundo Sá-Chaves (2007):

Ao estimular os níveis reflexão e de consciencialização desses mesmos participantes e ao potenciar a possibilidade de diversificação, aprofundamento e aferição de perspectivas, esta estratégia não apenas contribui para a estruturação intrapessoal do conhecimento como facilita, se desenvolvida ao longo de um período de tempo, a compreensão dos processos que traduzem o seu fluir. (p.8)

Todo o feedback dado pelos supervisores é importante, pois, com eles podemos aprender e desenvolver as nossas capacidades.

Dia 26 de novembro de 2010

O dia de hoje começou com o teste de português. A professora começou por ler com eles o texto e retirar possíveis dúvidas.

Houve uma menina que se tinha aleijado anteriormente e veio à escola só para fazer o teste. Os colegas foram muito queridos com ela e perguntaram-lhe como estava. Houve mesmo uma menina que fez um desenho para lhe dar.

Depois do intervalo vieram para a sala onde a professora fez um ditado de números. As respostas eram dadas dentro de uns morangos, que estavam desenhados numa folha quadriculada. Por fim, realizaram operações aritméticas que seria para avaliação formativa.

Inferências

Nesta inferência vou dar importância à menina que chegou atrasada e que se magoou. Como relatei em cima, a menina, quando chegou, foi muito bem recebida pela turma. Esta turma tem uma grande afeição por esta colega, chegando mesmo a ser a “líder” deles. Todos a seguem, chegando mesmo a ficar aborrecidos quando esta não os deixa brincar com ela.

Segundo Spodek e Saracho (1998):

“As crianças pequenas aprendem umas com as outras a serem a si mesmas como líderes, como seguidoras ou como isoladas. Quando elas são aceitas e apreciadas por seus pares, elas se tornam confiantes e seguras e, portanto, têm um melhor desempenho escolar.” (p.150)

A autoestima desta criança é muito alta e, por isso, fazem tudo o que ela fizer para se sentirem integrados. O seu desempenho escolar é bastante bom e, muitas vezes, lhe pedem ajuda na turma.

Dia 29 de novembro de 2010

Fizeram a leitura do texto “Aula ao ar livre”. Após terem lido o texto, realizaram a interpretação e análise gramatical do mesmo. Começaram a realização do exercício caligráfico e continuaram após o intervalo.

Por volta das 11h45m um menino veio falar com a professora e perguntou-lhe o que era para fazer. Importa salientar que este menino ainda nem o exercício caligráfico tinha feito. A professora repreendeu-o pela sua falta de cumprimento da tarefa pedida mesmo antes do recreio.

Inferências

A prática continuada da leitura e interpretação de textos é importante para o desenvolvimento da língua na criança.

Segundo Reis e Adragão (1992),“O ensino da língua materna ocupa, em qualquer sistema escolar, um lugar diferente e privilegiado dentro do curriculum na medida em que goza do duplo estatuto de disciplina e de veículo de ensino/aprendizagem das outras disciplinas.”(p.27)

Toda a prática de leitura e diálogo favorece o contacto com o mundo. A leitura, porque para onde olhamos ela está presente, seja em cartazes, montras, etc. Já a interpretação proporciona à criança meios para comunicar com o outro. À medida que a criança vai realizando a interpretação, também ganha o hábito, se for exigido, de respostas completas, o que vai proporcionar maior capacidade de evolução do seu vocabulário.

1.2. 2ªSecção

Período de estágio de 30 de novembro a 11 de fevereiro

Faixa etária: 3.ºAno

Professora Cooperante: Susana Garcia

1.2.1. Caracterização do grupo

A turma é constituída por vinte e sete alunos, dos quais desaseis elementos são do sexo feminino e onze do sexo masculino.

A turma, na sua maioria, em termos socioeconómicos, pertence à chamada classe média/média alta. A maioria das crianças tem pais com curso superior e exercem-no profissionalmente.

Vinte e quatro destes alunos vivem perto da escola e três vivem longe. Onze deslocam-se a pé, uma utiliza transportes públicos e quinze vem com os pais de carro.

Esta turma é interessada no ambiente que a rodeia, mantendo-se interessada no decorrer das aulas. No entanto, alguns alunos distraem-se com muita facilidade, deixando por vezes trabalhos por fazer.

A partir de testes diagnósticos foi possível tirar as conclusões que passo, em seguida, a enumerar; na área da matemática revelam dificuldade na resolução de situações problemáticas não rotineiras, nos algoritmos da divisão e multiplicação (os alunos ainda não memorizaram a tabuada), na leitura de números e na numeração romana. Na área de língua portuguesa, os alunos revelam dificuldade na produção de textos, na conjugação de verbos e cometem erros ortográficos.

Quatro alunos revelam muitas dificuldades e frequentam o apoio individualizado.

1.2.2. Caracterização do espaço

A sala encontra-se situada no primeiro andar da escola, perto das casas de banho e da biblioteca, e tem 28 lugares. Durante o tempo em que lá estagiei a sala mudou de aspeto. No início as carteiras encontravam-se expostas em filas. Todas as mesas estavam divididas por quatro filas e juntas entre si. Só havia uma mesa, que estava sozinha no fundo da sala. A meio, a professora modificou e colocou-as em grupos. Tinha as mesas divididas por cinco grupos.

1.2.3. Rotinas

Os meninos, logo de manhã, quando chegam à escola, sentam-se no salão a ver televisão. Às nove horas levantam-se e fazem uma roda onde os mais pequeninos (bibe amarelo) ficam no centro e os mais velhos (4.ºano) fecham a roda por fora.

Quando chegam à sala na maior parte dos dias realizam operações de divisão no quadro e no papel.

1.2.4. Horário

Quadro 3 – Horário das atividades do 3.º ano

Horas	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00–9.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10.00–10.50	Portuguesa		Portuguesa		Portuguesa
11.00-11.30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11.30-12.10	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12.10-13.00					
13.00-14.30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio
14.30-15.20	Estudo do Meio	ACND	ACND	ACND	Educação Musical
15.20-16.10			Clube de Ciência	Biblioteca/ Informática 15.00-16.00	Expressão Artística 15.00-16.00
16.10-17.00	Hora do Conto	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Assembleia de turma ACND
17.00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
17.15	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída

1.2.5. Relatos diários

Dia 30 de novembro de 2010

Quando entramos nesta sala, fomos apresentados à turma.

O dia de hoje começou com um teste de Estudo do Meio/História.

À medida que os meninos iam acabando, a professora ia dando uma folha com exercícios de matemática. Esta folha continha exercícios sobre medidas de comprimento. Era pedido para realizarem as transformações de uma medida de comprimento para a outra e a interpretação de um problema. A professora disse-nos que

eles só tinham aprendido esta matéria há pouco tempo, por isso tentei ajudar os que tinham mais dificuldade.

Inferências

A avaliação por meio de provas é importante, pois é a partir delas que o professor percebe quais as dificuldades da turma e onde deve investir mais.

Segundo Villas-Boas (2006):

“A avaliação existe para que se conheça o que o aluno já aprendeu e o que ele ainda não aprendeu, para que se providenciem os meios para que ele aprenda o necessário para a continuidade dos estudos.”(p.25)

Com a avaliação o aluno pode conhecer quais as suas dificuldades e aperceber-se onde errou para que ele próprio possa buscar o conhecimento para superar as dificuldades de uma forma autônoma.

3 de dezembro de 2010

Neste dia a minha colega Cláudia deu aula no terceiro ano.

A aula dela era sobre os Lusitanos. Desenvolveu um diálogo com eles, mas manteve sempre o mesmo tom de voz. Perguntou se sabiam o que era hipismo e um menino foi ver o que era no dicionário. Durante o diálogo que ia realizando com eles apontou para o mapa, que havia na sala, para os meninos terem noção de onde ficavam os sítios que ela estava a mencionar.

Para trocar de tema colocou duas imagens de Viriato no quadro. Com as imagens, ela realizou o retrato físico e foi dando informação sobre o retrato psicológico. Foram os meninos a escrever no quadro o que iam falando de cada retrato.

Por fim passou para a área da Matemática, distribuindo uma folha e falando sobre o tema que era múltiplos e divisores de 10, 100 e 1000. Na folha que distribuiu estava toda a informação teórica para os alunos poderem estudar.

Como habitual, depois das aulas assistidas temos a reunião com as professoras da supervisão pedagógica onde recebemos o feedback do nosso desempenho na aula dada.

Inferências

Todas temos de praticar para aperfeiçoarmos a nossa maneira de agir. Daqui a pouco tempo estaremos todas frente a uma turma e com isso vêm outras responsabilidades para além de dar aulas.

Segundo Pires (2001), “a escola do 1.ºCEB é também caracterizada por um regime de monodocência, que conduz a uma responsabilidade integral do professor por todos os processos educativos dos alunos, sejam eles de carácter curricular, pedagógico, social, moral, etc.” (p.7)

Como referido na citação em cima recai sobre o professor todas as envolventes que é ter uma turma a seu cargo. Assim, não basta seguir o currículo, temos de nos preocupar com outras variantes.

6 de dezembro de 2010

Hoje foi dia de ensaio para a festa de natal. Eu e a minha colega ficámos numa sala a trabalhar com alguns alunos enquanto outros ficaram com as professoras noutra sala. De vez em quando iam trocando para que todos pudessem ensaiar.

Por volta do meio-dia e quarenta e cinco o alarme da escola tocou e, em menos de dois minutos, estávamos todos no exterior do edifício e organizados no recreio. Foi uma simulação de incêndio organizada pela diretora.

Inferências

Neste dia ocorreu o primeiro simulacro para quando houver um incêndo. É positivo treinar para quando houver algum problema ninguém entrar em stress. Como na escola já estão habituados a realizar este tipo de intervenção em menos de 2 minutos todos estávamos no exterior do edifício.

Segundo o Serviço de Protecção Civil de Portugal (1999):

O Plano de Emergência por mais bem concebido e elaborado que seja, perde todo o seu interesse se, de acordo com ele não forem realizados exercícios práticos destinados a verificar periodicamente a sua operacionalidade e a rotinar procedimentos. Os exercícios devem ser executados em função dos cenários mais prováveis. (p.19)

O treino previne para quando acontecer algo sério ninguém entrar em pânico. Como se torna algo comum as pessoas e crianças fazem-no sem preocupação.

Dia 7 de dezembro de 2010

Mais um dia de ensaio de natal. Desta vez realizámos o ditado lacunar de uma das canções de natal. A canção escolhida pelas professoras era aquela que eles estavam a ter dificuldade em decorar. Comecei eu a fazer o ditado mas, depois, eu e a Francisca deixámos as outras estagiárias de segundo ano participarem mais ativamente nesta atividade. A partir desse momento foram elas a ditar. No entanto, tanto nós como elas tínhamos muitas vezes de ir ditar ao lugar, visto que com as entradas e as saídas para o ensaio alguns não tinham tempo de acabar o ditado.

Quando terminaram o ditado, no verso da folha, tinham o verbo “treinar” para conjugar nos vários tempos, todos no modo indicativo.

Inferências

A realização da prática da gramática é importante, pois ajuda a criança a construir o seu conhecimento sobre a sua língua materna.

Segundo Pereira (2010):

A ideia de que a explicação gramatical deve acompanhar, desde os primeiros anos de escolaridade, o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita é actualmente acolhida de forma pacífica no âmbito da didáctica da língua materna. Este consenso dever-se-á ao facto de a investigação realizada nesta área ter vindo demonstrar que, para se atingir um nível elevado de desempenho na competência

de escrita e na compreensão de leitura, é necessário um profundo conhecimento da língua, ou seja, um conhecimento explícito do seu funcionamento. (p.145)

Quanto mais a criança pratica mais ela vai conseguir usar a língua materna em proveito próprio. Neste caso a professora colocou-os a treinar a conjugação de verbos que para uns é fácil mas para outros ainda apresenta muitos obstáculos.

Dia 13 de dezembro de 2010

Novamente dia de ensaio de natal. Desta vez ajudámos na realização do teatro.

De regresso à sala de aula realizaram exercícios que a professora tinha preparado numa folha quadriculada.

Inferências

A festa de Natal é muito importante, pois, com ela há uma maior interação entre a escola e a família. No entanto, cabe aos professores e à escola desenvolver várias atividades para que os pais possam ser mais ativos na educação dos filhos.

Segundo Stoer (2005), citado por Reis (2008) a escola:

parece ser um elemento de certo modo indispensável para os pais, que encontram nela um tipo de apoio para as suas vidas quotidianas que não descobrem em qualquer outro sítio da comunidade. (p.20)

Para os pais a escola é um local confiável em que podem deixar os seus filhos e quando são envolvidos em atividades, como é o caso, ganham mais animo e empatia tanto com os professores como com os outros participantes nestas atividades.

Dia 14 de dezembro de 2010

No início da manhã pintaram a capa para guardar os testes. Enquanto isso, nós estagiárias, estávamos a arrumar os dossiês para, no dia da festa, os pais poderem ver. Depois a professora pediu às nossas colegas de segundo ano para distribuírem os testes

e ausentou-se durante um tempo. Quando dei conta, estava uma menina a chorar e eu fui perguntar o que se passava. Ela disse-me que o colega estava a comentar os doze erros do ditado dela e ela não queria que ele soubesse nem comentasse. Eu disse ao menino que não devia de fazer isso, que se fosse ao contrário ele não ia gostar. Depois disto mandei-o sentar.

Realizaram o ensaio final da festa de natal. Os meninos que não estavam na sala a ensaiar, estavam no exterior à espera que fosse a vez deles. Havia um menino que não queria estar ao pé do outro. E eu perguntei porquê. Ele respondeu-me que não se chegava ao pé dele, porque ele não tomava banho todos os dias.

Inferências

Este menino, do qual estou a falar no último parágrafo, é muitas vezes rejeitado pelos colegas. Neste caso vou falar na higiene. As crianças devem ter uma boa higiene porque, como no recreio brincam e suam muito, devem tomar banho todos os dias para não haver odores desagradáveis e para não ficarem sujos durante muito tempo.

Segundo Cordeiro (2009):

Ao contrário do que muitos adolescentes possam pensar, a falta de higiene não é apenas um problema que pode interferir com a saúde. Pelo contrário, ele está directamente relacionado com o bem-estar e com a auto-estima. Como? Basta pensar que um adolescente com problemas de higiene terá certamente muito mais dificuldades de relacionamento, nomeadamente na escola ou junto de grupos de jovens da mesma idade.(p.105)

Este menino, como disse no relato, é rejeitado por não tomar banho todos os dias. É importante para a criança sentir-se integrada.

Tal como diz Cordeiro (2009):

é fundamental que os pais o apoiem e eduquem nesta área para que, mais tarde, ele o possa fazer sozinho, responsabilizando-se pela sua própria higiene, promovendo a sua autonomia e o gosto pela sua imagem. (p.105)

Se os pais deste menino lhe dessem essa informação, a criança com a idade que tem, já ia sozinho tomar banho.

17 de dezembro de 2010

Dia da festa de Natal.

Durante todo o dia, ajudámos as professoras em tudo o que necessitaram. Desde arrumar salas, arrumar dossiês, ajudar a arranjar os meninos, ir buscar material que faltava, etc.

Inferências

Nesta época natalícia muitas escolas fazem uma festa para mostrar aos pais. É para as crianças, e para a família, uma forma de aumentar os seus “egos”. As crianças porque se sentem orgulhosas pelos pais os estarem a ver e, muitas vezes, a filmar para mostrar ao resto da família. Também por estarem a exhibir uma peça de teatro, em que anteriormente trabalharam muito para chegar até este dia. Os pais, por sua vez, porque são os seus filhos que estão a atuar e por poderem dizer e comentar como foi que correu tudo aos seus amigos e outros familiares.

Segundo Oliveira (2001):

As actividades de exploração do corpo, da voz, do espaço, de objectos, são momentos de enriquecimento das experiencias que as crianças espontaneamente fazem no seus jogos.

A exploração de situações imaginárias, a partir de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo professor, dará oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro.(p.43)

Para além do dia importante que é para ambos, pais e filhos, para os meninos a prática da dramatização é importante para a comunicação e socialização da mesma. Com a prática da dramatização, a criança aprende a colocar-se no lugar do outro. Como vive vários papéis aprende a ser o outro e passa a entender melhor as ações do outro. Em termos de experiência também é um momento muito enriquecedor, pois provoca situações imaginárias.

3 janeiro de 2011

A professora dialogou com os meninos sobre o que aconteceu nas férias de natal.

Como tinham passado muito tempo de férias, a professora achou melhor fazer revisões. A professora começou por distribuir uma folha com exercícios da área da Língua Portuguesa, em que trabalharam a análise sintática, a análise morfológica, os verbos e os adjetivos. Na matemática realizaram exercícios de adição, subtração e multiplicação.

No final da manhã cantámos os parabéns a uma menina, com os pais presentes. Chegaram a cortar o bolo para os pais comerem, mas as crianças só comeram na hora do lanche, porque a seguir iriam almoçar.

Inferências

Neste dia os pais desta aluna vieram os dois à escola para cantar os parabéns à menina.

Durão (2001) diz que:

pode afirmar-se que no processo de educação escolar, um maior envolvimento dos Pais na escolarização dos seus filhos, e no acompanhamento da vida escolar, constitui um elemento positivo e dinâmico na socialização das crianças e dos jovens. O envolvimento dos Pais pode, também ser visto como um meio de formação de educação de adultos e de desenvolvimento pessoal, que terá, inevitavelmente efeitos benéficos sociais e educacionais, para além do impacto positivo nas crianças e jovens(p.23)

A menina ficou muito contente por ter os pais a cantarem-lhe os parabéns frente à turma.

4 de janeiro de 2011

A professora fez perguntas sobre a tabuada e fez revisões sobre as medidas de comprimento. Para isso utilizou uma ficha e, no final, fez a correção da mesma no quadro.

Fizeram a leitura de um texto sobre o dia de reis. Primeiro, fizeram a leitura silenciosa mas, depois, a professora fez a avaliação da leitura. Com esse mesmo texto realizaram um exercício ortográfico.

Inferências

É importante as crianças aprenderem a comunicar tanto com uma linguagem escrita como com uma linguagem oral. Ambas estão interligadas e proporcionam uma melhor aprendizagem da língua para a criança.

Segundo Martins e Niza (1998), “quando se inicia a aprendizagem formal da escrita e da leitura, é fundamental trabalhar as relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita e os processos que permitem a passagem de uma para a outra.” (pp.29 e 30)

Como estes meninos já estão no terceiro ano já não estão no início da aprendizagem mas necessitam também de praticar. Pois, a prática faz a perfeição.

7 de janeiro de 2011

A professora iniciou a aula com chamadas ao quadro. A criança que a professora chamasse, tinha de escrever uma palavra que ela dissesse no quadro. Para as crianças com maior dificuldade a professora escolhia palavras mais fáceis, para as crianças que sabiam mais escolhia palavras com maior complexidade linguística.

A seguir, a professora distribuiu uma folha com um quadro dividido em três colunas. Numa tinha a palavra nome, noutra verbo e, por fim, na outra adjetivo. A professora ditava uma palavra e eles tinham de a saber classificar morfológicamente.

(Ex: brincadeira (nome), brincar (verbo) e brincalhão (adjetivo).) e escrevê-la na coluna certa.

Entretanto a professora pediu à minha colega Francisca que lesse um texto com os alunos. Depois da leitura e interpretação do texto a minha colega realizou várias atividades com os alunos.

Inferências

Parece-me pertinente falar do Novo Acordo Ortográfico visto que houve chamadas ao quadro. Todas as turmas dos Jardins-Escolas João de Deus escrevem segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Segundo Casteleiro e Correia (2008):

O Novo Acordo privilegia, de certo modo, o critério fonético, em desfavor do critério etimológico. É o que sucede com a supressão, do lado lusoafriano, das chamadas consoantes mudas em palavras como ato (e não acto), direção (e não direcção), ótimo (e não óptimo), etc. Esta supressão, há muito consagrada do lado brasileiro, facilita a aprendizagem e o ensino da ortografia nas escolas. (p.5)

Para a criança que aprende agora a escrever não faz muita diferença. Até mesmo no terceiro ano muitas crianças se esqueceriam dessas letras visto que não as pernunciam.

10 de janeiro de 2011

Enquanto a professora falava com a Francisca eu fiz a leitura de um texto com os alunos. Depois da leitura realizei a interpretação do texto e um exercício ortográfico.

Na matemática a professora deu os múltiplos através de um powerpoint. Por fim, realizaram um exercício sobre a matéria nova.

Inferências

A escola deve promover leitores e para isso tem de haver um treino da leitura e de todos os constituintes da mesma.

Para Bastos (1999) “a escola é, assim, um dos locais privilegiados onde o encontro da criança com o livro se pode concretizar de forma cativante. E a escola deve ter como objectivo criar leitores activos;” (p.286)

Para promover a leitura primeiro temos de treinar a mesma, depois, utilizamos as bibliotecas e a leitura de livros indicados para a faixa etária do grupo.

11 de janeiro de 2011

Neste dia a professora distribuiu pelos meninos uma folha com uma imagem. Na imagem estava um homem com uma rede e uma borboleta a voar. Nessa folha os meninos tinham de se basear na imagem e realizar uma composição.

No final de realizada a tarefa, a professora corrigiu as composições e leu-as para a turma.

Inferências

É bom para as crianças usarem o processo criativo. Neste caso, com a elaboração desta composição, os alunos tiveram de usar a imaginação para criar algo novo.

Segundo Spodek e Saracho (1998): “As crianças devem ter oportunidades de usar livremente a sua imaginação, e os produtos do pensamento criativo devem ser aceites e valorizados.” (p.353)

Cada um realizou a sua composição e não havia nenhuma igual. Todos tiveram a oportunidade de expor as suas vivências num texto. A imaginação e a criatividade são duas capacidades que dependem da vivência do indivíduo. Quanto mais livre e estimulado for o indivíduo no seu dia-a-dia, mais imaginativo e criativo vai ser.

14 de janeiro de 2011

O dia de estágio começou com a realização de operações aritméticas no quadro. A professora optou por trabalhar essencialmente a operação da divisão. Os meninos, que não estavam no quadro, realizavam no lugar, as mesmas operações.

A seguir, a professora distribuiu uma ficha de português, onde se encontravam exercícios com verbos e com um texto para os alunos detetarem os erros ortográficos. Depois de dar algum tempo para terminarem a ficha, começou a ler o texto. Quando os meninos detetavam algum erro, tinham de lhe pedir para parar e a professora escolhia um dos meninos com o dedo no ar para ir ao quadro escrever a palavra corretamente.

Inferências

No terceiro ano, é considerada uma rotina, o facto do dia se iniciar com a realização de operações aritméticas, nomeadamente a divisão porque é onde os alunos apresentam maior grau de dificuldade. A professora vai ver o que os meninos estão a realizar no lugar, para ver se acabam primeiro que aqueles que estão no quadro. Quando terminam primeiro, e bem, estes recebem um autocolante.

Segundo Hohmann e Weikart (1997):

Para além da organização do ambiente, os adultos também planeiam uma rotina diária consistente que apoie a aprendizagem activa. Esta rotina permite às crianças antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia(p.8)

A rotina diária ajuda a criança a ter um grande sentido de controlo, pois sabem o que vai prosseguir sem ter de perguntar. Quando isto acontece cria bases solidas e segurança na criança.

17 de janeiro de 2011

A minha colega deu aula neste dia e dividiu a turma por grupos.

Iniciou a aula com uma história. Ao mesmo tempo que contava a história, ia exibindo, através de um powerpoint, imagens.

Distribuiu um puzzle e os meninos tiveram de o montar. A imagem que aparecia era diferente para cada grupo mas todas apresentavam um cavaleiro e um dragão. Após terem montado o puzzle, a minha colega pediu para eles colocarem com cuidado dentro da capa, isto porque por detrás da imagem estavam as regras para a resolução da divisão com números decimais.

Os meninos levaram a elaboração do puzzle como um jogo que tinham de acabar no mínimo tempo possível. Como quiseram ser muito rápidos, deixaram muito espaço entre as peças, o que se tornou um pouco complicado para ler o que estava por detrás do puzzle.

Fizeram uma divisão, que ela já trazia preparada, com as regras que tinha dado. Depois pediu a dois meninos para distribuírem uma proposta de trabalho. A proposta de trabalho tinha três imagens e a cada imagem estava associada uma divisão. Os meninos tinham de fazer a divisão que tinha a imagem do puzzle deles. Para realizarem tudo mais rápido havia meninos que ajudavam os colegas que tinham mais dificuldades e outros que acabavam primeiro para depois deixarem os outros copiarem.

Para interligar as aulas a Francisca continuou a contar a história e disse que o cavaleiro tinha suado. Com isto começou a dar o sistema urinário. Chamou uma menina e pediu para se colocar em cima de uma cadeira. Por trás da menina estava uma cartolina branca. Nessa cartolina desenhou o contorno do corpo dela.

Depois de desenhado o contorno do corpo humano, a Francisca colocou na cartolina vários objetos, que tinham uma forma parecida com os constituintes do sistema urinário. Ao lado desses mesmos objetos colou os nomes.

No lugar, cada menino tinha uma proposta de trabalho. Nessa proposta de trabalho os meninos tinham de colar feijões, grãos e fios de lã a imitar o sistema urinário. No fim tinham de escrever os nomes a lápis na folha.

Pelas 11 horas a turma foi ao recreio.

Continuaram a proposta de trabalho que estavam a fazer.

Por fim, exibiu um powerpoint com um texto. Ao mesmo tempo que ia passando o texto, havia uma voz que contava a história do texto.

Para terminar a sua manhã de aula a Francisca distribuiu um texto aos meninos e pediu para identificarem qual o verbo usado mais vezes. Depois disso realizou um exercício e fez a correção oral do mesmo.

Inferências

Nesta inferência vou falar do tempo livre que os meninos têm para o intervalo, onde brincam e interagem uns com os outros. Este período tem a duração de 30 minutos e tem início às 11h da manhã. Digo 11h da manhã, porque era o que observávamos, no entanto, ao longo do dia os meninos tinham vários intervalos.

Segundo Hohmann e Weikart (1997):

Este período do dia é destinado à brincadeira física, vigorosa, barulhenta. Adultos e crianças dispõem, pelo menos 30 a 40 minutos no exterior uma ou duas vezes por dia. Sem a limitação das quatro paredes, muitas crianças sentem-se à vontade para se movimentar, falar e explorar. Os adultos acompanham as crianças nas brincadeiras activas, conversam com elas e apoiam-nas, seja a dar-lhes balanço nos baloiços ou a acompanhar nas correrias, conforme necessário. O tempo no exterior permite às crianças brincarem juntas, inventar os seus próprios jogos e regras e familiarizarem-se com os ambientes naturais. Permite também aos adultos observar e interagir com as crianças num contexto que as faz sentirem-se confortáveis. (p.231)

No Jardim-Escola não há baloiços, mas não é por isso que deixa muitas vezes de haver interação professor/aluno. Normalmente, os meninos optam por brincarem entre eles mas, quando querem, vão ter com os professores e recebem muitos mimos.

O recreio, normalmente, está dividido em vários grupos. Uns estão num parque que existe no recreio, outros nas mesas a brincar com cartas ou cromos, outros ainda a brincar com brinquedos que trouxeram de casa, outros ainda, jogam à bola, etc.

O recreio é um momento de interação importante para a socialização da criança.

18 de janeiro de 2011

Segundo a rotina estabelecida nesta sala, os alunos iniciaram o dia com a resolução, quadro e no papel, da operação aritmética da divisão.

De seguida leram um texto e realizaram um exercício ortográfico do mesmo. Abriam o livro, depois de entregarem a folha à professora, e realizaram as perguntas de interpretação.

Na aula de matemática a professora usou o geoplano para avaliar as noções espaço-temporais e lateralidade dos alunos. Pediu vários perímetros e depois realizou vários exercícios de lateralidade. A professora pediu-me a mim e à Francisca, para a ajudarmos a avaliar os exercícios feitos pelos alunos.

Inferências

O geoplano é um material manipulativo que cativa a atenção das crianças. Para o seu manuseamento, as crianças usam a coordenação visual-motora, ou seja, coordenam a visão com os movimentos do corpo.

Segundo Caldeira (2009) este material tem como interesse pedagógico:

- familiarizar as crianças com diferentes tipos de polígonos mediante impregnação multissensorial;
- representar figuras geométricas observadas no meio envolvente;
- estimular a construção de um mesmo tipo de figura, variando a sua disposição no espaço; e com diferentes ângulos (para contrariar determinados estereótipos);
- desenvolver o sentido da simetria;
- treinar a colocação de figuras através de referências orais;
- fazer labirintos;
- fazer itinerários;

- Orientação e localização de pontos numa recta, segundo coordenadas lineares e localização de pontos no plano, com dois parâmetros direcionais (Ex.: desenhar um quadrado nas coordenadas: 1B, 1D, 3B, 3D);
- calcular perímetros;
- calcular áreas;
- construção de figuras equivalentes;
- composição e decomposição de figuras. (p.420)

Nesta aula a professora decidiu usá-lo para a realização de uma avaliação da lateralidade dos meninos. Do que pude observar, muitos acertavam, no entanto, havia alguns que, por falta de atenção, falhavam. Digo falta de atenção porque, quando ouviam novamente o que era pedido, realizavam bem. Só fiquei muito surpreendida com um menino. Este não conseguiu realizar a maior parte do que era pedido e como ficou aborrecido, resolveu brincar com os elásticos. Pedi-lhe para continuar, visto que era eu que estava a tomar nota do que fazia. Ele obedecia mas nem sempre fazia o exercício corretamente.

As atividades eram simples e, na sua maioria, a turma teve mais pontos positivos que negativos.

21 de janeiro de 2011

O dia começou com uma atividade na área de Língua Portuguesa depois das habituais divisões. A professora deu início a um ditado lacunar. Este ditado não foi feito pela professora, ou seja, ela distribuiu uma folha onde estava uma letra de uma música com lacunas e as crianças tinham de ir ouvindo a música e completando os espaços. Repetiu três vezes a música e depois os meninos passaram à elaboração do resto da ficha. No verso da ficha havia dois exercícios para fazer. Num desses exercícios havia um quadro e os meninos tinham de pintar as palavras que estavam escritas corretamente. No outro era fazer a análise sintática de uma frase.

No final da aula os alunos fizeram a correção de um trabalho de História de Portugal.

Inferências

O ditado é algo complexo para uma criança, pois ela tem de passar o que o professor ou alguém diz para a escrita. Neste caso, e para ser mais interessante, a professora usou a letra de uma música calma para eles realizarem um ditado. Ao mesmo tempo que ouviam a música, escreviam. Como o ditado era lacunar, não tiveram de escrever a música toda, mas só algumas palavras.

Segundo Castro e Gomes (2000):

Na situação mais simples de escrita por ditado, partimos de uma cadeia fonológica para chegar a uma sequência ortográfica. Podemos recorrer às correspondências fonema – grafema (via fonológica, a cheio), ou recuperar directamente a forma escrita da palavra a partir da forma fonológica correspondente (via lexical, a tracejado). (p.151)

No ditado, a criança tem de estar atenta para perceber bem o que é dito, se não perde-se com muita facilidade. Para além de ser um bom treino da língua, é um bom treino para a atenção.

24 de janeiro de 2011

Hoje dei mais uma aula e a primeira neste ano. Dei os bons dias e perguntei como tinha sido o fim-de-semana.

Exibi, no powerpoint, um texto. Fiz a leitura modelo do mesmo e depois pedi a alguns meninos para ler. Não realizei perguntas de interpretação e passei logo para a exibição dos determinantes possessivos. Dei alguns exemplos de como os usamos e pedi, posteriormente, para os identificarem no texto. No entanto, a forma como expliquei foi muito rápida.

Distribuí uma proposta de trabalho e, enquanto eles a faziam, levei ao computador duas meninas que chegaram atrasadas. Revi com elas o que foi dado e dei-lhes a proposta de trabalho.

Numa das minhas explicações, por estar muito nervosa, disse “determinantes artigo possessivos”, mas a professora corrigiu-me logo para não induzir as crianças em erro.

Na matemática dei o sistema monetário. Exibi um powerpoint com a informação teórica. Os meninos ficaram um pouco agitados quando lhes dei para as mãos notas de brincar para eles verem.

Depois da explicação, como a turma já estava dividida por grupos, distribuí o material que tinha realizado. Os grupos tinham todos o seu material e tinham que realizar cada um a sua situação problemática.

Chegadas as 11h fomos ao recreio

A minha aula foi adiada devido a um problema de saúde da professora.

Inferências

Neste dia dei mais uma aula para a professora. Estas aulas são importantes, porque estamos em constante aprendizagem para o futuro. É importante formar professores que se identifiquem com um determinado nível de ensino e se encaixem em todos os níveis de ensino.

Cunha (2008) fala em cinco princípios para a formação de professores são eles:

- Princípio de integração científico – pedagogia – a formação terá de/deverá abranger de forma equilibrada estas duas dimensões, pois o acto educativo pressupõe tanto a transmissão de conhecimentos científicos (“verdadeiros”) como uma intervenção com as teorias/formas mais adequadas ao processo ensino/aprendizagem (suavização);
- Princípio da unidade e da diversidade – a formação deverá apresentar um tronco comum, salvaguardando as necessárias especializações científicas e pedagógicas;
- Princípio da continuidade – a formação não deve ser um processo limitado no tempo (formação inicial), portanto, “fechado” e com pretensões a ser completo. Deve ser, isso sim, um processo aberto, em constante evolução, que não acabe na

formação inicial, mas que segue uma formação contínua, sendo “coextensiva à duração de vida activa do educador”;

– Princípio do isomorfismo – deverá existir uma harmonização entre a formação recebida pelo futuro professor e a formação que este virá a ministrar aos seus alunos. Será, portanto, levar a formar tal como se é formado. Contudo, teremos de ter um cuidado especial, pois a rigidez desta conduta poderá ser contrária à noção de uma educação em contínua evolução;

– Princípio da individualização – a formação deverá ter em conta a individualização. Este princípio implica, pois, uma participação activa do aluno/professor nos diversos aspectos do seu processo de formação. Tal vai desde a definição dos objectivos da formação, da selecção dos métodos pedagógicos, da elaboração dos planos de estudo, até à participação na avaliação. Este princípio deverá estar ligado ao princípio do isomorfismo, isto é, que os futuros alunos destes professores também participem nestes processos/produtos. (pp.104 e 105)

Todos estes princípios são importantes, tantos para os professores como para os alunos. Quando o professor aprende o que lhe foi ensinado, e ensina aos seus alunos de um modo simples e adequado, vai ter uma turma interessada e capacitada para a progressão.

25 de janeiro de 2011

A continuação da aula foi novamente adiada porque a professora da sala faltou. Quem a substituiu foi a própria diretora. Ela pediu a alguns meninos para irem ao quadro realizar algumas operações, enquanto os outros continuavam a ficha de português.

Durante o tempo que a diretora esteve na sala os meninos nem uma palavra disseram. Estiveram o tempo todo sossegados a trabalhar.

A professora de expressão plástica veio para substituir a professora e os meninos, com ela, já não estavam tão sossegados.

Depois do intervalo realizaram uma ficha de matemática.

Neste dia os meninos tiveram de almoçar mais cedo, porque os meninos da pré-primária tinham ido a uma visita de estudo e voltavam por volta das 13h.

Durante o almoço houve muita confusão. Neste tempo que estive a ajudar, houve muita demora na entrega dos pratos e na entrega da fruta. As senhoras, muitas vezes, fingiam que estavam ocupadas quando tentava falar com elas, até que me dirigi às professoras que estavam responsáveis e pedi as coisas para os meninos que estavam esquecidos na outra ponta do salão. Como foram as professoras a ir falar, elas já foram a essas crianças.

Inferências

Os meninos consoante a pessoa que está na sala têm atitudes diferentes. Eles com a diretora não realizaram qualquer borburinho já com a professora de expressão plástica não foi bem assim.

Segundo Vieira (2000), “nas salas de aula, é frequente encontrarmos professores com características diferentes que adotam diversos estilos de comunicação, muitas vezes em função das situações e dos alunos que têm à frente.” (p.41)

A comunicação que ambas usaram foi diferente. Uma utiliza mais a voz para impor respeito já a outra com um simples olhar ou uma simples expressão consegue que eles se calem. O silêncio que havia na sala, quando a diretora lá estava, era espantoso. Os meninos com outras professoras não são assim, muito pelo contrario, as professoras têm de passar a maior parte do tempo a manda-los calar.

28 de janeiro de 2011

Finalmente conclui a minha aula hoje. Comecei por recordar os determinantes possessivos e realizei algumas operações aritméticas.

Comecei a dar a aula sobre os símbolos nacionais. Iniciei a aula com a distribuição de umas folhas, que continham o hino nacional. Todos cantámos, levantados, ao som da música.

Passei então para a bandeira nacional. Distribuí uma bandeira a cada menino e, à medida que ia relatando o que simbolizava cada parte, os meninos tinham de escrever na parte de trás da bandeira.

A professora esteve a falar da minha aula nos momentos seguintes, enquanto os meninos se ocupavam de um trabalho.

Inferências

Com as nossas aulas estamos em constante aprendizagem e descoberta. A investigação que nos propõem sobre a nossa prática é extremamente importante, pois deste modo somos capazes de aprofundar os nossos conhecimentos e aprender como reagir a determinadas situações.

Segundo Loughran (2009), “os alunos futuros professores desenvolvem compreensões profundas acerca do ensino e da aprendizagem quando investigam a sua própria prática e quando são convidados a adoptar uma perspectiva de investigadores.” (p.34)

O professor deve ser um constante investigador e um prático reflexivo. Só assim, pode arranjar maneiras para um bom ensino.

31 de janeiro de 2011

Hoje foi dia da Francisca dar aula. Ela iniciou a aula com uma história ao som de uma música de Vivaldi. Essa história era a lenda das amendoeiras. Através da história explicou as ações dos mouros.

A Francisca tinha um envelope e nele havia ações que os mouros tinham realizado e coisas que eles nos tinham deixado. Foi passando por algumas crianças e pedia para ler o papel que lhes calhava; a partir daí, explicava cada opção que saía.

Realizou com eles uma proposta de trabalho onde tinham de fazer ligações e responder a algumas perguntas.

Depois passou para a área de Língua Portuguesa e exibiu um Powerpoint explicando oralmente as características gramaticais dos pronomes pessoais. Realizou, posteriormente, uma proposta de trabalho onde as crianças tinham de colar os pronomes pessoais no sitio certo e desenhar o que estava escrito em cada frase.

Para terminar, deu aula sobre os sólidos geométricos. Distribuiu a cada grupo um sólido geométrico e, ao mesmo tempo que ia distribuindo, ia falando dele (nome; faces; vértices; arestas). Os sólidos que usou foram o cilindro, o cubo, o prisma hexagonal, o cone e a pirâmide quadrangular. Distribuiu uns papélinhos que tinham sólidos geométricos. Cada grupo tinha de olhar para os seus papéis e dizer qual o nome do sólido, qual o número de vértices, qual o número de arestas e qual o número de faces. Por fim, apresentou um sítio na net sobre os sólidos geométricos.

Inferências

A minha colega, nas suas aulas, apela muito à aprendizagem pela ação.

Segundo Hohmann e Weikart (1997):

Através da aprendizagem pela acção – viver experiências directas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo. [...] As crianças agem no seu desejo inato de explorar; colocam questões sobre pessoas, materiais, acontecimentos e ideias que lhes provocam curiosidade e procuram as respostas; resolvem problemas que interferem com os seus objectivos; e criam novas estratégias para porem em prática.

Ao perseguirem as suas intenções, as crianças envolvem-se invariavelmente em experiências-chave – interacções criativas e permanentes com pessoas, materiais e ideias que promovem o crescimento intelectual, emocional, social e físico. (p.5)

Como puderam ler no relato diário, na área curricular de matemática, a minha colega colocou os meninos a observar os materiais e a retirar, por eles próprios, as informações.

Ela só observou se estavam a retirar as informações certas; o resto foram os meninos a descobrir e a fazer a reflexão do que observaram.

Com o sítio da internet, que exibiu no final da aula, os meninos ficaram muito entusiasmados e quiseram descobrir tudo o que havia. Nesse sítio havia vários sólidos geométricos e, quando se carregava neles, uns abriam e conseguíamos observar como era a sua planificação, outros mexiam, etc. Também ao lado dos sólidos havia características próprias de cada um.

1 de fevereiro de 2011

A professora iniciou a aula com a realização de um acróstico sobre a palavra amizade. Este acróstico foi feito em conjunto e foi a minha colega a escrevê-lo no quadro. Depois de terminado, todos escreveram numa folha e fizeram a ilustração do mesmo.

Durante o intervalo houve um problema entre umas meninas. Eu e a minha colega observámos uma menina a chorar e fomos ver o que se passava. A menina contou-nos que as colegas queriam que ela comesse uma folha. Confortámos a menina, mas ela continuou a chorar. Na sala, a professora falou com os outros alunos sobre o assunto. Com algum custo, as meninas contaram o que se tinha passado e a professora perguntou à lesada se era verdade, ao qual ela respondeu que sim. Segundo o que disseram mais tarde, fizeram aquilo à menina para que esta pudesse brincar com elas.

Inferências

Podemos considerar um acróstico como escrita criativa, pois a criança tem de imaginar e criar o que vai escrever.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987):

Ainda que toda a escrita discursiva, como relatórios, cartas, reportagens, etc., tem que ser composta de forma criativa, o termo escrita criativa é aplicado com maior propriedade às composições espontâneas imaginativas que são elaboradas como produto da fantasia ou da experiência. (p.159)

Os mesmos autores referem ainda que “A escrita criativa é um dos melhores meios para estimular os processos de pensamento, imaginação e divergência. Nas

atividades de escrita criativa colocam-se em evidência as relações entre a escrita e as outras expressões da linguagem” (p.159)

Este acróstico foi realizado em conjunto, ou seja, várias experiências e capacidades de imaginação foram postas à prova. A realização de atividades em grupo é bom, pois, além de desenvolverem o pensamento, trabalham em equipa para um fim.

4 de fevereiro de 2011

A professora distribuiu uma ficha de trabalho parecida com o teste para que os meninos possam treinar para o mesmo. Só no final é que fizeram a correção.

Inferências

Neste dia, os meninos só realizaram exercícios para treino que no final corrigiram com a ajuda da professora. Estes exercícios deram para eles perceberem onde tinham mais dificuldade.

7 de fevereiro de 2011

Mais um dia dedicado à prática pedagógica ativa:

Iniciei a minha aula com os bons dias e perguntei como tinha corrido o fim de semana.

Distribui um texto aos alunos e fiz a leitura modelo. Esqueci-me de pedir aos meninos para lerem e só o fiz mais tarde. A interpretação do texto não foi a melhor e o diálogo que fiz sobre o tema da aula, que era as onomatopeias e palavras onomatopaicas, também não. Posteriormente, realizei uma proposta de trabalho.

Na História de Portugal falei sobre a reconquista cristã. Expus um mapa da Península Ibérica no quadro e fui explicando o que aconteceu. Com pedaços de cartolina de cores diferentes dividi cada território. Para não ser só eu a falar fui pedindo aos alunos para colocarem esses “territórios” no local certo. Ao mesmo tempo que

colocavam o território, escreviam no quadro o nome do mesmo. Posteriormente realizaram uma proposta de trabalho onde tinham de identificar o nome de cada território.

Por fim, em matemática dei as medidas de capacidade. Levei para a aula dois copos com a mesma capacidade e dois jarros com capacidades diferentes. E fui perguntando o que iria acontecer. As crianças puderam observar que copos, com formas diferentes, tinham a mesma capacidade. E que os jarros não tinham a mesma capacidade e que um deles era metade do outro. Quando passei para as medidas de capacidade, que expus no quadro, atrapalhei-me um pouco na explicação. Realizei uma proposta de trabalho em seguida.

Inferências

Numa aula há sempre imensa coisa que o professor tem para melhorar e deve ter isso em conta. Para que tudo possa correr bem, o professor deve ser reflexivo e refletir sobre o seu trabalho.

Segundo Cunha (2008):

o educador profissional (professor) defronta-se, na sua prática pedagógica, com situações complexas, instáveis e únicas, que se definem, entre outros aspectos, pela especificidade dos locais, dos agentes interventivos e das culturas. Esta diversidade e complexidade exige do professor um conhecimento científico, técnico, rigoroso, profundo e uma capacidade de questionamento, de análise, de reflexão e de resolução de problemas, impondo-se, necessariamente, um novo conceito de professor – o professor reflexivo. (p.74)

Concluindo direi que um professor deve refletir sobre o que faz, para poder melhorar e aprender com os erros.

8 de fevereiro de 2011

Neste dia a professora chegou à sala muito aborrecida e chamou logo a atenção dos meninos para atitudes que eles têm, que se podem tornar perigosas. Isto aconteceu porque no dia anterior, após ela ter saído, um menino da turma dela foi para uma atividade que não estava inscrito e, numa das brincadeiras, magoou-se gravemente no dedo, indo parar ao hospital. De manhã, quando a professora chegou, foi logo chamada ao gabinete da diretora para lhe contarem o que aconteceu. Enquanto a professora dialogava com a turma sobre o sucedido, um menino, que tinha assistido, começou a chorar com pena do colega.

Após esta conversa esclarecedora os alunos realizaram a correção do trabalho de casa.

Foi-lhes pedido, posteriormente, que realizassem uma atividade para um concurso organizados pelos C.T.T. (Correios, Transportes e Telecomunicações). Esta atividade consistia na realização de um texto e de um desenho.

Inferências

Os acidentes devem ser prevenidos. Como aquele menino estava numa aula que não lhe pertencia teve o azar de se maguar. Brincadeiras mal calculadas podem dar em acidentes graves. Para que situações destas não aconteçam devemos planear e prevenir.

Segundo o Serviço de Protecção Civil de Portugal (1999), “estamos a prevenir, quando criamos condições para que os acidentes não ocorram, mas também quando contribuímos para a aquisição de hábitos de segurança. Planeamos, quando antecipadamente fornecemos informação sobre procedimentos concretos a tomar em situações específicas de emergência.” (p.3)

11 de fevereiro de 2011

Fomos assistir à aula programada de uma colega, no 4.º ano de escolaridade.

Ela começou com a aula de Língua Portuguesa. Colocou um cartaz no quadro e distribuiu palavras por vários meninos. No cartaz estava um texto com algumas lacunas. À medida iam as palavras os meninos tinham de ver qual a palavra que correspondia. A colega explicou que aquelas palavras eram palavras homófonas. Depois da explicação distribuiu duas folhas. Uma que continha a definição gramatical para palavras homófonas e outra, que tinha um exercício que deviam fazer.

De seguida, passou para a aula de Matemática. Deu as potências. Distribuiu o Cuisenaire por cada dois meninos. Explicou o que eram potências e pediu para representar com o material os exercícios que ditava.

Por fim, no Estudo do Meio, deu uma experiência que tinha a ver com o ar e a água. Começou por distribuir o protocolo e o material. Leram o protocolo e, à medida que os passos iam sendo lidos, iam realizando a experiência.

Reunião com as orientadoras e com as colegas de estágio.

Inferências

O material Cuisenaire é muito utilizado no Jardim-Escola desde os exercícios mais simples de associação de cor/valor (que se faz ainda em idade pré-escolar) até aos exercícios mais complexos como sejam, áreas, perímetros e como se viu nesta aula, o trabalho com potências. É um material extremamente rico nas competências e finalidades.

Segundo Cunha e Nascimento (2005) o Cuisenaire favorece:

- “– Comparação de tamanhos.
- Compreensão e correlação de tamanhos.
- Correspondência de quantidades.
- Conhecimento dos nomes das cores.

- Medição.
- Nomeação.
- Composição e decomposição.
- Cálculo mental.” (p.38)

Já no interesse pedagógico em termos matemáticos, Caldeira (2009) diz que os aspetos a ter em conta são:

- Iniciação à matemática;
- Desenvolvimento da criatividade;
- Compreensão da noção de número;
- Decomposição de números;
- Relações de grandeza;
- Noção de par e ímpar;
- Manipulação das operações numéricas;
- Resolução de situações problemáticas;
- Múltiplos e divisores de um número inteiro;
- Sequências;
- Simetrias;
- Fracções e números decimais;
- Perímetros;
- Áreas;
- Volumes. (p.126)

O material é formado por peças de diferentes cores e com diferentes valores. Este deve o seu aparecimento a Emilie Georges Cuisenaire. Serve para trabalhar, na criança, a experimentação, a memorização, também serve para estimular a criatividade, entre outras coisas.

1.3. 3ªSecção

Período de estágio de contacto com a realidade educativa realizado no período de 28 de fevereiro a 4 de março

Faixa etária: 3.ºAno

Professora Cooperante: Susana Garcia

1.3.5. Relatos diários

28 de fevereiro de 2011

A professora deu aula sobre os determinantes e pronomes demonstrativos. Realizou a exposição dos mesmos no quadro interativo. Posteriormente, realizou uma proposta de trabalho sobre o tema.

Entregou os testes de matemática, para os meninos verem os erros que cometeram e fizeram a correção do quadro interativo.

Realizaram uma proposta de trabalho de matemática para avaliação.

Antes do início da aula de estudo do meio, a professora entregou o teste de estudo do meio.

Exibiu no quadro interativo um Powerpoint sobre as folhas das plantas. Como atividade, realizaram um feijoeiro.

No final do dia, na hora do conto, realizaram a leitura de um livro.

Inferências

Com a possibilidade de observar o que fizeram nos testes os alunos podem refletir sobre os seus erros. O professor deve saber proporcionar a reflexão aos seus alunos para poderem eles próprios também evoluir.

Segundo Sousa (2010) :

Pensar os objectivos do ensino é ter em conta conhecimentos actuais dos seus alunos e uma noção de desenvolvimento. Além disso, impõe-se uma gestão da aula mais democrática e participativa que possibilite efectivamente momentos de observação, de reflexão e discussão. (p.116)

O professor deve ter noção do que cada um é capaz para assim os poder ajudar. Deve promover também uma gestão de aula mais democrática para os alunos poderem expor as suas ideias e confrontá-las com as ideias base do professor.

1 de março de 2011

Realização de uma proposta de trabalho de português. Um dos exercícios propostos era a colocação de um “s” ou “ss” nas palavras que se encontravam na folha. O outro era um ditado lacunar sobre a canção “O menino do piano” de Mafalda Veiga.

Numa folha quadriculada realizaram exercícios. Estes exercícios consistiam na colocação de um número por classes, ordens ou referindo a última ordem.

Para quem terminou o exercício de matemática, a professora mandou fazer os trabalhos em atraso.

No final da manhã fizeram exercícios de Língua Portuguesa, sobre análise gramatical.

Após o almoço os alunos foram para o recreio. Os meninos de 3.ºano estavam a jogar à bola e as colegas de turma inventaram músicas para animar os colegas.

Quando chegaram à sala, ficaram a ver o filme da “Carrinha mágica” sobre as plantas. Como a professora de ciências ainda não tinha chegado, a professora colocou outro filme da mesma série. Quando a professora chegou, realizaram a última apresentação de ciências e, a cada menino, a professora deu um diploma.

Para a aula de História de Portugal a professora usou um Powerpoint sobre D.Afonso Henriques.

Inferências

Como assisti a uma aula de ciências, nesta inferência vou falar da importância da mesma. Embora tenham sido os meninos a darem aula, não deixou de ser importante porque todos aprendemos uns com os outros.

Segundo Oliveira (1991) a educação em ciências terá de permitir ao aluno:

- usar o saber científico, particularmente alguns conceitos básicos que funcionam como ângulos de abordagem da realidade e como instrumentos para resolver problemas de teor não meramente académico;
- organizar a massa de informações com que é confrontado, fazendo a sua triagem, estruturando-a e construindo assim o conhecimento;
- desenvolver atitudes tais como, curiosidade, criatividade, flexibilidade, abertura de espírito, reflexão crítica, autonomia, respeito pela vida e pela natureza;
- desenvolver capacidades como, por exemplo, testar ideias, formular hipóteses, observar, planear e realizar experiências, problematizar, controlar variáveis, interpretar informação, conceptualizar, pensar afinal;
- compreender-se a si próprio e ao mundo que o rodeia, particularmente no que toca aos papéis da ciência e da tecnologia na promoção de um desenvolvimento em equilíbrio com o meio ambiente;
- conceber a ciência como uma actividade humana e contextualizada, desenvolvendo para com ela atitudes positivas, facilitadoras quer da inserção na sociedade actual, de cariz marcadamente científico e tecnológico, quer do prosseguimento de carreiras profissionais nestes domínios;
- tornar-se apto a beneficiar das aplicações pessoais e sociais da ciência entendendo as relações entre esta e a sociedade;
- desenvolver valores em função de considerações éticas acerca dos problemas e finalidades da actividade científica (compreendendo que a sua neutralidade é um mito), habilitando-se a participar, de um modo esclarecido, na tomada de decisões.(pp.35 e 36)

Como podemos constatar a educação em ciências, deve promover o conhecimento da criança que aprende a ir à descoberta do saber sobre o mundo que a rodeia. Só assim podemos criar “futuros cientistas”.

2 de março de 2011

A professora hoje deu uma aula diferente usando para isso uma das funcionalidades do quadro interativo: foi a um sítio da internet buscar exercícios que os alunos resolveram. Trabalharam várias matérias, desde classificação sintática, a onomatopeias, a verbos, etc.

Após o intervalo a professora trabalhou com os calculadores multibásicos. Deu mais uma classe que foi a dos milhares de milhão. Reviu as classes e as ordens, que foi uma das áreas onde os meninos tiveram mais dificuldade no teste.

A seguir a turma teve a sua atividade de biblioteca. A professora encarregue da biblioteca começou por elogiá-los por serem os únicos que nunca se esquecem de trazer o cartão. Depois pegou num livro e iniciou a leitura do mesmo.

Quando o professor de informática chegou, a turma foi dividida em dois grupos. Um continuou na biblioteca e o outro foi para a sala de informática.

Na biblioteca, os meninos tinham oportunidade de escolher o livro que queriam levar para casa e requisitá-lo. Tinham oportunidade de o observar e ver se era interessante.

Já na informática estavam a realizar atividades em powerpoint. Tinham de escolher um tema e trabalhar sobre ele. A maioria dos temas escolhidos eram sobre animais, mas também havia heróis, entre outros.

Inferências

Penso ser pertinente inferir sobre a importância das TIC. As crianças, cada vez mais, tomam contacto com as novas tecnologias e, para uma melhor aprendizagem, nada melhor do que aprender com um professor capacitado para tal. Neste caso, as

crianças estavam a aprender a realizar um powerpoint, coisa que veem, bastantes vezes, as estagiárias e professoras utilizar.

Eles começaram por escolher um tema para o trabalho e, depois, fizeram uma pesquisa profunda na internet sobre o mesmo. Tiveram de construir o powerpoint e escrever, por suas palavras, a informação que tinham.

Segundo Botelho (2009):

“No que se refere à linguagem escrita, a investigação demonstra que as TIC, designadamente a utilização de processadores de texto, proporcionam às crianças oportunidades de se envolverem na exploração e co-construção de conhecimentos sobre representação simbólica e desenvolvimento da literacia e de conceitos com ela relacionados, como direccionalidade da escrita, sequencialidade, etc.” (p.116)

Para além de estarem a trabalhar com algo que gostam, vão praticando a escrita e têm oportunidade de corrigir alguns dos erros ortográficos.

3 de março de 2011

A professora iniciou o dia propondo aos alunos uma atividade de Língua Portuguesa. Os temas eram determinantes e pronomes. A realização desta proposta não proporcionou muita dificuldade aos meninos.

Já na proposta de trabalho de matemática, que realizaram a seguir, tiveram dificuldades.

A professora leu um livro aos meninos, enquanto esperava pela professora de expressões.

Quando a professora de expressões chegou, tiveram a fazer a prenda do dia do pai. A prenda era uma caixa de madeira para pôr canetas. Os meninos tinham de colar pedacinhos de papel crepe na caixa para a tornar mais colorida, no entanto, muitos meninos não gostavam do que estavam a fazer. Um deles até me disse que o pai não ia ligar nenhuma e que ia pôr no móvel a enfeitar.

A seguir a expressões, foi a vez da aula de inglês. A professora tinha uma maneira muito agressiva de falar com os meninos. Distribuiu duas fichas para eles realizarem,

mas não lhes deu muito tempo para a concretização das mesmas. Nas fichas que deu, muitos meninos deram erros e a professora não levou para casa para corrigir.

Inferências

Como as aulas extracurriculares são realizadas de tarde, é um bom momento para falar nelas, visto que, durante o estágio intensivo, só observamos as aulas na parte da manhã.

Nesta inferência vou falar da expressão plástica e na importância que isso tem no desenvolvimento da criança.

Segundo a enciclopédia de educação infantil volume V (1997):

A expressão plástica é um dos modos mais característicos que a criança tem, não só de observar e manipular a matéria, de forma criativa, como, também, de comunicar ao exterior a sua particular visão do meio, sua aquisição permanente de noções e a necessidade de compartilhar com os outros o seu estado emocional. (p.1098)

Através da expressão plástica, a criança pode desenvolver várias capacidades como motora, coordenação oculo-visual, etc.

Neste dia, como estiveram a realizar a prenda do dia do pai, não foi muito divertido para eles, no entanto, quando realizam algo da sua autoria ficam muito contentes. Quando a criança imagina e cria, transmite a sua visão para os outros e, com orgulho, mostra o que criou. Para a criança a expressão plástica é um espaço onde pode pôr à prova a sua imaginação e aprender a conviver com o outro e a respeitá-lo.

4 de março de 2011

Hoje foi um dia especial, porque era carnaval. Os meninos estavam todos mascarados e iam para o Jardim da Estrela fazer um desfile.

Quando terminaram, foram levados para a entrada, onde os dividiram consoante os fatos que traziam. Nós, estagiárias e professoras, fomos divididas entre todos os grupos.

Depois do desfile no Jardim, na companhia de alguns pais, foram de novo para a sala, onde viram filmes e comeram bolachas, como é costume a meio da manhã.

Por volta das 11h30m houve um espetáculo do grupo Flor de Liz no ginásio. O grupo apresentou-se, apresentou os vários objetos musicais e cantou. No final do espetáculo pediram aos meninos para se levantarem e dançarem ao som das músicas deles.

Terminaram o dia com a aula de música dada pelo professor Paulo.

Inferências

O dia hoje foi fora do vulgar. Todos os meninos estavam fantasiados de alguma coisa. Para exhibir os fatos, a escola preparou um percurso fora da escola. Como me tinham pedido, também fui mascarada, mas de uma forma muito simples. Eu segui um grupo de meninos que estavam vestidos de vampiros, bruxas, etc. Fomos todos para o Jardim da Estrela exhibir os fatos e mostrar aos pais que nos acompanharam. Foi muito divertido.

A aula de música é de extrema importância para as crianças. Segundo a enciclopédia de educação infantil volume VI (1997):

A formação musical adquire importância no âmbito curricular da Educação de Infância na medida em que se valoriza a urgência da criança em organizar as suas percepções auditivas; a sua eventual contribuição para cultivar a sensibilidade e a imaginação da criança, e as possibilidades que oferece de desenvolvimento da expressão e criatividade.

A formação musical dá respostas válidas às necessidades da criança acima mencionadas e outras que se poderiam ainda referir. Os exercícios e actividades propostos para esta formação musical implicam ainda contributos substanciais para outras áreas do conhecimento. Mas tudo isto deve resultar da aproximação à música e da sua prática. Na medida em que a formação musical seja

verdadeiramente musical – passe a redundância – tão elementar quanto necessária, mas musical, estaremos a caminho de conseguir que os seus contributos para o currículo geral sejam autênticos e tenham sentido certo para a educação integral da criança. (p.1331)

Não é só na educação de infância que a música é produtiva para as crianças, no ensino básico também o é. A música é algo que nos acompanha desde o momento em que nascemos. Ainda hoje, quando vamos no carro ou quando ligamos o rádio em casa, ouvimos as músicas que mais gostamos e sentimo-nos bem, muitas vezes até mais relaxados. Muitas outras vezes, dançamos sem que ninguém nos veja, para libertar energias. Também é bom para a criança do primeiro ciclo estar em constante contacto com a música. Os meninos dos Jardins-Escola João de Deus já aprendem a tocar flauta, instrumento escolhido pela sua forma fácil de manusear.

1.4. 4ª Secção

Período de estágio de 14 de fevereiro a 16 de abril

Faixa etária: 4.º Ano

Professora Cooperante: Rita Augusto

1.4.1. Caracterização do grupo

A turma é constituída por dezoito alunos, sendo que oito são meninos e dez são meninas.

Com base nos testes diagnósticos, as maiores dificuldades na área da matemática são o algoritmo da divisão, da tabuada e no raciocínio lógico relativo às situações problemáticas. Na área de língua portuguesa, as maiores dificuldades centram-se na ausência de riqueza de vocabulário e na estruturação de textos escritos.

Dos dezoito alunos, só dois deles é que frequentam o apoio individualizado sendo que um deles está ao abrigo do decreto-lei 3/2009 com necessidade educativa especial permanente: dislexia. O outro utiliza o apoio individualizado para as áreas com maior dificuldade que são a língua portuguesa e a matemática.

Estes alunos revelam um grau elevado de sociabilidade. São calmos e interessados, revelando maturidade. Por vezes têm dificuldade em estar sentados sossegados na cadeira.

1.4.2. Caracterização do espaço

A sala, ao início, estava em “u” com mais três mesas na frente. No entanto, com a entrada do quadro interativo, as mesas ficaram em três filas de três mesas cada uma. Desta forma, ficaram de lado para o quadro de giz que, mais tarde, utilizaram para colocar trabalhos de grupo.

1.4.3. Rotinas

Os meninos, logo de manhã quando chegam à escola, sentam-se no salão a ver televisão. Às nove horas levantam-se e fazem uma roda no salão com todas as crianças. A roda tem no centro os mais pequenos (bibe amarelo) e na parte exterior da roda ficam os mais velhinhos (4.º ano).

1.4.4. Horário

Quadro 4 – Horário das atividades do 4.º ano

Horas	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00–9.50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10.00–10.50					
11.00-11.30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11.30-12.10	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12.10-13.00					
13.00-14.30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio
14.30-15.20	ACND	Educação Física	Estudo do Meio	Estudo do Meio	ACND
	Expressão Artística 14.55-16.10				Estudo do Meio
15.20-16.10					
16.10-17.00	Inglês	Assembleia de turma ACND	Orquestra	Clube de Ciência	Estudo do Meio
17.00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
17.15	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída

1.4.5. Relatos diários

14 de fevereiro de 2011

Chegaram à sala e sentaram-se nos devidos lugares. Quando a professora entrou, pediu para se colocarem nos locais onde costumam fazer o teste. Em menos de 5 minutos tinham as mesas separadas e cada um estava no seu lugar, pronto para fazer o teste. A professora distribuiu o teste de matemática e fez a leitura do mesmo.

Enquanto os meninos realizavam o teste, eu, a Francisca e a professora estivemos a organizar a sala para a entrada do quadro interativo.

Inferências

Como já estagiei com esta professora já conheço a sua maneira de trabalhar. Todas as turmas que passam pelas mãos dela são impecáveis e esta não fica atrás. Pelo contrário esta turma é amorosa e muito querida. São empenhados e interessados em todas as aulas.

Refletindo sobre a prática da autoridade versus o autoritarismo direi que esta professora exerce a autoridade mas não o autoritarismo. Antes de explicar o porquê é importante definir cada uma.

Segundo o dicionário de sociologia (2002) autoritário consiste “na probabilidade de um comando com determinado conteúdo ser obedecido por determinado grupo de pessoas, relação social esta de carácter assimétrico que implica a dominação de um(ns) sobre outro(s).” (p.33)

O autoritarismo está ligado ao poder e segundo o dicionário de sociologia (2002) o poder “exprime uma relação dialéctica entre dois indivíduos. Para que haja poder, é necessário que exista uma ordem e um comportamento de obediência.” (p.287)

Como podemos ler o professor autoritário é aquele com consegue impor respeito sem impor o poder, já o autoritarista só impõe o poder sem se importar com o outro.

A professora é autoritária porque consegue sempre colocar as turmas que passam por ela a respeitá-la e a admirá-la. Se fosse autoritarista os meninos limitavam-se a fazer o que ela dizia sem realmente a respeitar.

18 de fevereiro de 2011

Chegaram à sala e sentaram-se nos devidos lugares. Quando a professora entrou, pediu para se colocarem nos locais que onde costumam fazer o teste. Em menos de 5 minutos tinham as mesas separadas e cada um estava no seu lugar pronto para fazer teste. A professora distribuiu o teste de Estudo do Meio/História de Portugal e fez a leitura do mesmo.

Após o recreio, a professora disse que eles iam fazer a avaliação de uma composição. Escolheu quatro meninos, que se apressaram a ir buscar os números e a colocarem-se atrás de quatro mesas. A professora sentou-se na outra ponta da sala e foi pedindo, um a um, para ir lá à frente. Quando acabavam de ler, os meninos que tinham os números, mencionados como júri, davam a sua opinião e um valor que podia ir de 1 a 5. Depois de todos os membros do júri falarem, o menino ia ao pé da professora para esta ler o trabalho e, no fim, também dava uma nota, mas que só apontava, não dizia.

Inferências

Nesta inferência vou falar da importância da composição. A composição é onde os meninos conseguem desenvolver as suas capacidades criativas e a escrita. Numa composição, os meninos, para além de inventarem uma história, vão ter de formular frases com sentido para transmitir o que imaginaram.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987):

A composição refere-se ao processo de estruturar as palavras de acordo com um plano organizado, a fim de elaborar uma mensagem efetiva e geralmente gramatical, ou um trabalho artístico, quer oral ou escrito. (p.209)

A professora, para a realização desta composição, deu duas palavras a cada menino e eles tiveram de imaginar uma história onde tivesse de haver essas duas

palavras. Por vezes, pode ser mais fácil partir de algo que o professor dá, pois as crianças com mais dificuldades, normalmente, não conseguem iniciar uma composição.

É bom para as crianças terem uma prática continuada da composição, pois é uma mais-valia para elas.

22 de fevereiro de 2011

Neste dia vim compensar a aula que faltei no dia 15 de fevereiro.

Iniciaram a aula com a correção dos trabalhos de casa. A professora foi perguntando a alguns meninos as respostas. Perguntou a um dos meninos e ele deu-lhe a resposta certa, no entanto, quando a professora lhe pediu para explicar o raciocínio que teve, ele não soube responder e ficou calado durante muito tempo, mesmo com a professora a chamar-lhe a atenção. Depois de tanta insistência da professora, o menino confessou que tinha feito com ajuda.

Realizaram, posteriormente, um exercício ortográfico sobre o texto “Branca de neve e os sete anões”. Após este exercício, foram eles a fazer a correção no lugar. Quando encontravam um erro, assinalavam com um lápis e corrigiam na parte de trás da folha.

No final da manhã realizaram a leitura do primeiro capítulo do livro “Danny o campeão do mundo” de Roald Dahl.

Inferências

O livro que leram nesta aula faz parte do plano nacional de leitura. A professora escolheu, de entre outros, este livro por já conhecer o autor e gostar muito dos seus livros.

Durante o meu estágio cheguei a perguntar a alguns meninos quais os seus autores preferidos ou que livro gostaram mais, mas as respostas que tinha é que eram muitos. Todos os que tinham lido até então, eles tinham gostado. Isto é um bom começo para o bom leitor. Nestas crianças foi-lhes criado o gosto pela leitura.

Segundo Magalhães (2008):

Marc Soriano optou por definir a literatura infantil circunscrevendo-a ao conjunto de textos ficcionais que escritores adultos, num determinado espaço e tempo históricos, direccionam-se a um destinatário extratextual específico – a criança; (...) Caso escreva para crianças, o autor é forçado a estimar qual o domínio do processo de leitura e, correlativamente, qual o estágio de desenvolvimento do público – alvo. (p.142)

Estas crianças poderão ler outros livros mas, se calhar, não lhes será tão apetecível como aqueles que são escritos para puxar pela imaginação delas. Este livro que a professora escolheu é um misto do real com o imaginário, porque a história é sobre a vida de um rapaz que vive com o seu pai.

Eles também chegaram a ler, do mesmo autor, uma história que tinha uma bruxa. Dessa história fizeram uns desenhos muito bonitos, que ficaram em exibição num placar.

Existem livros para todas as idades, devemos é saber escolhê-los para os podermos admirar. Neste caso a professora fez duas boas escolhas de livros, porque se notou que as crianças gostaram de o ler.

14 de março de 2011

Hoje foi dia dos pais na escola. Estes entraram na escola quando os meninos estavam na roda. Quando a roda findou, todos se dirigiram às salas.

Quando a professora entrou na sala, disse aos pais que eles hoje eram estagiários e que tinham de se apresentar. Iniciou, posteriormente, o diálogo com os meninos sobre como tinha sido o fim de semana.

A professora, num Powerpoint, realizou um jogo muito parecido com o “Quem quer ser milionário” que dava na rtp1. As perguntas eram feitas por ela e com matérias dadas em sala de aula aos meninos. A cada pergunta, cabia a um pai responder. Se não soubesse, podia pedir a ajuda dos meninos. Eles já sabiam tudo o que estava naquele Powerpoint, porque já tinham falado em sala de aula.

A seguir ao intervalo a professora realizou mais uma atividade com os pais. Por cada dois meninos distribuiu um pai. Depois passou várias situações problemáticas que os grupos teriam de fazer.

Após a saída dos pais, por volta do meio-dia, a professora pediu aos meninos um exercício ortográfico.

Inferências

O dia dos pais, na escola, é importante para todos. Nos dias de hoje, muito se fala na interação escola-família, mas muitas vezes não passa só do diálogo. Nos Jardins-Escola marcam, todos os anos, um dia para os pais irem à escola. E este ano calhou neste dia e tivemos oportunidade de observar.

A professora proporcionou aos pais um momento divertido e ativo. Ao mesmo tempo que ambos aprendiam/relembavam, divertiam-se a encontrar a solução aos problemas propostos. Os pais reviveram o que era estar na escola e, com isto, também a dar valor ao que os seus filhos faziam. Com o powerpoint que a professora deu, apresentou várias questões que os seus alunos sabiam responder, mas que os pais já não sabiam tão bem, por não se lembrarem. Esta atividade elevou bastante a autoestima dos seus alunos.

Segundo Reis (2008) “A interação entre a Escola e a Família pode ir desde o alheamento profundo à participação mais activa. O cruzamento das actividades de confrontação e das atitudes dessas duas entidades pode ter diversas manifestações e diferentes níveis” (p.62)

No caso da nossa escola, os pais são ativos e participam, muitas vezes, nas atividades dos meninos.

Também segundo a mesma autora em cima referida:

O facto de, no primeiro ciclo, existir um sistema de mono docência, faz com que os pais possam estabelecer (ou não) uma relação de proximidade que favorece um maior conhecimento dos alunos e das suas famílias, promovendo o envolvimento parental. (p.255)

Como a escola estabelece relação com os pais, estes ficam mais contentes e despreocupados com o facto de deixar o seu filho na instituição. Eles sabem que ali são bem tratados e respeitados. Também sabem que sairão dali bem preparados para o futuro.

15 de março de 2011

Como estávamos quase no dia do pai, a professora pediu aos meninos para realizarem uma carta para dar ao pai. Eu e a minha colega fomos ajudando na construção das cartas. Um menino pediu para fazer uma para o pai e outra para o padrasto. Quando o menino estava a redigir a carta, achei engraçado a maneira como ele tratava o padrasto, ele tratava-o por “mano”. Como ele estava com dificuldade, eu fui ajudá-lo e, quando acabou, disse para ir mostrar à professora. Esta, quando leu o rascunho, emocionou-se e quase que chorava de tão comovida que estava, mas conseguiu conter-se e sorriu.

Depois de corrigidas, a professora deu uma folha para que passassem a limpo. Após passarem a limpo, a professora disse para realizarem uma moldura na folha e que colocassem o selo (desenhado por eles), o destinatário e remetente na carta.

Inferências

Por esta altura, as professoras eram chamadas muitas vezes à diretora. A necessidade de comunicação era grande e, como estávamos lá para ajudar, pediam-nos para acompanhar os meninos por pequenos momentos.

Segundo Almeida (2009):

“A essência comunicacional das organizações escolares centra-se na comunicação com as mais diferentes formas, quer verbais, quer não verbais.” (p.190)

Todos os actores da organização escolar: presidente do conselho executivo, membros do conselho executivo, assessores técnico-pedagógicos, presidente do conselho pedagógico, presidente da assembleia de escola, coordenadores de departamento, psicólogo, director de turma, professores, auxiliares educativos,

funcionários administrativos, como corpo organizado, passam uma boa parte do tempo comunicando e o bom funcionamento depende dos meios e da forma como estabelecem os processos eficazes de comunicação que permitem interagir, tomar decisões, coordenar, trabalhar em equipa, traçar metas, estabelecer objectivos operacionais, delinear planos de actividades, estabelecer comunicação com os encarregados de educação e elaborar processos de auto-avaliação da organização.(p.191)

A comunicação é fundamental numa instituição pois, sem ela, o envolvente da escola não funcionava bem. Todos os intervenientes dessa instituição estão todos a trabalhar para o mesmo objetivo, ultrapassando, quando necessário, qualquer obstáculo.

18 de março de 2011

Iniciaram o dia todos no recreio e não realizaram a roda.

Quando chegaram à sala, leram o livro que tinham escolhido para leitura na sala. O livro era “Danny o campeão do mundo” de Roald Dahl.

Depois da leitura do texto, a professora deu um texto sem sinais de pontuação e uma folha de linhas. Os meninos tinham de passar o texto para a folha de linhas com os devidos sinais de pontuação. No final, fizeram a correção do trabalho no quadro interativo.

A professora deu uma aula sobre frações. Iniciou a aula com um círculo dividido em oito partes e foi pedindo aos meninos para representarem a parte que ela dizia. Posteriormente, realizaram uma proposta de trabalho que, depois, foi corrigida no quadro.

Eu e a minha colega estivemos a embrulhar a prenda do dia do pai.

Inferências

A pontuação é importante num texto, pois ajuda-nos a lê-lo de uma forma correta. Sem a pontuação, não saberíamos onde fazer uma pausa na leitura ou até mesmo saber se era uma pergunta ou uma exclamação.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987):

“A pontuação é um recurso ortográfico que permite a adequada comunicação escrita mediante a transcrição dos aspectos prosódicos e expressivos da linguagem oral e das pausas por símbolos gráficos.” (p.176)

A comunicação oral não é simples e tem meios de expressão muito próprios. Quando queremos passá-los para o papel, torna-se complicado se não usarmos os tais símbolos gráficos, pois o recetor não vai perceber o que está na mensagem ou ainda perceber outra coisa, que não era aquela que o transmissor queria dar.

A professora, para treinar isto com os meninos, deu-lhes o texto e eles, com os seus conhecimentos, colocaram os sinais. Como é uma turma muito interessada e empenhada, foram raros os erros que cometeram.

22 de março de 2011

Realizaram o teste de matemática.

Aula surpresa da professora para mim e para a Francisca. Eu dei palavras primitivas e seus derivados e ela verbos transitivos e intransitivos.

Dei a explicação do meu tema, mas não o soube fazer da melhor maneira. Posteriormente, realizei um exercício com eles que tinha feito no intervalo.

A minha colega deu a explicação do tema e realizou também um exercício. Ela já foi mais coerente no que disse e não se atrapalhou, realizando assim uma boa aula.

Inferências

Durante a nossa prática pedagógica, eu e a minha colega tivemos vários momentos de avaliação. Isto proporcionou-nos a construção de competências enquanto futuras docentes. Como muitas vezes o tempo foi curto e também para poderem ter mais uma avaliação nossa, a professora do quarto ano decidiu pedir-nos uma aula surpresa. Este momento foi mais um a juntar a tantos outros que fomos tendo ao longo do ano. Estes momentos são todos muito importantes, pois crescemos com eles. Com a nossa

reflexão e, principalmente, com a reflexão das pessoas que nos estão a ver, podemos aprender a melhorar a nossa performance enquanto futuros docentes.

Segundo Lação (2001):

Pensamos que a formação de professores deverá ter sempre como finalidade a construção e a melhoria das competências do professor enquanto profissional de ensino e cidadão responsável pelo processo educativo dos outros cidadãos. Mas a construção de uma competência passa pela construção de um percurso de formação que favoreça a aprendizagem de novas técnicas, novos conteúdos científicos, novas tecnologias da informação e da comunicação, e novas práticas pedagógicas. (p.30)

Todo este percurso que fizemos, e que vamos fazer, é um momento de formação porque de todas as nossas aulas devemos realizar uma reflexão para vermos o que fizemos de mal e o que foi produtivo para as crianças.

25 de março de 2011

Aula programada da minha colega.

Realizou a leitura de uma história, em que os meninos tinham de produzir os sons. Explicou o que eram onomatopeias e palavras onomatopaicas. De seguida, realizou uma proposta de trabalho.

Num dos exercícios, que fez em conjunto com a proposta de trabalho, usou uma caixa com copos e dentro dela estava uma folha que interligava as duas matérias, ou seja, interligava português com matemática.

Em matemática deu a área do triângulo. Para isso começou por distribuir quadrados que, por sua vez, os dividiu em dois ficando assim com dois triângulos. Passou desses dois últimos triângulos para a medição da área. Para esta explicação usou um powerpoint. Realizou, de seguida, uma proposta de trabalho.

Após esta área, deu uma experiência. Esta experiência consistia em criar dióxido de carbono dentro de uma garrafa, fazendo o balão que está no gargalo encher.

Depois tivemos a habitual reunião com as professoras de supervisão pedagógica.

Inferências

A seguir a todas as aulas visionadas pelas professoras de estágio, vamos a uma reunião onde é feita uma reflexão sobre as aulas dadas.

Segundo Marques (2001):

A prática segundo a lógica da racionalidade prática – reflexão – na- acção – insere-se na procura de uma nova epistemologia da prática, partindo-se “da análise das práticas dos professores quando enfrentam problemas complexos da vida escolar, para a compreensão do modo como utilizam o conhecimento científico, como resolvem situações incertas e desconhecidas, como elaboram e modificam rotinas, como experimentam hipóteses de trabalho, como utilizam técnicas e instrumentos conhecidos e como recriam as estratégias e inventam procedimentos e recursos”.

(p.24)

A reflexão sobre as aulas que damos é importante, pois com ela podemos ver o que estamos a fazer mal ou o que promoveu a aprendizagem da criança e realizar melhor. Com a reflexão com outras pessoas, temos uma visão mais alargada do que fizemos, pois muitas vezes há coisas que nos passam ao lado e não nos lembramos ou não vimos.

28 de março de 2011

Neste dia dei aula.

Iniciei a aula com os pronomes relativos. Exibi um powerpoint, onde tinha os pronomes relativos e vários exercícios. Como os exercícios eram fáceis, a aula acabou muito depressa.

Passei para matemática, em que expliquei como se procedia ao cálculo do perímetro da circunferência. Dei uma proposta de trabalho em seguida.

Por fim, no estudo do meio dei as marés. Exibi um powerpoint no quadro com as várias fases e expliquei o que acontecia em cada uma.

Inferências

Esta aula não me correu bem e não realizei uma boa aula. Entre algumas coisas que realizei mal destaco: apelei à memorização em português em vez da compreensão, não expliquei muito bem o que me foi pedido, fiz as perguntas erradas, não calculei o tempo, dei a parte teórica muito rápido, não expliquei bem a utilização do compasso, disse pressão em vez de força gravitacional, não expliquei bem, etc.

Na nossa escola, realizamos prática pedagógica, o que é uma mais-valia para nós porque nos permite errar e aprender com os erros antes de entrarmos realmente para a vida ativa. Isto não significa que, quando começarmos, não vamos errar, muito pelo contrário, cometemos erros, mas a probabilidade de cometermos os mesmos erros é menor. Além disso tivemos oportunidade de ouvir várias opiniões sobre o que temos de melhorar, coisa que não teríamos se não houvesse esta prática pedagógica.

Segundo Marques (2001):

a prática profissional do professor deve ser vista não como uma técnica contundente, essencialmente, à obtenção de um produto final, mas como uma práxis que se baseia num processo em que professor e alunos se formam e se desenvolvem (p.21)

Através desta prática pude aprender tanto com os meninos como com os professores, que me deram as bases para conseguir prosseguir com a minha vida profissional futura.

29 de março de 2011

Neste dia realizaram o teste de estudo do meio. Enquanto eles estavam a realizar o teste, a professora falou comigo sobre a minha aula.

No final da manhã fizeram a correção e apresentação do trabalho de casa. Este trabalho consistiu em eles, em casa, irem à procura de animais e falarem sobre eles. Falaram de animais como o relangueiro, o hipopótamo, o ornitorrinco, o piolho, o leopardo, o siricata, a arpia maia, a gazela, o golfinho, etc.

Inferências

O trabalho que realizaram proporcionou uma pesquisa e a elaboração de um texto. Eles tinham de escolher uma animal e falar sobre ele.

Segundo Marujo, Neto e Perloiro (1999), “criar textos, deixar a imaginação caminhar solta pela folha ou pelo teclado, saborear o gosto da obra feita. Ler e escrever, centros de toda a aprendizagem e avaliação escolar, precisam ser um prazer.” (p.50)

A professora conseguiu cativar a atenção deles usando um tema que as crianças gostam bastante, que é os animais, e promover a escrita.

1 de abril de 2011

Hoje foi dia da minha colega dar aula.

A Francisca deu início à sua aula com a exibição de um powerpoint. Explicou como se realizava uma banda desenhada e exibiu os vários tipos de balões. Distribuiu uma ficha informativa e outra, onde tinha uma anedota, uma história e um milagre (milagre das rosas). Leu os três textos e distribuiu, em seguida, uma folha de cartolina em branco. Nessa folha as crianças tinham de realizar uma banda desenhada sobre um daqueles textos. No entanto, este exercício teve de ficar para trabalho de casa devido ao tempo usado pela diretora para falar com os meninos.

Em matemática, reviu o perímetro da circunferência. Começaram por fazer uma circunferência e, depois, com uma placa de borracha e pioneses, circundaram a circunferência. Com um fio que lhes foi distribuído, passaram à volta dos pioneses e ficaram com o perímetro da mesma.

Em estudo do meio, dividiu a turma em grupos e cada grupo ficou com um aspeto da costa. Cada grupo tinha várias definições do seu aspeto da costa e uma cartolina com massa de moldar em cima. Os grupos, com as várias definições, tinham de criar uma única e exibir, em massa de moldar, o formato que tem. No final, todos apresentaram os seus trabalhos à turma.

Inferências

Como digo no relato, a minha colega, no estudo do meio, utilizou o trabalho de grupo. O trabalho de grupo é muito importante, tanto para a criança como para o professor. No que toca à criança, como está com os amigos ou colegas, está em constante interação. Esta interação estimula a criança e produz um constante desafio à imaginação. Quando falamos do professor, não é a pessoa em si, mas o modo como ele pode ajudar a criança. Quando o professor coloca a turma em grupos, pode observar a maneira como interagem uns com os outros e assim ter melhor conhecimento sobre o modo como agir com cada um.

Segundo Pato (1995):

Complementado por frequentes oportunidades para a reflexão e a acção individuais, o trabalho de grupo coloca cada aluno em relação dinâmica com outros saberes, outras técnicas, outros modos de pensar, outras opiniões, outros modos de agir e de reagir. (...) As aulas de trabalho de grupo são um permanente desafio à imaginação, à capacidade de inovação, ao desejo de progredir e de aprender, não só para os alunos como para os professores.”(pp. 9 e10)

Como diz o autor acima citado, a realização de trabalhos de grupo é bom para a criança, pois estimula a sua imaginação e proporciona interação com os outros. Como o trabalho de grupo não é muitas vezes usado, quando proporcionado às crianças elas divertem-se a fazê-lo e dão o seu máximo.

4 de abril de 2011

A minha colega deu aula outra vez. Iniciou com um diálogo com os meninos sobre o fim de semana.

Fez revisões do perímetro e deu a área da circunferência. Realizou uma proposta de trabalho, em que tinham de completar uma tabela para poderem realizar as circunferências.

Em português explicou o que eram preposições e procedeu a um jogo. A turma estava dividida em grupos e, consoante o que calhasse no dado, tinha de responder a uma pergunta.

Depois a minha colega saiu e veio mascarada de cozinheira do rei e falou dele. Distribuiu um papel envelhecido com perguntas e, enquanto ela ia falando, os meninos tinham de ir apontando o que ela dizia.

Inferências

É importante imaginar quando se é criança e a minha colega conseguiu puxar pela imaginação deles, quando se apresentou como a cozinheira do rei. Eles tiveram mesmo de a ver como tal e, mesmo quando tinham dúvidas e lhe perguntavam, diziam para esquecer porque, previamente, a minha colega disse que a senhora era analfabeta. Quando isto acontecia, muito rapidamente voltavam ao imaginário.

Segundo Postic (1992), “Imaginar é uma actividade de reconstrução, inclusive de transformação do real em função das significações que conferimos aos conhecimentos ou das repercussões interiores que têm em nós.” (p.13)

Neste dia a minha colega deu a entender que eles tinham de imaginar uma pessoa que não era ela. Eles tiveram de reconstruir outra pessoa, que não a minha colega, para poderem realizar o resto da aula. Como estão tão habituados à minha colega, por vezes enganavam-se e falavam com ela como Francisca e não como a cozinheira do palácio.

5 de abril de 2011

Hoje dei aula. Iniciei o dia com os bons dias e distribuí um texto dramático sobre a vida de D. Pedro II. Depois, distribuí os papéis pelos alunos e pedi para afastarem as mesas. Procedemos à realização de uma mini peça de teatro. No final, sentámo-nos em roda a falar da vida de D. Pedro II.

Exibi, em powerpoint, as características de um texto dramático e dei uma proposta de trabalho.

Iniciei a aula de matemática com uma situação problemática. Depois expliquei como proceder ao cálculo do volume de um cilindro. Voltámos à situação problemática e resolvemo-la. Depois dei uma proposta de trabalho com duas situações problemáticas.

Inferências

Sei que esta aula não me correu muito bem, mas sei que é isto que quero fazer. Gosto muito de trabalhar e interagir com crianças. Desde muito nova que escolhi a profissão que queria e, neste momento, consegui estar prestes a acabar o mestrado que me vai dar acesso ao que realmente quero exercer profissionalmente.

Segundo Cortez (2005):

A construção da identidade profissional traduz-se na escolha de uma profissão e na trajectória do individuo capaz de atribuir um sentido e uma função social à sua vida, ocupando um papel na estrutura sócio-cultural e num sistema de relações interpessoais. Esta posição individual tem subjacente um conjunto de múltiplos factores endógenos e exógenos que implicam uma rede de relações sociais e culturais, envolvendo constrangimentos, representações, decisões e aspirações, proporcionando lógicas diferenciadas neste processo em construção. (p.111)

Esta etapa foi difícil mas muito construtiva para a minha vida, tanto social como pessoal. Os conhecimentos que todos me proporcionaram foram muitos bons e produtivos para a minha vida futura. Também é de agradecer todos os conselhos que me foram dando até este momento.

8 de abril de 2011

Hoje foi dia da minha aula programada.

Iniciei a aula com português. Disse o que era hipérbole e eufemismo e dei exemplos dos mesmos. Depois realizei uma atividade. Por cada dois meninos distribui um envelope com frases divididas, em que os meninos tinham de as colocar na ordem correta. Após terem terminado, dividi o quadro em duas partes, um para as frases que eram hipérbolas e outra, para as frases que eram eufemismos. Grupo a grupo, foram ao

quadro colocar as suas frases. Não houve tempo para todas, mas fui ao lugar para dizerem alto a frase e dizerem se era eufemismo ou hipérbole.

Em matemática expliquei o que era percentagem e tentei ensinar a fazer a ligação entre as centésimas, frações e percentagens.

No final, realizei uma experiência. Esta experiência consistia em colocar num recipiente com água um bocado de papel com a forma de um triângulo para que ao colocar o dedo com detergente na água o triângulo se movesse até à outra extremidade do recipiente. Isto acontece devido à tenção superficial que existe na água.

No final desta aula tivemos reunião com as supervisoras de estágio.

Inferências

O papel dos supervisores é muito importante, pois são eles que nos ajudam a perceber melhor o que realizámos mal ou bem. Neste caso, a aula não correu muito bem por diversos motivos, mas o principal foi eu não estar preparada para a dar. O modo como dei não foi o mais apropriado, nem o mais estimulante.

Para que se consiga aprender, o futuro professor deve fazer uma reflexão e ouvir o que o supervisor, que é uma pessoa experiênte, tem para dizer.

Segundo Alarcão e Tavares (2003):

No cenário reflexivo, o papel dos supervisores é fundamental para ajudar os estagiários a compreenderem as situações, a saberem agir em situação e a sistematizarem o conhecimento que brota da interação entre a acção e o pensamento. Para utilizar expressões schöניותas que se tornaram bem conhecidas, o supervisor deverá encorajar a reflexão na acção, a reflexão sobre a acção e a reflexão sobre a reflexão na acção. (p.35)

Em cada reunião que fazemos realizamos primeiro a nossa reflexão sobre os factos, para depois os supervisores darem as deles, podendo concordar ou não com o que dissemos.

11 de abril de 2011

Esta semana é de roulement e os meninos de 4.ºano A juntaram-se com o 4.ºano B. Nesta semana foi o professor João a ter oportunidade de ter uma semana de férias. Haviam poucos meninos e ficámos no recreio até às 10h. Como na semana anterior a professora nos tinha encarregue de arranjar atividades, neste dia trouxemos jogos de tabuleiro. Ex: cluedo, dominó, etc. Por volta das 11h, as crianças voltaram para o recreio, onde ficaram até à hora de almoço.

Inferências

Como nestes dias são à base de jogos, acho importante falar do jogo.

Segundo Jesus (2002), “Se efectivamente a Psicologia presta tanta atenção ao Jogo é, sem dúvida, porque ele é uma actividade particularmente sedutora que se movimenta entre a pura ficção e a realidade da vida.”(p.60)

Foi muito engraçado ver os meninos à descoberta de todos os jogos que lá havia. Mudavam quase de 5 em 5 minutos para outro jogo. E do pouco tempo que passavam, divertiam-se a jogar em grupo.

12 de abril de 2011

Neste dia, das 10h às 11h, realizámos jogos tradicionais. Tínhamos o jogo do saco, corrida a pares com o pé-coxinho, bowling, etc.

Inferências

Como no dia anterior tínhamos optado por jogos de tabuleiro, juntámo-nos com mais colegas e realizámos jogos tradicionais no recreio. Como essas colegas se juntaram a nós, os meninos com quem elas estavam também vieram. Neste dia, o terceiro e quarto ano estiveram juntos.

Segundo Jesus (2002), “O Jogo permite-nos analisar a criança no seu todo, tanto ao nível Motor e Afectivo como Social ou Moral.”(p.60)

Durante todos os jogos podemos observar como todos se comportavam. Havia crianças mais tímidas, outras mais ariscas, os que tinham mau perder, etc.

15 de abril de 2011

Neste dia, das 10h às 11h, fizemos biscoitos de chocolate com o primeiro ano.

Inferências

A realização de atividades diferentes estimulam as crianças e incentivam-nas à participação.

Como nos dias anteriores realizamos jogos neste dia resolvemos realizar uns biscoitos que dessem para eles ou no intervalo das 11h ou ao lanche poderem comer o que foram eles a fazer.

Segundo Pires (2001) “é no contexto deste amplo processo ensino/aprendizagem que se desenvolvem, para além das actividades lectivas tradicionais, outras que despertem grande interesse nas crianças, como jogos, festas, representações teatrais, passeios.” (p.8)

Todos realizamos esta atividade. Quando chegou a altura de realizar as formas dos biscoitos houve muitos corações, muitas estrelas, etc. Ao mesmo tempo que se divertiam a fazer esta atividade, nós estagiárias, colocávamos os que já estavam feitos numa forma para ir ao forno. Como realizamos muitos deve ter dado para os outros meninos também.

1.5. 5ª Secção

Período de estágio de 2 de maio a 28 de junho

Faixa etária: 1.º Ano

Professora Cooperante: Paula Toscano

1.5.1. Caracterização do grupo

A turma é constituída por vinte e oito alunos, sendo que treze são meninos e quinze são meninas.

As famílias são de um nível socioeconómico médio e médio alto.

Estes meninos são oriundos de famílias equilibradas, familiar e financeiramente. A turma é de um nível socioeconómico médio e médio alto em que, na maioria dos casos, a família apresenta um curso superior e exerce-o na sua profissão.

Em termos culturais é uma turma interessada pelo ambiente que a rodeia e são apoiados pelos seus pais, que se interessam pelo desempenho dos filhos.

Nesta turma só três meninos é que não têm irmãos, todos os outros têm pelo menos um irmão.

Com base na informação facultada pela professora da sala, ao nível de competências essenciais na língua portuguesa, a turma tem dificuldades na leitura e na escrita de pequenas frases e textos, bem como na sua interpretação. Há um menino que tem mais dificuldade, porque ao longo do ano tem estado a aprender a Cartilha Maternal e a desenvolver a aprendizagem da leitura e da escrita. Este menino começou numa escola João de Deus, mas ausentou-se durante algum tempo e só voltou no primeiro ano, não tendo passado pelo bibe azul, onde se inicia a prática da leitura e da escrita.

A maioria da turma não aplica sinais de pontuação no final da frase, bem como a maiúscula no início da frase. Por sua vez, também não aplicam corretamente os sinais gráficos.

Na área de matemática a turma revela dificuldades na adição e na subtração, bem como no cálculo mental.

A turma é interessada e, na sua maioria, consegue manter a concentração da atenção. Apenas há uma criança que tem mais dificuldades nesse objetivo, no entanto tem um comportamento aceitável.

1.5.2. Caracterização do espaço

Esta sala não é muito boa para haver mudanças, porque as mesas estão coladas às cadeiras e, como eles são muitos e a sala é pequena, não se consegue mexer.

Durante todo o estágio, as mesas estiveram juntas, duas a duas, em três filas.

1.5.3. Rotinas

Os meninos, logo de manhã quando chegam à escola, sentam-se no salão a ver televisão ou vão para o recreio brincar até serem horas. Às nove horas levantam-se e fazem uma roda, em que os mais pequeninos (bibe amarelo) ficam no centro e os mais velhinhos (4.ºano) na outra ponta.

Na sala iniciam o dia com a leitura de um texto.

1.5.4. Horário

Quadro 5 – Horário das atividades do 1.º ano

Horas	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9.00–9.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10.00–10.50	Portuguesa		Portuguesa		Portuguesa
11.00-11.30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11.30-12.10	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12.10-13.00					Educação Musical 12.10-13.00
13.00-14.30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio
14.30-15.20	Hora do Conto	ACND	Estudo do Meio	Inglês	Educação Física
15.20-16.10	Estudo do Meio	Estudo do Meio	ACND	Expressão Artística 15.30-16.45	Estudo do Meio
16.10-17.00			Biblioteca/ Informática 16.00-17.00		Assembleia de turma ACND
17.00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
17.15	Saída	Saída	Saída	Saída	Saída

1.5.5. Relatos diários

2 de maio de 2011

Iniciaram a aula com um breve diálogo sobre o que fizeram no fim-de-semana.

Leram um texto e realizaram um exercício ortográfico do mesmo. A professora ia passando por alguns meninos e valorizava o trabalho deles. Após terminado este exercício, houve um breve diálogo sobre a personagem principal do texto, que era um burro.

Realizaram vários exercícios nos calculadores multibásicos.

Inferências

Valorizar o trabalho de uma criança é importante, porque ela vai sentir-se bem e assim aumenta o seu ego.

Segundo Cabral (2000):

“É essencial valorizar o trabalho escrito produzido pela criança, fazendo ressaltar aspectos relacionados com o conteúdo: a originalidade, o imprevisto, a importância do assunto abordado, etc.” (p.10)

As crianças que receberam um elogio ficaram muitos contentes e continuaram a trabalhar muito mais animadas. Como já sabiam que estava bem, quiseram mostrar-me como estava bonito ou bem feito.

3 de maio de 2011

Neste dia uma estagiária de 2.º ano deu aula sobre os anfíbios. Começou com uma apresentação em Powerpoint. Depois realizou uma atividade, onde exibiu o ciclo de vida do anfíbio. As imagens que utilizou eram muito pequenas e não se viam bem na parte de trás da sala.

A seguir a colega distribuiu uma folha onde os meninos realizaram uma atividade, tendo por base um pictograma e onde realizaram um ditado gráfico (rebuçado). Na parte de trás da folha realizaram situações problemáticas.

Por fim a professora distribuiu uma outra folha, onde realizaram um ditado de imagens. A professora exibiu um objeto e os meninos tinham de escrever na folha o nome desse objeto.

Inferências

As crianças nas escolas João de Deus chegam ao primeiro ano a saber ler. E praticam mais a leitura e a escrita para um melhor desenvolvimento da língua, como foi o caso do ditado feito nesta aula.

Ruivo (2009) diz:

Se os modelos interativos de leitura são o caminho apontado pelos investigadores como o mais próximo da real satisfação do aluno para a aquisição da competência da leitura, cremos que um método que utiliza, em sinergia, estratégias de leitura tipo ascendente e descendente, como é o caso do Método João de Deus, será adequado a todos os alunos pois associa a capacidade fundamental da decodificação com a necessária compreensão do texto lido para que leitura seja efectivamente conseguida na sua plenitude.(p.100)

O método usado na nossa escola ajuda a criança numa fase difícil, que é a aprendizagem da escrita e da leitura. Neste método, a criança vai aprendendo ao seu ritmo. Esta fase de iniciação é feita nos cinco anos e prolonga-se para o primeiro ano, pois, no início do primeiro ano, é feita uma revisão de todas as letras do alfabeto. Como só vim estagiar para esta idade no final do ano, não pude observar essa fase mas pude observar nos dossiês os trabalhos realizados pelos meninos.

6 de maio de 2011

A professora iniciou o dia com a leitura de um texto. Desse texto fez a avaliação da leitura. Eu e a minha colega ficámos, cada uma, com um menino. Ajudámo-los a ler e a minha colega Francisca ainda soletrou palavras com o menino que estava a acompanhar. A professora ainda chegou a pedir a alguns meninos para soletrar.

Realizaram um ditado desse mesmo texto e, no verso da folha, realizaram perguntas de interpretação, que a professora escreveu no quadro e eles passaram. Ainda no verso dessa folha, por baixo das perguntas, os meninos colaram um crucigrama.

Por volta do meio-dia o professor de música chegou. Estiveram a falar com ele sobre os trabalhos de casa. Depois, tocaram flauta.

Inferências

Neste dia a professora fez a avaliação da leitura. Quando chega a esta altura, a professora diz-lhes que vai fazê-lo. É engraçado ver como eles se esforçam para que a professora lhes dê um estímulo positivo.

Segundo Villas-Boas (2006):

Cabe à avaliação ajudar o aluno a desenvolver-se, a avançar, não devendo expô-lo a situações embaraçosas ou ridículas. A avaliação serve para encorajar e não para desestimular o aluno. Por isso, rótulos e apelidos que o desvalorizem ou humilhem não são aceitáveis. Gestos e olhares encorajadores por parte do professor são bem – vindos. Afinal de contas, a interação do professor com os alunos é constante e muito natural. (pp.18 e 19)

Como estão à espera que a professora lhes dê o estímulo positivo, tentam ler muito bem. Não dei conta de meninos que gozassem com quem lesse mal ou com quem fizesse alguma coisa de mal. Esta turma pode dizer-se que é muito unida e brincam todos uns com os outros e não vi nenhum “arrufo” entre eles. Como trabalham todos para o mesmo, os alunos com mais dificuldades passam muitas vezes despercebidos. Até porque o menino que tem mais dificuldade só entrou este ano para a turma e, por isso, não sabia ler como os outros. Eles perceberam isso e aceitaram muito bem.

9 de maio de 2011

Neste dia levei os meus pintainhos para os meninos verem e para a minha colega Francisca poder aproveitar para ler uma história e falar sobre eles. Ela levou uma história sobre a quinta. Começou por expor diferentes tipos de animais, ao mesmo tempo que lia a história. Exibiu os pintainhos e viram as suas características. De seguida, puderam fazer festinhas nos pintainhos. Só não pegaram neles, porque tive algum receio que matassem algum. No final, realizaram um desenho de um animal que tivesse uma característica fora do comum.

A professora deu a tabuada do 7, com o material Cuisenaire. Não vi como o realizou, porque fui à outra sala mostrar os pintainhos.

Inferências

No 1.º ano de escolaridade a leitura é uma atividade de extrema importância. Este ano funciona como ano de consolidação das competências da leitura e da escrita iniciadas no bibe azul (Pré-Escolar). Contar histórias é uma atividade motivadora e proporciona mensagens significativas.

Segundo Dohme (2010):

As histórias são excelentes ferramentas de trabalho na tarefa de educar e vários motivos existem para isso:

- as crianças gostam muito,
- levam a uma empatia com os alunos,
- a variedade de temas é praticamente inesgotável,
- pouca exigência de recursos materiais para sua aplicação,
- os vários aspectos educacionais que podem ser focados. (p.18)

É importante ouvir histórias. Com elas as crianças adquirem maior vivência.

Segundo a mesma autora supracitada:

“O contato com os impulsos emocionais, as reações e os instintos comuns aos seres humanos e o reconhecimento dos fatos e efeitos causados por estes impulsos são exemplos de vida.” (p.18)

Quando a criança ouve uma história, imagina-a e entra no seu mundo. Como as histórias têm sempre alguma realidade, embora em alguns casos bem distorcida, a criança aprende a reagir a determinados problemas que lhe são propostos, por ter ouvido uma história.

10 de maio de 2011

Hoje foi dia de aulas surpresa. Comecei por ver a aula da minha colega Rita. Ela deu os constituintes da frase.

Começou por dar uma frase, em que se atrapalhou um pouco. A frase era “Ontem, eu e a minha irmã fomos às compras.”. Começou por classificar morfológicamente a

palavra “ontem” como complemento circunstancial de tempo. Depois enganou-se e disse que o sujeito era só a palavra “eu”. E disse a um menino que “às compras” era complemento direto e a outro, que era completo circunstancial de lugar.

Depois desta frase, pediu-lhes para construírem diferentes frases com os devidos constituintes. Posteriormente, pediu a uma menina para construir uma frase com quatro constituintes.

Quando a aula desta colega acabou, fui ver a aula de outra colega, a Vânia. Ela deu aula surpresa de matemática. Deu a divisão com números decimais. Com os nervos, enganou-se algumas vezes. Numa das operações, até tentámos avisar, mas ela não percebeu. Embora, em termos de comportamento em sala de aula, ela tivesse conseguido manter os meninos com ela.

Inferências

É importante ir ver as aulas das nossas colegas, pois também aprendemos com os erros que elas cometem. Com elas também podemos aprender formas de lecionar novas que um dia mais tarde poderemos usar.

O único problema das aulas surpresa é que criam um conjunto de sensações que são complicadas de controlar e depois corremos o risco de não dizer o que realmente queremos.

13 de maio de 2011

Os alunos hoje iniciaram o dia com a realização de um trabalho em atraso sobre tipos de frase.

Passaram em seguida para a leitura de um texto. A professora realizou um ditado sobre esse texto. Para ser diferente, foram os meninos a corrigir os ditados.

Voltaram ao trabalho em atraso, até o professor de música chegar. Quando este chegou, corrigiu mais dois trabalhos de casa e cantaram umas músicas.

Inferências

O ditado é uma prática muito utilizada e apresenta, em relação à cópia, um grau de dificuldade maior.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987), as vantagens da realização do ditado são:

– O ditado favorece o aprendizado do vocabulário, proporciona uma prática ativa e estruturada na escrita de palavras em um contexto e, além disso, a pesquisa confirma que o método contextual constitui a forma mais efetiva de aprender vocabulário (Gipe, 1980).

– O ditado desenvolve a capacidade para escutar de forma concentrada e incrementada a qualidade de atenção da criança. É obvio que os estudantes devem dar atenção para poder reproduzir graficamente a linguagem e isto reforça ativamente o que compreenderam na forma oral. Por outro lado, permite exercitar a memorização de palavras, orações e frases, e proporciona o treinamento em registrar com precisão os termos exatos.

– Por último, o ditado é uma prática importante, não só para os alunos com dificuldades de aprendizado na leitura e na escrita, como também para as crianças que tendem a utilizar formas dialetais de comunicação. Nestas formas, geralmente efetuam-se mudanças tônicas, omissões, aglutinações ou contrações sintáticas (vê-lo por vêlo). (p.184)

O ditado é importante para a aprendizagem da língua portuguesa. Também é importante porque, com a aprendizagem da língua, a criança aprende a comunicar mais facilmente.

16 de maio de 2011

A professora iniciou a aula como habitualmente dialogando com as crianças sobre o fim de semana. A seguir entregou uns trabalhos para guardarem por baixo da mesa.

Depois iniciei a leitura do livro “O Camaleão preguiçoso”. Durante a leitura, realizei interações com os meninos. Ex: pedi para observarem as cores do camaleão,

para observarem os outros animais, para imitarem um camaleão quando coloca a língua de fora, etc. Durante a leitura, os meninos foram intervindo com experiências próprias.

Depois da leitura disse aos meninos que ia mostrar um amigo do nosso camaleão, que era uma iguana. Retirei da transportadora a minha iguana e os meninos ficaram muito contentes de a ver. Começaram a fazer perguntas sobre ela e eu fiz perguntas sobre algumas características dela. Relembrei as características dos répteis, uma matéria que saía para o teste de estudo do meio deles. Depois fui, de mesa em mesa, mostrar a iguana e deixei que as crianças lhe mexessem.

Para terminar, distribui uma folha com um camaleão e pedi aos meninos para o pintarem de uma forma original. No final da manhã, os camaleões foram colocados nos placares da sala.

Fui mostrar a iguana a várias salas do Jardim-Escola e muitas pessoas fugiam de mim com medo.

Quando cheguei à sala, a professora estava a fazer um ditado de números. Na parte de trás dessa mesma folha estavam situações problemáticas, que os meninos resolveram a seguir.

Inferências

A professora pediu-nos para realizarmos nós a hora do conto de manhã, para podermos aprender mais com a nossa prática. Para a leitura ser mais animada, pedi aos meninos para realizarem várias atividades comigo.

Como o livro falava de um réptil, resolvi trazer a minha iguana. Os meninos gostaram muito, já não podia dizer o mesmo das professoras que fugiam de mim.

Também para fazer a estimulação à leitura, resolvi trazer numa folha um camaleão para os meninos pintarem da maneira que quisessem. Uns realizaram-no com corações, outros às riscas, outros ainda às bolinhas, etc, houve uma grande diversidade de camaleões.

Segundo Gomes (2000):

a «hora do conto» ocupa um lugar importante, pelo que julgamos fundamental elegê-la como uma das actividades capazes de, pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer de ler, resultante, numa primeira etapa, da simples satisfação do gosto pelas histórias.(p.35)

As crianças, que têm um adulto que lhes lê com regularidade, têm mais tendência a gostar de ler. Também quando um adulto lhes lê muito, as crianças desenvolvem a imaginação. Isto notou-se quando a professora pediu aos meninos para realizarem uma composição e estes a fizeram sem grande dificuldade.

17 de maio de 2011

A minha colega teve aula surpresa neste dia e deu subtração com empréstimo nos Calculadores Multibásicos.

Começou por recordar as regras do material. Depois, iniciou a aula começando por ditar as placas que as crianças leram de seguida. Aproveitou os meninos terem gostado da iguana para falar dela durante uma situação problemática.

Inferências

Os Calculadores Multibásicos são um material manipulativo muito importante, pois com ele a criança desenvolve várias competências.

Segundo Nabais (s.d.):

Com este simples material é fácil a concretização de vários capítulos da aritmética, em especial das operações do cálculo elementar (as combinações das quatro operações), do processo operatório das quatro operações aritméticas, das classes e ordens da numeração, das diferentes bases de numeração, etc.

Um material profundamente educativo para a escola infantil. (p.61)

Como diz o autor dos Calculadores Multibásicos, este material é simples e com ele podemos trabalhar vários conteúdos programáticos.

Também segundo o mesmo autor “quanto mais bem apetrechado for o artesanal da experiência pessoal da criança, mais rica e segura será a sua abstração.” (p.10)

Com o desenvolver das capacidades de uma forma lúdica a criança vai ganhando competências para passar do concreto para o abstrato. Tudo o que é feito de uma forma lúdica a criança gosta e interessa-se pelo que está a fazer promovendo assim o seu conhecimento.

20 de maio de 2011

Enquanto os meninos faziam a leitura e a cópia de um texto à escolha, eu estive a colar folhas com matérias que já tinham dado no caderno de estudo deles.

No final da manhã, o professor esteve a cantar com eles músicas que encontrou na net. Estas músicas eram para cantar posteriormente com os pais.

Inferências

A cópia é um instrumento muito utilizado na área curricular da Língua Portuguesa, especialmente no primeiro e no segundo ano, quando as crianças estão a treinar a ortografia.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987) a copia:

– Permite à criança avançar em seu conhecimento das características específicas da linguagem escrita quando aos sinais de expressão, pontuação, diagramação, formulação espaço-direcional da esquerda para a direita, percepção da palavra como conjunto de letras separadas por dois espaços em branco e captação da sequência das letras dentro da palavra. [...]

- Permite praticar as destrezas caligráficas das formas específicas de cada letra, a ligação e manutenção da regularidade de tamanho e proporção, alinhamento e inclinação. [...]

- A cópia também favorece a familiaridade da criança com as diversas modalidades de estruturação das palavras nas frases e orações. [...]

- Por último, a cópia favorece os mecanismos de memorização, tão importantes para as destrezas de estudo. [...] (p.182)

A prática da cópia trás vantagens para a criança, pois ela vai observando a maneira de elaborar um texto e ver como e onde se utilizam certos sinais de pontuação ou símbolos gráficos.

24 de maio de 2011

As atividades deste dia nas áreas curriculares de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio estão relatadas e fundamentadas no capítulo 2, das Planificações.

27 de maio de 2011

A minha colega Joana deu aula programada neste dia e eu e a Francisca fomos assistir. Ela iniciou a aula com as fases da lua e explicou o que acontecia em cada fase.

A seguir distribuiu uma proposta de trabalho com um gráfico na parte de trás da folha. Retirou as informações do gráfico e interpretou-as.

No final, deu o modo condicional através de uma frase que falava da lua.

Inferências

Depois de cada aula que damos há uma reunião. Nela como já disse anteriormente fazemos uma reflexão sobre cada aula. O professor e futuro professor deve fazer uma prática reflexiva constante.

Segundo Korthagen (2009):

Trabalhar numa abordagem realista exige a capacidade de tirar partido das preocupações dos alunos individualmente a passar pelas fases de reflexão, de organizar interações reflexivas entre os alunos futuros professores, de ensinar os alunos futuros professores a desenvolverem-se de forma sistemática, de encarar o desenvolvimento humano de forma holística, e por ai em diante. (p.57)

As reflexões são importantes, pois ajudam o professor a organizar-se e a desenvolver-se enquanto docente.

30 de maio de 2011

A minha colega deu aula, que iniciou com a área curricular de língua portuguesa. Começou por explicar o tema, que era a translação. No quadro expôs umas cartolinas com regras.

Passou, posteriormente, para a área de matemática, onde deu o 3º e 4º Dom, de Froebel. Para interligar, construiu uma história à volta do que fez. Iniciou com a construção do helicóptero e passou depois para a do camião. Após cada construção, a minha colega realizou situações problemáticas.

Por último, foi a área de estudo do meio. Nesta área ela trouxe consigo um globo feito por ela, para dar o movimento de translação e rotação da terra. Depois de explicar, colocou dois meninos ao pé do quadro a realizarem esses movimentos. Um dos meninos era o sol o outro a terra.

Estes meninos são muito interessados e empenhados e, por isso, quando não sabem perguntam. A minha colega falou em gravidade e teve de explicar o que era, pois mal acabou de dizer a palavra os meninos perguntaram logo o que era.

Para a atividade desta aula, ela tinha trazido massa feita de farinha e água, mas não estava em condições para ser trabalhada. Quando começou a dar aos meninos a massa iam ficando com as mãos coladas à massa, e isso não era bom. Tive de ir com aqueles que já tinham mexido na massa para a casa de banho. Quando todos acabaram, levei-os para a sala e a minha colega pediu para realizarem um planeta numa folha branca. Quando acabaram de desenhar, ela amachucou a folha e colou com fita-cola. Ficaram com um planeta para eles em papel.

Inferências

A aula da minha colega correu bem e algumas das coisas que é de apontar, tanto positivas como negativas, são: fez com que as crianças chegassem ao tema da aula;

soube explorar o material que levou, lidou bem com imprevistos, devia ter corrigido a proposta de trabalho e não acendeu a luz do quadro.

O 3.º Dom é constituído por 8 cubos e o 4.º Dom é constituído por 8 paralelepípedos. Ao todo, ficamos com 16 peças quando utilizamos estes dois materiais.

Segundo Caldeira (2009), os objetivos e o interesse pedagógico deste material é:

- “- Maior diversidade nas actividades;
- Diferentes construções;
- Cálculo mental;
- Situações problemáticas mais complexas;
- Maior equilíbrio;
- Desenvolvimento de criatividade.” (p.285)

Este material é muito bom para o desenvolvimento da motricidade. Com ele as crianças podem, para além de trabalhar a motricidade, trabalhar o cálculo mental de uma forma mais complexa.

31 de maio de 2011

Neste dia dei aula. Iniciei a aula com a área de estudo do meio. Como ia realizar uma viagem imaginária, iniciei a aula com estudo do meio, onde dei os oceanos. No quadro, coloquei papel de cenário com um mapa-mundo lá desenhado, e só tínhamos de lá colar os nomes dos oceanos. Posteriormente, realizei uma proposta de trabalho sobre o tema.

Depois passei para matemática, em que dei a noção de área. Num powerpoint, expliquei o que era a área e realizámos vários exercícios.

No final da aula dei língua portuguesa. Nesta aula dei a noção de adjetivo. Comecei por exibir um powerpoint e explicar o que era um adjetivo. Depois, nesse mesmo powerpoint, exibi várias frases em que eles tinham de identificar os adjetivos. Por fim, realizámos uma atividade todos juntos, em que eu tinha várias palavras dentro do saco e tínhamos de escolher os adjetivos.

Inferências

Tentei motivá-los para a minha aula com a história que elaborei por trás da matéria. A motivação é importante porque, numa aula, mantém os meninos cativados para a sua realização.

Segundo Lieury e Fenouillet (1997), “a motivação é, pois, o conjunto dos mecanismos biológicos e psicológicos que permitem o desencadear da acção, da orientação [...] e finalmente da intensidade e da persistência: quanto mais se está motivado maior é a actividade e mais persistente.” (p.9)

As crianças precisam de motivação para a realização das diversas atividades se não ficam aborrecidas e tendem a distrair-se e muitas vezes distrair o colega.

3 de junho de 2011

Iniciaram o dia com a realização do teste de matemática.

A seguir ao intervalo a professora pediu-me para dar uma aula sobre o “s”. Comecei um pouco atrapalhada, sem saber o que havia de dizer primeiro. Escrevi palavras que não eram nomes próprios com maiúsculas. Depois, comecei a acalmar, e a aula começou a correr melhor, também sabia as regras da Cartilha Maternal. Realizei perguntas dirigidas, mas devia de ter realizado melhor as perguntas que fiz.

Inferências

Os meninos dos Jardins-Escolas João de Deus aprendem a ler pelo método João de Deus. Como é o método que estudamos, devemos conhecê-lo e sabê-lo transmitir. A professora quis saber quais os meus conhecimentos da Cartilha Maternal e pediu-me para dar uma aula, ou seja, fez-me uma aula surpresa.

O método é iniciado no bibe azul, ou seja, nos 5 anos. Todos os dias é dada uma letra nova, fazendo uma revisão antes de passar à próxima letra. Quando o aluno não consegue perceber, continua-se nessa letra, não passando para a seguinte nesse dia. O Método respeita o ritmo de cada aluno porque, quando algum aluno não compreende no

dia seguinte, a professora vai estimular o aluno novamente nessa letra, não passando logo para a seguinte.

Segundo Ruivo (2009):

É nesta perspectiva que o Método João de Deus se insere porquanto constrói na criança as estruturas mentais e os pré-requisitos essenciais ao desenvolvimento da competência da leitura, fazendo um estímulo diário e uma constante consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente pela criança, através de lições, concebidas pelo seu autor com uma estrutura muito definida e organizada que permite estas aprendizagens. (p.100)

Com a ajuda do professor, a criança vai construir as suas estruturas mentais para ter uma melhor aprendizagem.

6 de junho de 2011

Hoje a minha colega deu aula. Iniciou com língua portuguesa e realizou uma composição coletiva. Dentro de um saco tinha vários objetos, desde bonecos a materiais escolares, etc. Começaram por retirar o primeiro objeto e, a partir daí, iniciaram a composição.

Durante a realização desta atividade, o alarme de incêndio tocou e tivemos de sair todos para o exterior. Foi novamente um simulacro mas, desta vez, já envolveu polícia e os bombeiros. Era também para eles um simulacro para, quando acontecer, estarem preparados. Como nunca se sabe se vai haver feridos ou não, houve uma auxiliar que não se importou de fazer de vítima e a diretora levou o filho dela até ela, para fingirem estar muito mal.

Todos os meninos que observavam ficaram muito preocupados com ela por a verem ir numa maca e eu e a minha colega tivemos de estar a explicar que aquilo era só um simulacro e que a auxiliar estava bem. Quando ela apareceu, eles ficaram muito contentes por a ver.

Como já eram 11h quando tudo acabou, os meninos ficaram logo no recreio a brincar.

Quando voltamos para a sala, a minha colega terminou a composição e eles passaram-na para uma folha de linhas, fazendo posteriormente o desenho.

Como não sobrou muito tempo a minha colega iniciou a área de estudo do meio mas não acabou. Começou por os dividir em grupos de dois e, depois, distribuiu uma cartolina com um mapa-mundo colado. À medida que ela ia falando, pintavam o continente de uma cor e colavam nele um animal característico de cada continente.

Inferências

Vou falar sobre a composição coletiva e da sua importância.

Segundo Martins e Niza (1998), "muitos investigadores referem que o processo de escrita pode ser intensificado pela interação com a escrita dos outros ou pelo trabalho em grupos de escrita nos quais a participação do professor é determinante." (p.169)

Neste caso, foi a minha colega que foi escrevendo no quadro mas eles tinham de arranjar formas para que aquilo que dissessem desse com o que o colega acaba de dizer. Com a ajuda da minha colega eles foram construindo em grupo um texto com sentido.

Segundo as mesmas autoras acima referidas:

A partilha de ideias e de esboços de textos entre pares permite-lhes perceber mais facilmente que a escrita não é apenas o texto a que se chega, mas também o conjunto de actividades desenvolvidas para se chegar a esse produto. (p.170)

Todo o conjunto desta atividade proporcionou às crianças a socialização e o desenvolvimento da comunicação tanto escrita como oral. Para fazer esta composição os meninos tiveram de se ouvir uns aos outros para chegar a um consenso.

7 de junho de 2011

Iniciaram o dia com o teste de português. Todas as perguntas que lá estavam eram parecidas com as que tinham realizado nos dias anteriores.

Depois do recreio, a minha colega deu o que faltava da aula sobre os continentes. Na aula anterior, ela deu só um continente e nesta realizou a mesma atividade para os outros continentes.

Inferências

Este dia foi mais um dia de avaliação, na área curricular de Língua Portuguesa.

Segundo Villas-Boas (2006):

A avaliação acontece de varias formas na escola. É muito conhecida a avaliação feita por meio de provas, exercícios e actividades quase sempre escritas, como produção de textos, relatórios, pesquisas, resolução de questões matemáticas, questionários, etc. Quando a avaliação é realizada dessa forma, todos ficam a saber que ela está a acontecer: alunos, professores e pais. Esse tipo de avaliação costuma receber nota, conceito ou mensão. (p.18)

Neste caso foi mais uma prova, da qual vão ter uma nota final. Esta nota vai servir para aferirem o seu grau de desenvolvimento e perceberem em que conteúdos devemos trabalhar mais.

14 de junho de 2011

Os meninos neste dia não foram à roda.

A professora perguntou como tinha sido o fim-de-semana grande e pediu as cadernetas para escrever notas.

Neste dia, a minha colega Francisca conseguiu terminar a sua aula. Só faltava a aula de matemática e iniciou-a com a distribuição de diversos alimentos em cartolina. Realizaram vários pratos e fez a exposição dos mesmos no quadro.

A professora Isabel Ruivo entrou na sala para me fazer uma aula surpresa. Dei a subtração com empréstimo.

Depois da aula, como habitualmente tivemos a reunião com as professoras de supervisão pedagógica.

Inferências

É importante realizar as aulas surpresa, pois só assim temos a noção de se, no dia a dia, somos capazes de pegar num tema e dar uma aula sem a preparar. Como é costume, realizámos sempre uma reunião no final da manhã, para fazermos uma reflexão das aulas.

Esta aula podia ter sido muito melhor e pude aprender com a reflexão feita pelas professoras.

Segundo Carita e Fernandes (1997):

A observação de uma aula por terceiros, sobretudo por pares, organizados num grupo cooperativo de supervisão, constitui um excelente meio de informação sobre o desempenho do professor na medida em que cada um dos elementos do grupo pode focalizar a sua observação num só aspecto (a comunicação, p. ex.) e, posteriormente, reunirem a informação assim obtida, reconstituindo a aula. (p.29)

Com a observação de outros, podemos aprender os erros que fazemos que, muitas vezes e por diversos motivos, nos passam ao lado.

17 de junho de 2011

Dia de Provas Práticas de Avaliação de Capacidade Profissional no Pré-escolar e os meninos do 1.º ciclo tiveram de ir para o jardim da Estrela.

Para dinamizar esta manhã de atividades ao ar livre, as professoras idealizaram várias atividades. Havia uma atividade para cada turma. Entre estas atividades estavam a pintura, a leitura de um livro, o parque infantil, a realização de salame, as cordas, o badminton, etc.

Inferências

Não é só importante estar sentado numa sala a aprender, quando a criança brinca também aprende.

Segundo Cordeiro (2008):

São várias as vantagens de brincar, para além do gozo puro e simples e do prazer físico, psicológico e emocional. Refira-se também que é necessário respeitar a vontade de brincar com outros ou brincar a sós, e promover essas vertentes, respeitando as características da personalidade da criança. (p.329)

Brincar proporciona à criança o imaginar de vivências, a socialização com os outros, o gozo de brincar, etc.

Na brincadeira a criança muitas vezes coloca-se no papel dos outros o que a ajuda a perceber e a compreender o outro.

20 de junho de 2011

Dia de Provas Práticas de Avaliação de Capacidade Profissional do 1.º ciclo do Ensino Básico.

A minha aula foi às 9h30m da manhã, no 4.º ano de escolaridade, e está relatada no capítulo 2 da Planificação.

A aula da minha colega Francisca foi depois de mim e também no 4.º ano de escolaridade. A aula dela começou às 11h da manhã. Iniciou a aula com língua portuguesa, em que o texto era uma biografia do Isacc Newton. Depois passou para estudo do meio, onde falou sobre o arco iris. E em matemática deu as probabilidades, matéria de 7.º ano de escolaridade.

Inferências

Neste dia achei importante falar da Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional. Embora para nós seja uma etapa que nos provoca muita ansiedade, é importante percebermos se estamos aptas para a vida ativa.

Segundo o Departamento de Educação Básica (1998):

o mais essencial diz respeito à prova que um indivíduo tem que dar dos seus conhecimentos adquiridos. Por um lado, a pessoa que se candidata a uma

creditação, precisa de dispor dum meio que lhe permita demonstrar com clareza, os conhecimentos que tem. Por outro lado, o “avaliador” precisa dum meio que lhe permita ver e apreciar com clareza que os conhecimentos em apreço, são válidos. A importância do “instrumento prova” resulta como essencial, um processo carregado de potencialidades. (p.47)

Nesta prova, nós escolhemos o tema e as matérias que pretendemos dar, tendo, parte de nós, ido buscar as informações necessárias. Os professores avaliaram a nossa postura e os conhecimentos que tínhamos sobre o tema. Esta prova é essencial para a demonstração das nossas capacidades. Somos levadas a demonstrar as nossas experiências profissionais e pessoais. Sendo depois o avaliador a seleccionar, no momento, o que foi mais indicado.

21 de junho de 2011

O dia começou com uma atividade de Língua Portuguesa. A professora realizou com os alunos um ditado de palavras sobre o verão. A professora ia corrigindo os erros e os alunos de imediato corrigiam na parte de trás da folha.

Neste dia, o escritor António Sala foi à escola falar do seu livro, no entanto, não conseguiu cativar a atenção das crianças quando procedeu à leitura.

Inferências

As crianças nos Jardins-Escolas estão frequentemente em contacto assíduo com os livros. Ou por terem acesso a uma biblioteca escolar ou até mesmo porque professoras e estagiárias lhes lêem bastantes livros.

Este autor não lhes leu a história e estava só a falar do conteúdo da história. Eles não queriam saber o conteúdo eles queriam uma história contada com princípio, meio e fim para lhes puxar pela imaginação.

Segundo Karthry Hume citada em Bastos (1999) a fantasia é a “deliberada distanciação face aos limites do que é aceite usualmente como real e normal.” (.31)

Eles querem entrar num mundo de fantasia que lhes dê para imaginar. Toda a história deve ser contada de um modo expressivo que cativa a atenção das crianças. Mas o senhor não conseguiu fazer isso e em menos de quinze minutos as turmas começaram a dispersar.

24 de junho de 2011

Neste dia estive com mais algumas colegas a arrumar o Jardim-Escola, porque no dia anterior os meninos do 4.ºano tiveram o jantar de finalistas.

Arrumei os dossiês de ambas as professoras de 1.ºano, enquanto os meninos brincavam.

27 de junho de 2011

Neste dia houve Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional no Pré-Escolar.

Observei duas aulas no bibe encarnado.

A primeira tinha o tema das bolas de sabão. Iniciou a aula com matemática. Os meninos estavam sentados nas mesas e realizavam o que ela pedia. Depois, passou para português, onde fez uma estimulação à leitura. Por fim, realizaram sabão para conseguirem fazer bolas de sabão. Consegui manter os meninos com ela embora a aula não lhe tivesse corrido muito bem.

A segunda iniciou a aula com matemática, tentando fazer a divisão. Depois, passou para português, em que contou a história de Hansel e Gretel. Por fim, falou do chocolate e realizou bolinhos de chocolate. Esta colega não conseguiu cativar a atenção das crianças, mostrando-se muito ríspida com elas. Usou o tema dos piratas, mas foi usar uma história que não tinha nada a ver com piratas.

Ajudei nos almoços e na casa de banho.

Inferências

A Prova Prática de Avaliação Profissional é importante para que os futuros professores e educadores tenham conhecimento do que são capazes de fazer. Neste dia, estas provas, foram feitas ao pré-escolar novamente, porque são muitas alunas e tiveram de ser divididas por dois dias. Como neste dia os meninos de 1.º ciclo foram fazer uma visita de estudo eu fiquei a observar as Provas.

Segundo Severino (2007):

A supervisão da prática pedagógica deverá, assim, constituir-se como um contributo para o percurso de desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos-formandos recorrendo, para o efeito, a estratégias de formação de carácter dinâmico, verdadeiramente construtivo e formativo, no sentido da promoção, entre todos os intervenientes, de uma comunicação efectiva e problematizante, de modo a que os mesmos se tornem não só mais flexíveis, mais seguros e preparados para autodirigirem as suas aprendizagens, mas também mais imbuídos de uma curiosidade perscrutadora e inquietante, que se traduza numa atitude de questionamento socrático e de reflexão permanente. (p.44)

28 de junho de 2011

Comecei o dia por arrumar os últimos trabalhos nos dossiês. Enquanto isso, os meninos realizavam trabalhos em atraso e faziam a cópia de um texto.

Por fim, ajudei a professora no material para entrega aos pais.

Este foi o meu ultimo dia de relatos para o presente relatório.

Capítulo 2

Planificações

Neste capítulo Abordarei a temática da Planificação. Neste contexto apresentarei o Modelo T, concebido por Martiniano Pérez e adotado, com algumas adaptações, nos Jardins-Escola João de Deus.

Serão exibidos três planos de aula, do primeiro momento de avaliação, no 1.º ano de escolaridade nas áreas de Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática, e ainda as planificações relativas à Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional.

Farei ainda uma breve reflexão sobre a importância de planificar, qual o seu objetivo e função, tentando fundamentar cientificamente cada uma das minhas reflexões.

2.1. Fundamentação Teórica

Começo por definir planificação. Segundo Zabalza (2000), planificação é o transformar uma ideia ou propósito num curso de ação.

Escudeiro, citado por Zabalza(2000), diz:

Trata-se de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp.47 e 48)

Clark e Peterson, mencionados por Zabalza (2000), referem que existem dois modelos distintos de tratar a planificação que os professores utilizam. O primeiro visa uma concepção cognitiva onde o centro da atenção é o pensamento do professor (p.48). O segundo tem a ver com uma concepção mais externa, na qual são referidos todos os planos concretos que o professor vai dando quando desenvolve a planificação.

Segundo as Orientações Curriculares, planificar “é condição para que a educação escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas que contribuem para uma maior igualdade de oportunidades. (Ministério da Educação 1997, p.26)

A planificação vem ajudar os professores nas suas atividades diárias e na sua motivação. Zabalza (2000) fala-nos de três tipos de categorias pelos quais um professor deve planificar. Num primeiro, os professores planificam pela própria necessidade pessoal, reduzindo assim a ansiedade e a incerteza que o trabalho pode criar, fomentando assim a segurança e a confiança. Num outro ponto, os professores usam a planificação para determinar os objetivos a alcançar numa aula. Por fim, numa última categoria, os professores davão o nome de estratégias de atuação à planificação. Esta categoria visa a melhor forma de organizar os alunos, o modo de iniciar a atividade, os pontos de referência da avaliação a realizar, entre outros.

Como já foi referido, o modelo de Planificação adotado nos Jardins-Escolas é o Modelo T, concebido por Martiniano Pérez. A vantagem apresentada pelo autor é que “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar.(Pérez, s.d., p.40)

Denomina-se Modelo T devido à sua forma de T duplo: um no campo dos conteúdos e procedimentos outro no campo das competências (capacidades/destrezas, valores/attitudes). Existe dois tipos de modelos T. São eles o de sector ou subsector de aprendizagem (um por ano) e de unidades de aprendizagem (de três a seis por ano). Segundo Martiniano Pérez (s.d.), “é um modelo de selecção cultural e curricular integrado para favorecer a educação integral e o desenvolvimento harmonioso da personalidade.”(p.7)

O Modelo T usado na Escola Superior de Educação João de Deus é pensado para aulas de 50 minutos e, em outras ocasiões, para aulas de 20 minutos. Este facto contradiz o ideal do seu autor, que estabelece um mínimo de seis semanas para uma planificação a curto prazo.

Na página seguinte podemos ver uma planificação baseada no Modelo T:

Quadro 6 – Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T.

Jardim-Escola João de Deus

Faixa Etária:
Professora:
Data:
Duração:
Área

Nome:
Número:
Turma:

Conteúdos		Procedimentos	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores - Atitudes	

Segue-se nas páginas seguintes dois quadros com capacidades e valores que foram essenciais para a realização das planificações.

Quadro 7 – Tabela de Objetivos por Capacidades – Destreza

Capacidades – Destrezas	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Raciocínio Lógico <ul style="list-style-type: none"> • Fluidez mental • Observar • Comparar • Relacionar • Interpretar • Formular • Analisar • Aplicar ➤ Classificação <ul style="list-style-type: none"> • Observar • Analisar • Identificar • Comparar • Caracterizar • Selecionar • Decodificar • Distinguir ➤ Orientação Espaço Temporal <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer • Saber situar • Noção de tempo • Sequenciar • Noção de tamanho • Noção de distância • Explorar • Identificar 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Expressão Oral e Escrita <ul style="list-style-type: none"> • Fluidez mental • Vocabulário • Expressar ideias • Compreensão • Interpretação • Simbolismo • Organizar a informação • Produção de mensagens ➤ Expressão Corporal <ul style="list-style-type: none"> • Coordenar • Equilibrar • Explorar • Improvisar • Criatividade • Expressar • Sensibilidade • Produzir mensagem ➤ Socialização <ul style="list-style-type: none"> • Relacionar • Altruísmo • Compartilhar • Compromisso • Dialogar • Reconhecer • Observar • Conviver

Quadro 8 – Tabela de objetivos por Valores - Atitudes

Valores – Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Solidariedade <ul style="list-style-type: none"> • Ajudar • Colaborar • Partilhar • Tolerar • Compreensão • Companheirismo • Cuidar • Generosidade ➤ Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> • Consciente • Empenhado • Cumpridor • Organizado • Interessado • Honestidade • Respeitador • Esforçado ➤ Respeito <ul style="list-style-type: none"> • Tolerar • Aceitar • Escutar • Compreender • Ceder • Conviver • Dialogar • Igualdade 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Tolerância <ul style="list-style-type: none"> • Valorizar • Apoiar • Calma • Interesse • Ser recetivo • Bom ouvinte • Aceitar • Compreensivo ➤ Cooperação <ul style="list-style-type: none"> • Humildade • Dinâmica • Entre – ajuda • Recetivo • Disponibilidade • Partilhar • Colaborar • Trabalhar em equipa ➤ Criatividade <ul style="list-style-type: none"> • Espontaneidade • Imaginação • Habilidade • Curiosidade • Esforçado • Original • Inovador • Desinibido

2.2.As minhas planificações

de uma manhã de aula

1.º Ano B

2.2.1. Planificação da Área Curricular de Língua Portuguesa

Quadro 9 – Plano de aula de Língua Portuguesa

Jardim-Escola João de Deus – Estrela Plano de Aula

Faixa Etária: 1ºAno B

Nome: Vanessa Santos

Professora: Paula Toscano


Número: 7

Data: 24 de maio de 2011

Turma: M1C

Duração: 60 minutos

Língua Portuguesa

Conteúdos		Procedimentos	
 Noção de Verbo (ações) <ul style="list-style-type: none">• Passado• Presente• Futuro		<ul style="list-style-type: none">➤ Introduzir o tema da aula com a explicação do que vai acontecer ao longo da manhã;➤ Projetar uma apresentação em powerpoint (observação de várias imagens e das ações que estão a produzir);➤ Dar noção de tempo passado, presente e futuro com frases projetadas no powepoint;➤ Elaborar uma proposta de trabalho (colocar os verbos no tempo correto);➤ Corrigir a proposta de trabalho em conjunto;	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores - Atitudes	
<ul style="list-style-type: none">✓ Raciocínio Lógico<ul style="list-style-type: none">• Analisar• Aplicar✓ Expressão Oral e Escrita<ul style="list-style-type: none">• Compreensão• Interpretação		<ul style="list-style-type: none">✓ Solidariedade<ul style="list-style-type: none">• Ajudar• Compreensão✓ Respeito<ul style="list-style-type: none">• Escutar• Compreender	
Material: Apresentação de powerpoint; Proposta de trabalho.			

Plano sujeito a alterações

Planificação baseada no ModeloT da aprendizagem

Inferências e Fundamentação Teórica

Comecei a aula **com um diálogo sobre o tema**. Esta primeira abordagem teve como objetivo atrair e motivar a criança para a aula.

Segundo Spitzer (2007), para motivar o aluno, o professor deve saber muito bem o que vai lecionar e, a partir daí, contar uma história interessante.

Passei, em seguida, para a exibição de uma **apresentação em powerpoint**. Nela projetei várias imagens e pedi às crianças para as explorarem. Após isso, e depois de identificarem as diferentes ações praticadas pelo sujeito das imagens projetei várias frases onde, ajudando com os advérbios de tempo hoje, ontem e amanhã, os alunos foram **classificando cada frase** quanto ao tempo da ação presente, passado ou futuro.

É importante usar um meio audiovisual ao qual as crianças têm acesso permanente. Isso, permite também ao professor usar um outro meio que não o típico quadro de giz e assim chamar mais facilmente a atenção da criança. Com este meio, o professor pode usar a cor e dessa forma cativar mais a criança para o que está a ser projetado. Segundo Jonassem (2007), os alunos aprendem com as tecnologias quando:

Os computadores apoiam a aprendizagem pela prática ao permitirem:

- simular problemas, situações e contextos significativos do mundo real;
- representar convicções, perspectivas, argumentos e histórias de outros;
- um espaço seguro, controlado e estimulante para o pensamento do aluno.

Após a apresentação pedi para distribuir uma **proposta de trabalho**, em que as crianças, por si só, iriam realizar o que estiveram a fazer oralmente durante a projeção. Depois de todos terem terminado a proposta de trabalho, procedemos à sua correção. Neste aspeto, segundo Pereira (2002), cabe ao professor procurar saber quais os conhecimentos aprendidos pela criança e levar esse conhecimento como ponto de partida para a construção e aquisição dos novos conhecimentos.

2.2.2. Planificação da Área Curricular de Matemática

Quadro 10 – Plano de aula de Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Plano de Aula

Faixa Etária: 1º Ano B

Nome: Vanessa Santos

Professora: Paula Toscano


Número: 7

Data: 24 de maio de 2011

Turma: M1C

Duração: 60 minutos

Matemática

Conteúdos		Procedimentos	
 Calculadores Multibásicos <ul style="list-style-type: none">• Subtração com empréstimo		<ul style="list-style-type: none">➤ Dialogar com os alunos sobre o tema da aula;➤ Resolver duas operações aritméticas de subtrair;➤ Realizar três situações problemáticas.	
Capacidades – Destrezas		Competências	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">✓ Raciocínio Lógico<ul style="list-style-type: none">• Interpretar• Formular✓ Orientação Espaço Temporal<ul style="list-style-type: none">• Reconhecer• Saber situar			<ul style="list-style-type: none">✓ Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">• Consciente• Interessado✓ Cooperação<ul style="list-style-type: none">• Entre-ajuda• Recetivo
Material: Calculadores Multibásicos.			

Plano sujeito a alterações

Planificação baseada no ModeloT da aprendizagem

Inferências e Fundamentação Teórica

Iniciei a aula com um **breve diálogo** sobre o que iríamos fazer. Pedi para distribuírem os Calculadores e perguntei algumas regras do seu manuseamento.

Nesta aula foi-me pedido para dar a **subtração com empréstimo** com os Calculadores Multibásicos. A subtração é muito complicada quando envolve empréstimos. Os calculadores multibásicos proporcionam uma melhor aprendizagem visto que sai da típica folha de papel para algo manipulativo, onde as crianças estão não só a aprender como se realiza uma operação, como estão a desenvolver o seu raciocínio lógico. Com este material podemos explorar os atributos, associar e comparar, contar quantidades, ordenar, jogar com várias bases, fazer a compreensão do sistema decimal, realizar a aprendizagem de valores de posição, leitura de números inteiros, introduzir a base decimal, operações aritméticas e respetivas provas. Por fim, também podemos realizar situações problemáticas. (Caldeira, 2009)

O material é constituído por três placas de plástico (duas de uma cor e outra de cor diferente) e cinquenta peças de cores diferentes.

Segundo Caldeira (2009), “Este jogo pode ser explorado durante o tempo que a professora achar conveniente e sempre que considere necessário.” (2009, p.190)

Através do jogo que os Calculadores proporcionam, a criança aprende com mais entusiasmo o que é uma vantagem para quando passar para uma folha, porque concretiza o exercício mais facilmente. Após a perceção dos cálculos nos calculadores, a criança quando passa para a folha consegue perceber com mais facilidade o que tem de fazer, assim, o que era considerado mais complicado torna-se simples.

Para completar os calculadores multibásicos realizei **situações problemáticas**.

Segundo Palhares (2004):

A grande finalidade da matemática escolar é desenvolver nos alunos capacidades para usar a matemática eficazmente na sua vida diária: a resolução de problemas oferece uma oportunidade única de mostrar a relevância da matemática no quotidiano dos alunos, apesar de toda a dificuldade que resolver problemas reveste. (p.7)

Através das situações problemáticas, os alunos vêm-se obrigados a resolver problemas. A resolução de problemas é uma mais valia para os alunos, porque através dela eles conseguem, na vida real, ultrapassar muito mais facilmente qualquer problema que lhes seja imposto. Os alunos que pratiquem a resolução de problemas mais vezes menos probabilidade têm, de perante uma adversidade, falharem.

2.2.3. Planificação da Área Curricular de Estudo do Meio

Quadro 11 – Plano de aula de Estudo do Meio

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Plano de Aula

Faixa Etária: 1º Ano B

Nome: Vanessa Santos

Professora: Paula Toscano

Número: 7

Data: 24 de maio de 2011

Turma: M1C

Duração: 60 minutos

Estudo do Meio

Conteúdos		Procedimentos	
<p>☉ Sistema Solar</p> <ul style="list-style-type: none">• O que é?• Estrelas• Planetas• Lua• Asteroides		<ul style="list-style-type: none">➤ Realizar uma viagem imaginária, ao sistema solar;➤ Exibir uma apresentação em powerpoint com os elementos do sistema solar;➤ Dialogar com os alunos sobre o tema;➤ Exibir um modelo do sistema solar;➤ Realizar uma proposta de trabalho.	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores - Atitudes	
<ul style="list-style-type: none">✓ Classificação<ul style="list-style-type: none">• Observar• Distinguir✓ Socialização<ul style="list-style-type: none">• Dialogar• Conviver		<ul style="list-style-type: none">✓ Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">• Consciente• Interessado✓ Criatividade<ul style="list-style-type: none">• Imaginação• Curiosidade	
Material: Apresentação de Powerpoint; Proposta de trabalho.			

Plano sujeito a alterações

Planificação baseada no ModeloT da aprendizagem

Inferências e Fundamentação Teórica

Comecei a aula por motivar os alunos para uma **viagem imaginária**.

De seguida, **apresentei um powerpoint** onde estavam representados os planetas do sistema solar, o sol e os asteroides. A história que contei consistia numa viagem ao espaço. Começamos por colocar o capacete e ligar a nave (computador). Iniciámos a viagem, indo de planeta em planeta. Enquanto isso **ia falando das características** de cada um.

Segundo Sanches (2001):

Contar histórias, anedotas sobre o assunto faz recordar e memorizar mais facilmente e introduz uma componente de humor na relação pedagógica. Todos gostamos de conviver com pessoas bem dispostas. Que a nossa relação com os alunos tenha cor, mas uma cor viva e alegre, não o cinzento. (p.56)

Uma boa relação professor, aluno leva a uma aprendizagem mais alegre e dinâmica. Quando o professor conta uma história, estimula a leitura, promove a aprendizagem e promove a desinibição dos alunos.

Neste aspeto também é necessário falar de imaginação visto que, para a realização da viagem, os alunos tiveram de a imaginar.

Segundo Rodari (2006):

A brincadeira não é uma simples recordação de impressões vividas, mas sim uma reelaboração criativa daquelas, um processo através do qual a criança combina entre si os dados da experiência para construir uma nova realidade, que responda às suas curiosidades e necessidades. Mas é precisamente porque a imaginação só constrói com materiais tomados da realidade (e por isso no adulto poderá construir mais), a criança, para nutrir a sua imaginação e aplica-la às tarefas adequadas, que reforcem as suas estruturas e alarguem os seus horizontes, tem de poder crescer num ambiente rico de impulsos e de estímulos, em todas as direcções. (p.195)

A imaginação está muito ligada à brincadeira. É através da brincadeira que o aluno desenvolve a imaginação. Este vai utilizar o que aprendeu e observou e criar o ambiente consoante as suas expectativas. No caso desta aula, os alunos tiveram de imaginar uma viagem ao sistema solar, onde puderam observar os diferentes planetas ao mesmo tempo que eu ia explicando o que estava a acontecer.

Como a viagem foi um pouco abstrata, resolvi trazer um **modelo em 3D** para eles observarem. Neste modelo, o Sol é a estrela principal, por isso, está no meio e os planetas estão por ordem e com tamanhos proporcionais entre eles.

Segundo Oliveira (1991), os conhecimentos devem ser aprendidos através das experiências vividas pelos próprios. Para além das explicações orais, o professor deve levar os alunos a pegar, a tocar e a observar os objetos. Para os alunos aprenderem conceitos abstratos mais facilmente, é necessário aprenderem através dos concretos.

Depois da viagem, realizaram uma **proposta de trabalho** onde identificaram os planetas e os colocaram na ordem correta. Por baixo dos mesmos escreveram o nome de cada um.

Para esta atividade o aluno recorre a uma memória a curto prazo, à qual se dá o nome de memória de trabalho. Esta atividade desencadeia uma serie de ações para o aluno resolver o problema e utiliza a memória a curto prazo para a resolver.

**2.3. Prova Prática de Avaliação de
Capacidade Profissional no 1.º ciclo**

(P.P.A.C.P.)

4.º Ano B

2.3.1. Planificação da Área Curricular de Língua Portuguesa da P.P.A.C.P.

Quadro 12 – Plano de aula de Língua Portuguesa

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Plano de Aula

Faixa Etária: 4º Ano B

Nome: Vanessa Santos

Professora: Rita Augusto

Número: 7

Data: 20 de junho de 2011

Turma: M1C

Duração: 20 minutos

Língua Portuguesa

Conteúdos		Procedimentos	
📖 Leitura e Interpretação de um texto		<ul style="list-style-type: none">➤ Iniciar a aula com um diálogo sobre as aves;➤ Solicitar a leitura do texto a alguns alunos;➤ Fazer a interpretação do texto colocando também algumas questões de inferência;➤ Realizar a análise morfológica de algumas palavras;➤ Realizar a análise sintática de uma frase.	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores - Atitudes	
<ul style="list-style-type: none">✓ Classificação<ul style="list-style-type: none">• Analisar• Identificar✓ Expressão Oral e Escrita<ul style="list-style-type: none">• Fluidez mental• Interpretação		<ul style="list-style-type: none">✓ Solidariedade<ul style="list-style-type: none">• Colaborar• Compreensão✓ Respeito<ul style="list-style-type: none">• Escutar• Compreender	

Material: Quadro interativo; Texto “O senhor António e as andorinhas” (texto adaptado).

Plano sujeito a alterações

Planificação baseada no Modelo T da aprendizagem

Inferências e Fundamentação Teórica

Iniciei a aula com um diálogo com os meninos sobre as aves que conheciam e que poderiam ter em casa.

Depois distribuí um texto e pedi, aleatoriamente, a alguns meninos para **lerem parágrafos do texto. Realizámos a interpretação** do texto e fiz algumas **questões inferenciais**.

Teberosky e Colomer (2003), referem que “ao terminar os comentários ou a leitura, o professor deveria iniciar um tempo de discussão e perguntas sobre o texto lido.”(p.119)

Após a interpretação do texto, pedi a alguns meninos para me **classificarem morfológicamente**, algumas palavras que disse.

Por fim, escrevi uma frase no quadro, que eles tiveram de **classificar sintaticamente**.

A área de língua portuguesa é fundamental para a aprendizagem de conhecimentos.

Segundo o Ministério da Educação (2009):

a aprendizagem do Português define-se como componente fundamental da formação escolar. Para além disso (e mesmo antes disso), a aprendizagem da língua condiciona e favorece a relação da criança e do jovem com o mundo, bem como a progressiva afirmação de procedimentos cognitivos, de competências comunicativas e de atitudes afectivas e valorativas que são determinantes para a referida relação com o mundo e com aqueles que o povoam. (p.12)

É importante para a criança aprender a regras da língua materna para poder adquirir competências que lhe permita uma melhor comunicação tanto oral como escrita.

2.3.2. Planificação da Área Curricular de Estudo do Meio da P.P.A.C.P.

Quadro 13 – Plano de aula de Estudo do Meio

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Plano de Aula

Faixa Etária: 4º Ano B

Nome: Vanessa Santos

Professora: Rita Augusto

Número: 7

Data: 20 de junho de 2011

Turma: M1C

Duração: 20 minutos

Estudo do Meio

Conteúdos		Procedimentos	
☉ Migração das aves		<ul style="list-style-type: none">➤ Iniciar a aula com um filme sobre a ave do qual vamos falar (andorinha do mar Ártico);➤ Dar informações para a realização de uma proposta de trabalho que servirá como introdução ao tema da migração das aves;➤ Dialogar com os alunos sobre o fenómeno da migração (o que é a migração, porque acontece, consequências para a espécie se migração não acontecesse);➤ Exibir algumas imagens sobre o tema;	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores - Atitudes	
<ul style="list-style-type: none">✓ Orientação Espaço Temporal<ul style="list-style-type: none">• Sequenciar• Explorar✓ Socialização<ul style="list-style-type: none">• Dialogar• Observar		<ul style="list-style-type: none">✓ Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">• Consciente• Empenhado✓ Criatividade<ul style="list-style-type: none">• Curiosidade• Esforçado	
Material: Proposta de trabalho; imagens e filme.			

Plano sujeito a alterações

Planificação baseada no ModeloT da aprendizagem

Inferências e Fundamentação Teórica

Iniciei a aula com a **visualização de um filme** sobre a ave que ia falar. Esta ave tem características muito especiais e, para uma melhor introdução, nada melhor que um filme para transportar as crianças para o real sem sair do lugar.

Segundo Dias (1999):

O vídeo desempenha assim (a par do computador) cada vez mais nas escolas o papel mais importante na abertura de vias alternativas à aprendizagem tradicional pelos livros, superando, em muitos aspectos, o cinema e a projecção de diapositivos. Este destaque, como recurso valioso no campo da pedagogia, fica a dever-se ao facto das gravações e reproduções magnéticas da imagem com som, serem hoje de manipulação extraordinariamente fáceis e cómodas.(p.45)

Com a visualização do filme, as crianças ficaram muito impressionadas ao ver aquela ave a tentar caçar e a cuidar das suas crias. Tiveram também oportunidade de ouvir o som das crias a chamar a mãe. Oportunidades que, de outro modo, não teriam.

Realizei depois a **proposta de trabalho**, que consistia na produção do percurso da andorinha do mar ártico (a sua migração).

Dialoguei posteriormente sobre a migração e no final exhibi algumas imagens para as crianças observarem as características físicas das aves com melhor percepção.

Segundo Dias (1999):

A imagem é algo que fascina e atrai rapidamente o olhar, apresentando inicialmente uma verdadeira função apelativa, na medida em que prende a nossa atenção. A prova desta característica, deste carácter de sedução, é bem conhecida dos profissionais da informação e da publicidade, que se servem da imagem para nos levar a agir e a adquirir aquilo de que muitas vezes nem sequer necessitamos. (p.22)

A utilização de boas imagens é necessária para cativar a atenção dos meninos. Com as imagens de um animal que, para eles, era desconhecido, consegui captar a atenção de todos.

2.3.3. Planificação da Área Curricular de Matemática da P.P.A.C.P.

Quadro 14 – Plano de aula de Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Plano de Aula

Faixa Etária: 4ºAno B

Nome: Vanessa Santos

Professora: Rita Augusto

Número: 7

Data: 20 de junho de 2011

Turma: M1C

Duração: 20 minutos

Matemática

Conteúdos		Procedimentos	
● Gráfico Cartesiano		<ul style="list-style-type: none">➤ Introduzir o tema com um diálogo sobre o que iremos fazer;➤ Utilizar conhecimentos já adquiridos pelas crianças para as cativar;➤ Explicar como se realiza um gráfico cartesiano;➤ Fornecer o material necessário para a realização do gráfico;➤ Realizar um gráfico cartesiano com base nos dados que serão fornecidos;➤ Observar o que aconteceu e retirar as informações necessárias.	
Capacidades – Destrezas		Competências	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">✓ Raciocínio Lógico<ul style="list-style-type: none">• Observar• Aplicar✓ Expressão Corporal<ul style="list-style-type: none">• Explorar• Produzir mensagem		<ul style="list-style-type: none">✓ Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">• Consciente• Organizado✓ Tolerância<ul style="list-style-type: none">• Calma• Interesse	

Material: Quadro interativo; Proposta de Trabalho; base para depois colocar a folha por cima; alfinetes.

Plano sujeito a alterações

Planificação baseada no ModeloT da aprendizagem

Inferências e Fundamentação Teórica

Na aula de matemática realizei uma breve introdução com os meninos para aferir os conhecimentos deles. Comecei por perguntar que tipos de gráficos conheciam e eles enumeraram alguns. Para os motivar, disse que iam aprender um tipo de gráfico novo.

Este gráfico é conhecido pela sua precisão. Fiz interdisciplinariedade com a Língua Portuguesa indicando observações feitas pela personagem do texto de português. Como era a primeira vez que estavam a receber estas informações, tentei ser objetiva mas acessível. No entanto, para captar a atenção deles e realizarem uma estratégia pouco vulgar, distribuí uma folha com os dados, um gráfico e alfinetes. Disse para terem cuidado com os alfinetes e depois prossegui com a explicação da atividade. Eles tinham de observar o gráfico e completá-lo, usando para isso os alfinetes.

Segundo Aragão (1996):

A criança tem de explorar o mundo que a cerca e tirar dele informações que lhe são necessárias, sendo da responsabilidades do professor/educador, proporcionar-lhe o maior numero possível de actividades, materiais e oportunidades de situações para que as suas experiências sejam enriquecedoras, contribuindo para a construção do seu conhecimento. (p.16)

Depois de colocarem os alfinetes nos locais corretos, conseguiram observar a ocorrência dos acontecimentos. Posteriormente dialogámos sobre o que podemos ver no gráfico e as suas características.

2.3.4. Planificação do Jogo da P.P.A.C.P.

Quadro 15 – Plano de aula do Jogo

Jardim-Escola João de Deus – Estrela Plano de Aula

Faixa Etária: 4º Ano B

Nome: Vanessa Santos

Professora: Rita Augusto

Número: 7

Data: 20 de junho de 2011

Turma: M1C

Duração: 15 minutos

Jogo

Conteúdos		Procedimentos	
📍 Migração da ave Andorinha do mar Ártico		<ul style="list-style-type: none">➤ Dar as regras do jogo;➤ Começar num ponto e proceder às atividades propostas. A primeira é procurar os ovos e coloca-los no sítio certo, a segunda beber um copo de água para representar a alimentação e a terceira saltar 5 vezes à corda para representar o voo.➤ Proceder ao jogo;➤ Cronometrar a prova;➤ Proceder à entrega do prémio à equipa vencedora que foi aquela que completou o jogo em menos tempo.	
Capacidades – Destrezas	Competências	Valores - Atitudes	
<ul style="list-style-type: none">✓ Expressão Corporal<ul style="list-style-type: none">• Coordenar• Equilibrar✓ Orientação Espaço Temporal<ul style="list-style-type: none">• Sequenciar• Explorar		<ul style="list-style-type: none">✓ Solidariedade<ul style="list-style-type: none">• Ajudar• Colaborar✓ Cooperação<ul style="list-style-type: none">• Trabalhar em equipa	
Material: Garrafas de água; ovos de pasta de moldar; cordas; diploma; copos de plástico; cronometro.			

Plano sujeito a alterações

Planificação baseada no ModeloT da aprendizagem

Inferências e Fundamentação Teórica

Para esta atividade levei as crianças para o recreio, onde já tinha montado com antecedência as várias etapas do jogo.

O jogo consistia na viagem que a andorinha do mar ártico faz todos os anos, ou seja, começa no ártico, onde se reproduz, depois para um mês no atlântico e vai para a antártida, onde se alimenta e passa o verão.

Para representar esta viagem na primeira etapa, coloquei os meninos a procurar os ovos dentro de uma caixa com esferovite, na segunda tinham de beber água e, por fim, na terceira tinham de saltar nove vezes à corda. Ganhavam aqueles que realizassem o jogo no menor tempo possível.

O jogo é uma atividade importante para a criança porque ela aprende a conviver com os outros e a respeitar regras. Também passa por ser uma brincadeira, mas mais específica. Tal com diz Moreira e Oliveira (2004) citando Friedmann (2002):

Usualmente por brincadeira refere-se uma actividade não estruturada que está associada a comportamentos espontâneos, isto é, actividades onde as crianças decidem por si próprias concretizar as suas ideias utilizando, geralmente, objectos – os brinquedos. Já o jogo é compreendido como uma brincadeira com regras onde as crianças interagem com os outros, com ou sem objetos. (p.61)

A brincadeira é algo mais espontâneo, onde a criança muitas vezes imita tudo o que está à sua volta. Ex: o tocar de uma campainha. Se a criança estiver a brincar às “casinhas” e imaginar que chegou alguém, vai imitar a campainha para poder ir à porta atender quem chegou. Também na brincadeira é a criança que escolhe as suas próprias regras.

No jogo há regras pré-estabelecidas que a criança tem de cumprir para poder haver harmonia. Aqui a criança aprende a socializar e a conviver com o outro. Moreira e Oliveira (2004) colocam os jogos em quatro categorias. Na primeira falam do jogo como competição, onde as crianças vão competir entre si para alcançar um objetivo. Na segunda falam do jogo da sorte, onde a criança é passiva dependendo só do acaso para ganhar. Na terceira falam dos jogos de mímica, onde as crianças fingem ser, para si ou para os outros, algo que na realidade não são. E, por fim, a quarta onde os jogos, que

“assentam na procura de vertigem”, proporcionam à criança sensações de pânico e vertigem.

A categoria que usei para este jogo foi a primeira, pois as crianças tinham de competir entre si com o objetivo de terminar todas as atividades no menor tempo possível.

Capítulo 3

Dispositivos de

Avaliação

Neste capítulo abordarei o tema da avaliação onde apresento três propostas de trabalho que realizei com os alunos do primeiro ano de escolaridade. Cada dispositivo de avaliação privilegia uma determinada área curricular: Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

Todos os dispositivos correspondem a avaliações do tipo formativo. Para cada área curricular, é avaliada uma proposta de trabalho. A propósito de cada uma, há uma descrição dos parâmetros, critérios e cotações, sendo que de seguida é apresentada uma grelha que além dos parâmetros apresenta a cotação para cada um dos critérios. Depois é apresentada uma grelha de avaliação com os resultados obtidos pelos alunos nessa proposta de trabalho. Posteriormente, através dos resultados obtidos na grelha é exibido um gráfico circular seguido da respetiva interpretação e análise conclusiva.

Farei ainda uma pequena reflexão sobre o ato de avaliar, a sua importância e os três tipos de avaliação existente (diagnóstico, formativa e sumativa).

3.1. Fundamentação Teórica

3.1.1. O que é a avaliação?

A avaliação é um processo que provoca algum confronto. Para alguns, a avaliação é um processo repressivo, um instrumento de poder, um apelador da memorização, reflete um estilo conservador e autoritário de ensinar, provoca efeitos negativos na personalidade da criança, etc. Para outros, a avaliação é fundamental, pois é com ela que os professores vão manter a ordem na sala de aula, apreciar os processos instrutivos, classificar os alunos, etc. Esta não deve ser dividida entre haver avaliação e não haver avaliação. Deve sim haver um tipo de avaliação adequado a cada situação. (Brown, 2000)

Segundo o despacho normativo 338/93 citado por Pais (1996):

A avaliação dos alunos é um elemento integrante da prática educativa que permite a recolha sistemática de informação e a formulação de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos e do sistema educativo. (p.43)

A avaliação deve ser feita de uma forma integrada, contínua e numa perspetiva de regulação do ensino aprendizagem. Quando avaliamos, realizamos quer uma **medição** quer uma **valorização**. Ambas com funções diferentes no ramo das avaliações. Enquanto que na medição podemos observar o estado atual da criança ou a situação que pretendemos avaliar, na valorização realizamos uma comparação sobre o que o aluno é neste momento e o que foi. Esta última ajuda o professor a ver a evolução do aluno. (Brown, 2000)

3.1.2. Importância da avaliação

Há alguns aspetos a ter em conta quando falamos em avaliação. Em primeiro lugar a **avaliação deve ser válida** (ela tem de avaliar o que queremos medir). Em segundo, **deve ser justa** (os alunos devem ter oportunidades iguais). Em terceiro, **deve ser equitativa** (as práticas avaliadas não devem fazer discriminações). Em quarto, a avaliação **deve ser formativa** (deve ser usada como modo de as crianças perceberem a sua evolução e perceberem onde erraram). Em quinto, **deve ser oportuna** (deve ser feita em várias ocasiões). Em sexto, **deve contribuir para o desenvolvimento** (esta deve fornecer aos alunos um *feedback* contínuo). Em sétimo, **deve ser remediativa** (se algo correr mal o aluno deve ter outra oportunidade para melhorar). Em oitavo, **deve ser exigente** (a avaliação não deve ser facilitadora deve promover um alto nível de exigência). Por ultimo, em nono, **deve ser eficiente** (pode haver sistemas de avaliação brilhantes no papel mas que na prática não resultam tão bem). (Brown, 2000)

Vou passar de seguida a enumerar algumas das razões sobre o porquê de se avaliar. Em primeiro lugar deve-se avaliar para classificar ou escalonar os alunos, em segundo, para possibilitar aos alunos a sua progressão, em terceiro, para orientar a progressão, em quarto, para facilitar as opções dos estudantes, em quinto, para diagnosticar falhas e permitir aos alunos que corrijam os seus erros, em sexto, para nos dar a nós, professores, um *feedback* sobre o modo como ensinamos, em sétimo, para motivar os alunos, em oitavo, para fornecer estatísticas ao curso ou ao estabelecimento de ensino, em nono, para possibilitar uma graduação dos alunos e uma classificação final, por fim, o décimo e não menos importante, para enriquecer a diversidade da experiência de aprendizagem dos alunos e a orientação do nosso ensino. (Brown, 2000)

Para avaliarmos as aprendizagens dos alunos temos de considerar a finalidade e a função dessa avaliação, sabendo que circunscrevem vários momentos onde se identifica o antes, o durante e o depois. Existem três tipos fundamentais de avaliação: a diagnóstica, a formativa e a sumativa.

3.1.3. Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica serve para observar se o aluno está pronto para uma nova aprendizagem. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), “A avaliação diagnóstica tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.” (p. 342)

Podemos dizer que tem como finalidade determinar o grau de preparação do aluno antes de se dar início a uma nova aprendizagem.

3.1.4. Avaliação formativa

Como já falámos anteriormente a avaliação deve ser um processo contínuo. Os programas usados atualmente colocam a tónica na avaliação formativa. A avaliação deve ser regulada continuamente e, quanto mais possível, individualizada.

Pais e Monteiro (1996) dizem que a avaliação deve ser formativa e formadora. A primeira é dirigida essencialmente ao professor. Nesta ele vai atualizar os seus conhecimentos didáticos, procurar coerência nos critérios que vai utilizar e relativizar a sua importância no comportamento de avaliador. A avaliação formativa, por outras palavras, assegura que os processos se adequem às características dos alunos permitindo assim uma melhor adaptação às diferenças individuais. A segunda é dirigida ao aluno. O aluno vai proceder à construção do seu próprio conhecimento.

Já Pérez (s.d.) diz:

Chama-se formativa porque orienta-se pela formação integral dos alunos e trata de avaliar capacidades – destrezas e valores – atitudes, através de escalas de observação sistemática individualizadas e qualitativas. (p.10)

A avaliação formativa tem de resultar de uma forma ou de outra de uma regulação da ação pedagógica. Esta deve acompanhar as transformações do ensino, da gestão da turma e de uma atenção especial aos alunos com algumas dificuldades.

3.1.5. Avaliação sumativa

Enquanto que a avaliação formativa é contínua, a avaliação sumativa vai constar na soma de todas essas avaliações feitas pelo professor. Esta consiste na aferição de resultados já obtidos e numa forma de obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino. (Pais e Monteiro, 1996)

Segundo Pérez (s.d.), “A avaliação sumativa, é quantificável e orienta-se para a avaliação de conteúdos e métodos (mensuráveis e quantificáveis) em função dos objetivos ou capacidades.” (p.10)

A avaliação sumativa constitui um balanço final de todos os resultados obtidos no final de um segmento de ensino aprendizagem.

Direi, concluindo, que a avaliação é uma área importante e complexa. Ela adquire um caráter globalizante e deve por isso ser reflexiva, criteriosa e justa.

Assim, é necessário que o professor esteja preparado para realizar os vários tipos de avaliação ao longo do processo de ensino/aprendizagem dos alunos. Nesse sentido criei três grelhas de avaliação com diferentes parâmetros, respetivos critérios, seguindo uma escala de classificação adotada da escala sociométrica de Likert. Esta escala pode ir do menos ao mais, do sempre ao nunca, ou do fraco ao muito bom. Neste caso, utilizei a escala que vai do fraco ao muito bom para todas as avaliações das áreas curriculares de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

Quadro 16 – Escala de Lickert

Fraco	de 0 a 2,9 valores
Insuficiente	de 3 a 4,9 valores
Suficiente	de 5 a 6,9 valores
Bom	de 7 a 8,9 valores
Muito Bom	de 9 a 10 valores

3.2. Dispositivo de Avaliação da Área Curricular de Língua Portuguesa

A proposta de trabalho que passarei a avaliar em seguida foi dada no dia 24 de maio de 2011 ao primeiro ano de escolaridade. O tempo de duração foi de 20 minutos e estiveram presentes vinte e oito alunos.

Com esta proposta de trabalho pretendia avaliar se as crianças tinham percebido os conteúdos que dei. Esta estava dividida em três frases e cada frase tinha uma lacuna para as crianças completarem. Por baixo da frase estavam três hipóteses e as crianças tinham de escolher uma. Em cada frase estava um tempo e a criança tinha de escolher a palavra que fazia sentido na frase e colocá-la no tempo correto.

A proposta de trabalho encontra-se no anexo 1 para uma melhor perceção do que foi realizado.

Para as cotações vou usar uma escala referida em cima que vai do fraco ao muito bom.

Classifiquei a proposta de trabalho com valores qualitativos (Muito Bom; Bom; Suficiente; Insuficiente; Fraco). A classificação final é de 10 valores. Estes vão ser distribuídos pelas perguntas realizadas.

3.2.1. Descrição de parâmetros e critérios

Para a proposta de trabalho de Língua Portuguesa defini um parâmetro:

1.º Parâmetro: Identificação dos tempos verbais (presente, passado e futuro)

Critérios:

- Identifica o tempo verbal no presente;
- Não identifica o tempo verbal no presente;
- Identifica o tempo verbal no passado;
- Não identifica o tempo verbal no passado;
- Identifica o tempo verbal no futuro;

- Não identifica o tempo verbal no futuro.

A seguir no quadro 17 apresento a tabela onde são atribuídas as cotações a cada critério estabelecido, sendo que a classificação máxima está estabelecida para dez valores.

No quadro 18 podemos observar na grelha de avaliação o desempenho dos alunos.

3.2.2. Grelha de Parâmetros, Critérios e Cotações

Quadro 17 – Parâmetros, critérios e cotações para a avaliação da proposta de trabalho de língua portuguesa

Parâmetros	Critérios	Cotação
1) Identificação de tempos verbais (passado, presente e futuro)	a) Identifica o tempo verbal no presente (está)	3
	Não identifica o tempo verbal no presente	0
	b) Identifica o tempo verbal no passado (chegaram)	4
	Não identifica o tempo verbal no passado	0
	c) Identifica o tempo verbal no futuro (farei)	3
	Não identifica o tempo verbal no futuro	0

3.2.3. Grelha de Avaliação

Quadro 18 – Grelha de avaliação de língua portuguesa

Pergunta Alunos	1			Total	Avaliação Qualitativa
	a)	b)	c)		
A	3	0	3	6	Suficiente
B	3	4	3	10	Muito Bom
C	3	0	0	3	Insuficiente
D	3	4	0	7	Bom
E	3	4	3	10	Muito Bom
F	3	0	0	3	Insuficiente
G	3	4	3	10	Muito Bom
H	3	4	3	10	Muito Bom
I	3	4	3	10	Muito Bom
J	3	0	3	6	Suficiente
K	3	4	3	10	Muito Bom
L	3	4	3	10	Muito Bom
M	3	4	0	7	Bom
N	3	0	0	3	Insuficiente
O	3	0	3	6	Suficiente
P	3	4	3	10	Muito Bom
Q	3	4	3	10	Muito Bom
R	3	0	0	3	Insuficiente
S	3	0	3	6	Suficiente
T	3	4	3	10	Muito Bom
U	0	0	0	0	Fraco
V	3	0	3	6	Suficiente
X	3	4	3	10	Muito Bom
W	3	4	3	10	Muito Bom
Y	3	0	0	3	Insuficiente
Z	3	4	3	10	Muito Bom
A1	0	0	0	0	Fraco
A2	3	0	3	6	Suficiente
Média				6,964286	

3.2.4. Descrição da grelha de avaliação

Os resultados desta avaliação foram de treze alunos com muito bom, dois com bom, seis com suficiente, cinco com insuficiente e dois com fraco.

Diremos que a maioria das crianças percebeu o que era pedido, no entanto é um exercício que deve de ser trabalhado mais vezes na sala devido ao seu grau de dificuldade ser elevado.

Apenas sete crianças tiveram um resultado negativo, verificando-se alguma dificuldade na conjugação dos verbos.

3.2.5 Gráfico Circular

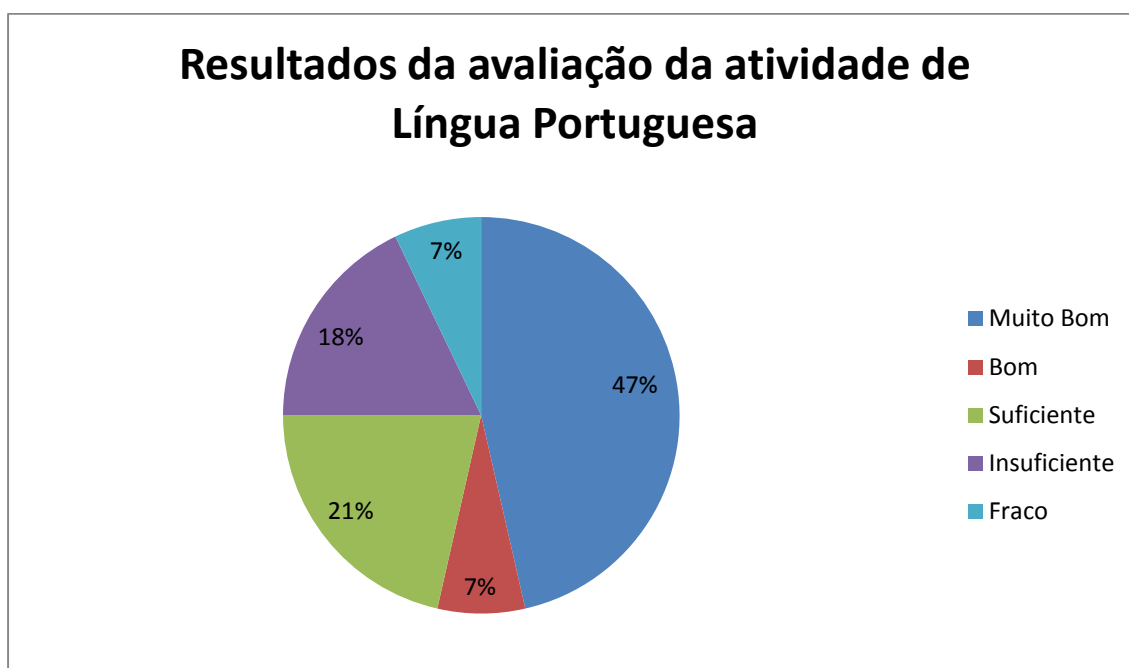


Figura 1 – Classificação Qualitativa e Percentual da proposta de avaliação de Língua Portuguesa.

3.2.6 Análise conclusiva

Observando o gráfico e analisando os resultados podemos tirar algumas conclusões úteis no processo de avaliação e planeamento.

Assim, observamos que 47% dos alunos tiveram muito bom, que 7% tiveram bom, que 21% tiveram suficiente, que 18% tiveram insuficiente e que 7% tiveram fraco. Estas informações permitem-nos observar que a turma na sua maioria percebeu o que era para fazer e realizou corretamente a proposta de trabalho.

3.3. Dispositivo de Avaliação da Área Curricular de Matemática

A proposta de trabalho que passarei a avaliar em seguida foi dada no dia 31 de maio de 2011 ao primeiro ano de escolaridade. O tempo de duração foi de 20 minutos e estivera presentes vinte e sete alunos.

Com esta proposta de trabalho pretendia avaliar se as crianças tinham percebido o que era uma unidade de área. Esta está dividida entre quatro questões. A primeira prende-se com o reconhecimento de quatro áreas. A segunda, identificação de figuras com a mesma área (note-se que não havia figura nenhuma igual). A terceira pretendia-se que o aluno identificasse qual a figura com maior área. Por fim, a quarta prendia-se com a soma da área de duas figuras.

A proposta de trabalho encontra-se no anexo 2 para uma melhor perceção do que foi realizado.

Para as cotações vou usar uma escala de 0 a 10 valores. Sendo 0 a nota mais baixa e 10 a nota mais alta.

Classifiquei a proposta de trabalho com valores qualitativos (Muito Bom; Bom; Suficiente; Insuficiente; Fraco). A classificação final é de 10 valores. Estes vão ser distribuídos pelas perguntas realizadas.

3.3.1. Descrição de parâmetros e critérios

Para esta atividade de Matemática defini 4 parâmetros com os respetivos critérios.

1.º Parâmetro: Reconhecimento das áreas

Critérios:

- Reconheceu todas as áreas

- Reconheceu 3 áreas
- Reconheceu 2 áreas
- Reconheceu 1 área
- Não reconheceu nenhuma área

2.º Parâmetro: Identificação das figuras

Critérios:

- Identificou todas as figuras
- Identificou 1 figura
- Não identificou nenhuma figura

3.º Parâmetro: Identificação da figura com maior área

Critérios:

- Identificou a figura
- Não identificou a figura

4.º Parâmetro: Adição da área de duas figuras

Critérios:

- Calculou corretamente a adição
- Não calculou corretamente a adição

A classificação máxima para esta avaliação é de 10 valores. A seguir, no quadro 19, apresento a tabela onde são atribuídas as cotações a cada critério estabelecido e no quadro 20, na grelha de avaliação, podemos avaliar o desenvolvimento dos alunos.

3.3.2. Grelha de Parâmetros, Critérios e Cotações

Quadro 19 – Parâmetros, critérios e cotações para a avaliação da proposta de trabalho de matemática

Parâmetros	Critérios		Cotação
1) Reconhecimento das áreas	Reconheceu todas as áreas	4	4
	Reconheceu 3 áreas	3	
	Reconheceu 2 áreas	2	
	Reconheceu 1 área	1	
	Não reconheceu nenhuma área	0	
2) Identificação das figuras	Identificou as figuras	2	2
	Identificou 1 figura	1	
	Não identificou nenhuma figura	0	
3) Identificação da figura com maior área	Identificou a figura	1	1
	Não identificou a figura	0	
4) Adição da área de duas figuras	Calculou a área corretamente	3	3
	Não calculou corretamente a adição	0	

3.3.3. Grelha de Avaliação

Quadro 20 – Grelha de Avaliação de Matemática

Perguntas Alunos	1	2	3	4	Total	Avaliação Qualitativa
A	4	2	1	3	10	Muito Bom
B	4	2	1	0	7	Bom
C	4	2	1	3	10	Muito Bom
D	4	0	1	3	8	Bom
E	4	2	1	3	10	Muito Bom
F	4	2	1	3	10	Muito Bom
G	4	0	1	3	8	Bom
H	4	2	1	3	10	Muito Bom
I	4	2	1	0	7	Bom
J	4	0	1	3	8	Bom
K	4	2	1	3	10	Muito Bom
L	4	2	1	3	10	Muito Bom
M	4	2	1	3	10	Muito Bom
N	4	2	1	3	10	Muito Bom
O	4	0	0	0	4	Insuficiente
P	4	2	1	0	7	Bom
Q	4	2	1	0	7	Bom
R	4	2	1	3	10	Muito Bom
S	4	2	1	3	10	Muito Bom
T	4	2	1	3	10	Muito Bom
U	4	2	1	3	10	Muito Bom
V	4	2	1	3	10	Muito Bom
X	4	0	1	3	8	Bom
W	4	2	0	0	6	Suficiente
Y	4	0	1	0	5	Suficiente
Z	4	0	1	3	8	Bom
A1	4	0	1	3	8	Bom
Média					8,55556	

3.3.4. Descrição da grelha de avaliação

Os resultados desta avaliação foram de catorze alunos com muito bom, dez com bom, dois com suficiente e um com insuficiente.

Houve um menino que não realizou a proposta de trabalho por não estar presente em sala de aula.

Como podemos observar no gráfico, a maioria das crianças percebeu o que era pedido, obtendo assim resultados muito bons. Neste caso, só um aluno teve insuficiente porque não respondeu às questões 2, 3 e 4.

As questões 2 e 4 foram aquelas onde houve mais dificuldade. A segunda questão era para identificar figuras com a mesma área, mas as figuras eram diferentes e muitas vezes não associavam o número. A quarta questão era para somar as áreas de duas figuras e não conseguiram perceber a questão colocada.

3.3.5 Gráfico Circular

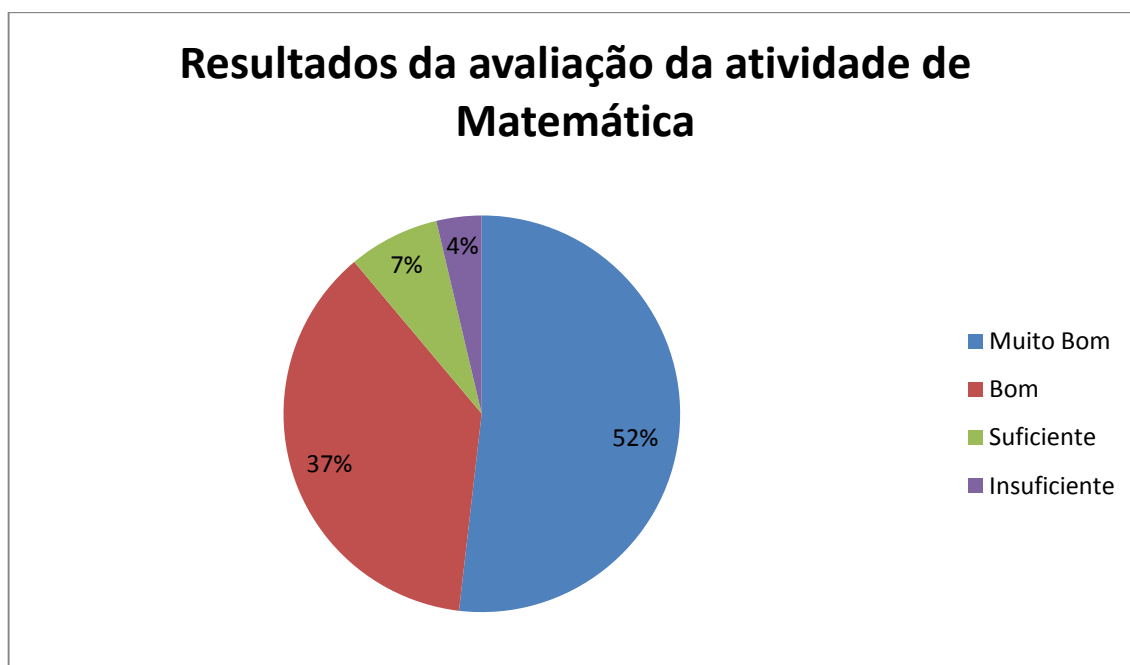


Figura 2 – Classificação Qualitativa e Percentual da proposta de avaliação de Matemática.

3.3.5 Análise conclusiva

Observando o gráfico e analisando os resultados podemos tirar algumas conclusões úteis no processo de avaliação e planeamento.

Com ele pude perceber que 52% dos alunos tiveram muito bom, que 37% tiveram bom, que 7% tiveram suficiente e que 4% tiveram insuficiente. Estas informações permitem-nos observar que a turma na sua maioria percebeu o que era para fazer e realizou corretamente a proposta de trabalho.

3.4. Dispositivo de Avaliação da Área Curricular de Estudo do Meio

A proposta de trabalho que passarei a avaliar em seguida foi dada no dia 24 de maio de 2011 no primeiro ano de escolaridade. O tempo de duração foi de 20 minutos e estiveram presentes 22 alunos.

Com esta proposta de trabalho pretendia avaliar se as crianças tinham percebido os conteúdos que dei, sobre o sistema solar. Dei a cada criança, dentro de um envelope, os oito planetas. Elas teriam de os ordenar e colar na folha. Por baixo de cada sítio para colar um planeta estava uma caixa de texto, para eles escreverem o nome do planeta.

A proposta de trabalho encontra-se no anexo 3 para uma melhor perceção do que foi realizado.

Para as cotações vou usar uma escala de 0 a 10 valores. Sendo 0 a nota mais baixa e 10 a nota mais alta.

Classifiquei a proposta de trabalho com valores qualitativos (Muito Bom; Bom; Suficiente; Insuficiente; Fraco). A classificação final é de 10 valores. Estes vão ser distribuídos pelas perguntas realizadas.

3.4.1. Descrição de parâmetros e critérios

Para a atividade de Estudo do Meio selecionei 2 parâmetros e respectivos critérios.

1.º Parâmetro: Reconhecimento dos planetas do sistema solar

Critérios:

- Reconhecer os 8 planetas
- Reconhecer até 7 planetas
- Reconhecer até 5 planetas
- Reconhecer até 3 planetas
- Reconhecer 1 planeta
- Não reconhecer nenhum planeta

2.º Parâmetro: Legendar os planetas do Sistema solar

Critérios:

- Legendou corretamente os 8 planetas
- Legendou corretamente até 7 planetas
- Legendou corretamente até 5 planetas
- Legendou corretamente até 3 planetas
- Legendou corretamente 1 planeta
- Não legendou nenhum planeta

3.4.2. Grelha de Parâmetros, Critérios e Cotações

Quadro 21 – Parâmetros, critérios e cotações para a avaliação da proposta de trabalho de estudo do meio

Parâmetros	Critérios	Cotação
1) Reconhecimento dos planetas do Sistema Solar	Reconheceu os oito planetas	5
	Reconheceu até 7 planetas	4
	Reconheceu até 5 planetas	3
	Reconheceu até 3 planetas	2
	Reconheceu 1 planeta	1
	Não reconheceu nenhum planeta	0
2) Legendar os planetas do Sistema Solar	Legendou corretamente os oito planetas	5
	Legendou corretamente até 7 planetas	4
	Legendou corretamente até 5 planetas	3
	Legendou corretamente até 3 planetas	2
	Legendou corretamente 1 planeta	1
	Não legendou nenhum planeta corretamente	0
	Desconto por cada erro ortográfico	- 0,1

3.4.3. Grelha de Avaliação

Quadro 22 – Grelha de avaliação de estudo do meio

Perguntas Alunos	1	2		Total	Avaliação Qualitativa
		Cotação da pergunta	Desconto		
A	5	5	- 0,2	9,8	Muito Bom
B	5	5	- 0,1	9,9	Muito Bom
C	5	5	- 0,2	9,8	Muito Bom
D	5	5	- 0,4	9,6	Muito Bom
E	5	3	- 0,2	7,8	Bom
F	5	5	0	10	Muito Bom
G	5	5	0	10	Muito Bom
H	5	5	- 0,4	9,6	Muito Bom
I	5	5	- 0,2	9,8	Muito Bom
J	5	5	- 0,4	9,6	Muito Bom
K	5	5	- 0,4	9,6	Muito Bom
L	5	5	- 0,1	9,9	Muito Bom
M	5	5	0	10	Muito Bom
N	5	4	- 0,3	8,7	Bom
O	5	5	0	10	Muito Bom
P	5	5	- 0,4	9,6	Muito Bom
Q	5	5	- 0,2	9,8	Muito Bom
R	5	5	- 0,3	9,7	Muito Bom
S	5	5	0	10	Muito Bom
T	5	5	- 0,9	9,1	Muito Bom
U	5	5	- 0,3	9,7	Muito Bom
V	5	5	0	10	Muito Bom
Média				9,772727	

3.4.4. Descrição da grelha de avaliação de Matemática

Os resultados desta avaliação foram de vinte alunos com muito bom e dois com bom.

Faltam nesta avaliação seis meninos, uns por não terem estado e outros, penso que, por não me terem entregado.

Como podemos observar no gráfico, todas as crianças perceberam o que era para fazer. Todas conseguiram ordenar os planetas corretamente e a maioria conseguiu colocar o nome dos planetas no devido lugar. Onde houve mais problemas foi nos erros ortográficos que faziam.

3.4.5. Gráfico Circular

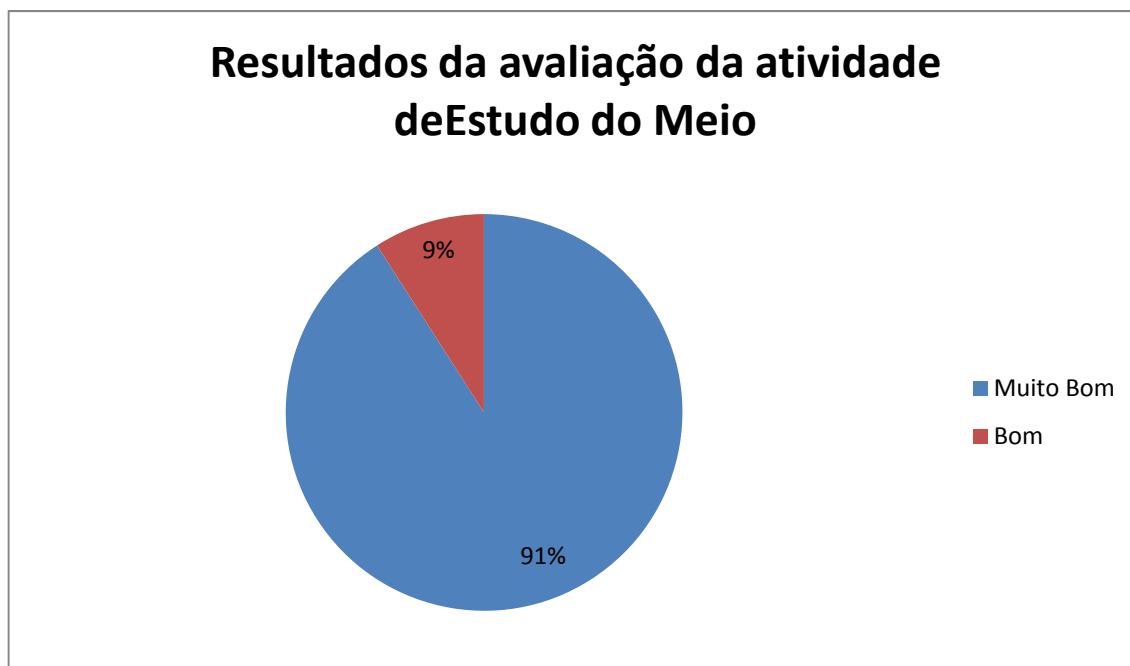


Figura 3 – Classificação Qualitativa e Percentual da proposta de avaliação de Estudo do Meio.

3.4.5 Análise do gráfico

Observando o gráfico e analisando os resultados podemos tirar algumas conclusões úteis no processo de avaliação e planeamento.

Com ele pude perceber que 91% dos alunos tiveram muito bom e que 9% tiveram bom. Estas informações permitem-nos observar que a turma percebeu o que era para fazer e realizou corretamente a proposta de trabalho, porem, esta proposta pode ter sido muito fácil.

Capítulo 4

Reflexão Final

A realização deste estágio foi muito importante para mim, pois, com ele tive oportunidade de ter contacto com diversas experiências. Todas elas contribuíram para o meu crescimento enquanto pessoa e enquanto futura docente.

Todo o contacto com as diversas professoras da prática pedagógica, desde professoras até supervisoras, todas contribuíram para o enriquecimento do meu percurso académico.

Esta prática é sem dúvida indispensável, pois com ela podemos desenvolver competências práticas. Um dos motivos que me levou a escolher esta escola foi a possibilidade de uma prática constante. Sem ela não saberia como proceder perante determinadas situações. Fez-me crescer e desenvolver enquanto pessoa. No início não conseguia estar à frente de uma turma sem ficar muito nervosa e bloquear, hoje em dia, isso já não é um problema para mim.

Este relatório foi-me de extrema importância pois permitiu-me refletir sobre a minha experiência enquanto estagiária e enquanto futura professora em ambiente escolar.

O estudo deste relatório foi extremamente importante para aprender com as várias opiniões fundamentadas de pessoas especializadas nos diversos assuntos.

As aulas programadas são uma mais-valia porque através delas as professoras supervisoras podem avaliar a nossa evolução em contexto sala de aula. Já não posso dizer o mesmo em relação às aulas surpresa. Também são uma mais-valia mas não deviam ser avaliadas. Na minha opinião, deviam de ser encaradas como um treino para o futuro.

Já a Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional é um momento que nos põe à prova para saber se estamos aptos para a vida ativa. Como os temas são escolhidos por nós temos de dominar esses conteúdos e, mais importante ainda saber transmiti-los aos alunos.

Limitações:

Uma das limitações encontradas na realização deste estágio profissional foi a falta de tempo e a urgência que havia para a finalização do relatório de estágio profissional.

Novas Pesquisas:

A minha vontade de aprender não termina com este relatório de estágio profissional, mas irá sim aumentar ainda mais de dia para dia. Para poder crescer enquanto Ser Humano quero poder continuar a desenvolver as minhas capacidades e aprender, sempre que possível, novas coisas. Como sabemos, o mundo está em constante desenvolvimento e crescimento, e nós docentes temos de nos conseguir adaptar, e aprender com esta constante mudança. O professor deve estar em constante formação.

Bibliografia

- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica*. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem. Coleção de ciências da Educação e Pedagogia. Coimbra: Livraria Almeida.
- Almeida, J. M. (2009). *A dinâmica dos actores e a problemática comunicacional na construção e implementação do projecto educativo comum do agrupamento de escolas – um estudo de caso múltiplo*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Aranão, I. V. D. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. São Paulo: Papirus
- Balancho, M. J. S. & Coelho, M. C. (1996). *Motivar os alunos*. Criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas. Educação Hoje. Texto Editora.
- Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Botelho, A. T. C. P. S. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Tesis Doctoral. Málaga: Facultad de Ciencias de la Educación.
- Brown, S. et al (2000). *Guia da avaliação*. Ensinar e aprender. Editorial presença.
- Cabral, M. A. (2000). *Ideias para escrever*. Porto: Edições Contraponto.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Carita, A. & Fernandes G. (1997). *Indisciplina na sala de aula. Como prevenir? Como remediar?* Ensinar e Aprender. Editorial Presença.
- Castro, S. L. & Gomes, I. (2000). *Dificuldades de aprendizagem da língua Materna*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Casteleiro, J. M. & Correia, P. D. (2008). *Atual. O Novo acordo ortográfico*. Texto editora.
- Condemarín, M. & Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Brasil: Porto Alegre.
- Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. Lisboa: Esfera dos livros.
- Cordeiro, M. (2009). *O grande livro do adolescente dos 10 aos 18 anos*. Lisboa: Esfera dos livros.
- Cortez, M. I. M. G. (2005). *A construção da identidade masculina em profissões tradicionalmente femininas (o caso da educação de infância)*. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Cunha, A. C. (2008). *Ser Professor*. Bases de uma sistematização teórica. Braga: Casa do Professor.

Cunha, N. H. S. & Nascimento, S. K. (2005). *Brincando, aprendendo e desenvolvendo o pensamento matemático*. Petrópolis: Vozes.

Curto, L.M. , Morillo, M. M. & Teixodó, M. M. (2007). *Escrever e ler volume1. Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler*. Porto Alegre: ARTMED Editora.

Curto, L.M. , Morillo, M. M. & Teixodó, M. M. (2000). *Escrever e ler volume 2. Materiais e recursos para a sala de aula*. Porto Alegre: ARTMED Editora.

Departamento da Educação Básica (1998). *Processos de reconhecimento e validação de competências*. Lisboa: Ministério da Educação.

Dias, C. A. M. (1999). *Novas Pedagogias com as tic?*. Reflexão sobre a utilização das tecnologias de informática e comunicação na sala de aula.

Dohme, V. (2010). *Técnicas de contar histórias*. Um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Brasil: Editora Vozes.

Durão, R. L. S. (2001). *A participação dos pais na escola*. Curso de estudos superiores especializados em gestão escolar. Trabalho de final de curso. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Enciclopédia de Educação Infantil (1997). *Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar expressão plástica*. Volume V.Lisboa: Nova presença.

Enciclopédia de Educação Infantil (1997). *Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar expressão musical e expressão corporal e dramatização*. Volume VI. Lisboa: Nova presença.

Gomes, J. A. (2000). *Da nascente à voz*. Contributos para uma pedagogia da leitura. Caminho da Educação. Lisboa: Editorial Caminho.

Grosso, C. & Ruas, B. M. (1999). *Números e operações aritméticas*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Hohmann, M. & Weikart, D. P.(1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Gulbenkian.

Jesus, J. M. S. (2002). *Educação pelo movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Jonassem (2007). *Computadores, ferramentas cognitivas: desenvolver o pensamento crítico nas escolas*. Porto: Porto Editora.

- Korthagen, F. (2009). *A prática, a teoria e a pessoa na aprendizagem profissional ao longo da vida*. In Flores, M. A. & Simão, A. M. V. (org.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: Contextos e Perspectivas*. Magualde: Pegado.
- Lacão, J. F. T. (2001). *A qualidade na formação de professores*. Dissertação de tese de Gestão Escolar. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Lessard, M. et al (1990). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Coleção: Epistemologia e sociedade. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lieury, A. & Fenouillet, F. (1997). *Motivação e sucesso na escola*. Ensinar e Aprender. Editorial Presença.
- Loughran, J. (2009). *A construção do conhecimento e o aprender a ensinar sobre o ensino*. In Flores, M. A. & Simão, A. M. V. (org.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: Contextos e Perspectivas*. Magualde: Pegado.
- Magalhães, V. F. (2008). *Sobressalto e espanto. Narrativas literárias sobre e para a infância, no neo-realismo português*. Doutoramento em Estudos Literários. Lisboa: Faculdade de Letras.
- Maia, R. L. (coord.) (2002). *Dicionário da sociologia*. Porto Editora.
- Marques, M. H. A. S. A. (2001). *Práticas reflexivas de professores*. Curso de estudos superiores especializados em Gestão Escolar. Trabalho de final de curso. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Martins, I. P. et al (2009). *Despertar para a ciência*. Ministério da Educação
- Martins, M. A. & Niza, I. (1998). *Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Marujo, H. A., Neto, J. M. & Perloiro, M. F. (1999). *A Família e o sucesso escolar*. Ensinar e Aprender. Editorial Presença.
- Ministério da Educação (1997). *Observações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da educação.
- Monteiro, M. (1995). *Intercâmbios e visitas de estudo*. In A. D. Carvalho (Org.). *Novas tecnologias em educação*. Coleção educação. Porto Editora.
- Moreira, D. & Oliveira, I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica*. Ensinar e aprender. Editorial Presença.
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na educação : um desafio para os professores*. Ensinar e aprender. Editorial Presença.

- Nabais, J. (s.d.). *À descoberta da matemática com o calculador multibásico*. Constrói a matemática. Portugal, Rio de Mouro: Éduca.
- Oliveira, A. M. P. (2001). *O jogo do simulacro numa escola do primeiro ciclo*. Curso de estudos superiores especializados em Gestão Escolar. Trabalho final de curso. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Oliveira, M. T. M. (1991) (ED.). *Didáctica da Biologia*. Universidade Aberta.
- Pais, A., Monteiro, M. (1996). *Avaliação uma prática diária*. Ensinar e aprender. Editorial Presença
- Palhares, P. (2004) (ED.). *Elementos de matemática para professores do ensino básico*. Lisboa: Lidel
- Pato, M. H. (1995). *Trabalho de grupo no ensino básico*. Guia para professores. Educação hoje. Texto Editora.
- Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereira, S. (2010). *Explicitação Gramatical no 1º ciclo*. In Sousa, O. C. & Cardoso (Eds). *Desenvolver competências em língua portuguesa*. Percursos didáticos. Lisboa: Edições Colibri.
- Pérez, M. R. (s.d.). O currículo como marco da sociedade do conhecimento. Desenho curricular de aula como Modelo de Aprendizagem-Ensino. Seminário Internacional I. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Peréz, M. (S.D.). *Estratégias de aprendizagem na aula desenho e avaliação*. Seminário internacional II. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pires, M. B. M. P. (2001). O auxiliar de acção educativa na escola do primeiro ciclo. Curso de estudos superiores especializados em Gestão Escolar. Trabalho final de curso. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ponte, J. & Serrazina, M. (2000). *Didática da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Postic, M. (1992). *O imaginário na relação pedagógica*. Porto: Asa.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Graviva.
- Reis, C. & Adragão J. V. (1992). *Didática do português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tesis Doctoral. Málaga: Facultad de Ciencias de la Educación y Escola Superior de Educação João de Deus

- Ribeiro, A. C. & Ribeiro L. C. (1990). Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rodari, G. (2006). Gramática da fantasia: introdução à arte de inventar histórias. Lisboa: Caminho.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o Método João de Deus. Apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Tesis Doctoral. Málaga: Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sá, C. M. (1996). *O uso da banda desenhada para o estudo da narrativa na aula de língua materna face aos novos programas*. Formação de Professores. Cadernos Didáticos. Série línguas 1. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Sá-Chaves, I. (2007). Portfolios reflexivos estratégia de formação e de supervisão. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto Editora.
- Santos, A. M. R. & Balancho, M. J. S. (1987). *A criatividade no ensino do português*. Educação hoje. Texto Editora.
- Severino, M. A. F. (2007). Supervisão em educação de infância: supervisores e estilos de supervisão. Penafiel: Editorial Novembro.
- Serviço de Protecção Civil de Portugal (1990). Plano de emergência para estabelecimentos de ensino. Lisboa: Protecção civil de Portugal.
- Serrazina, L. (2002). A formação para o ensino da matemática na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico. Porto: Porto Editora.
- Spitzer, M. (2007). *Aprendizagem. Neurociências e a vida*. Climepsi Editores.
- Spodek, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Brasil: Porto Alegre.
- Sousa (2009). Investigação em educação. Lisboa: Horizonte.
- Sousa (2010). Desenvolver competências sobre a língua portuguesa: percursos didáticos. Massamá: Colibri.
- Teberosky, A., Colomer, T. (2003). Aprender a ler e a escrever – uma proposta construtivista. Porto Alegre: ARTMED
- Vieira, H. (2000). A comunicação na sala de aula. Ensinar e Aprender. Editorial Presença.
- Villas-Boas, B. M. F. (2006). Portefólio, Avaliação e trabalho pedagógico. Porto: Asa

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Coleção perspectivas actuais. Porto: Edições ASA.

Zeichnen (1993), A formação de professores: ideias e práticas. Lisboa: Educa.

Webgrafia

Alegria, et al. (2001). A prática pedagógica na formação inicial de professores. Recuperado em 2010, dezembro 5, de <http://docs.google.com/gview?a=v&q=cache:2cBC6qubCmcJ:www.meioclique.com/CRUP/documentos%2520PDF/praticapedagformainicialprofs.pdf+importancia+da+pratica+pedagogica&hl=pt-PT&gl=pt&sig=AFQjCNH3mjJT0ZFRJs-Dpl3WKdReDZ0uAg;>

Reis, C. (2009). Programa de português do ensino básico. Recuperado em 2010, 22 de outubro, de http://www.oei.es/pdf2/Programas_LPEB.pdf

Anexos

Anejo 1

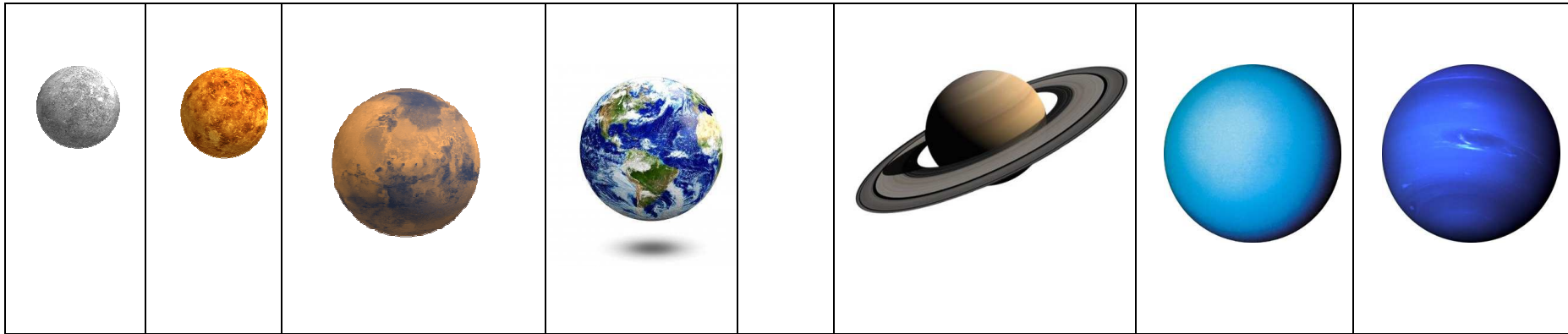
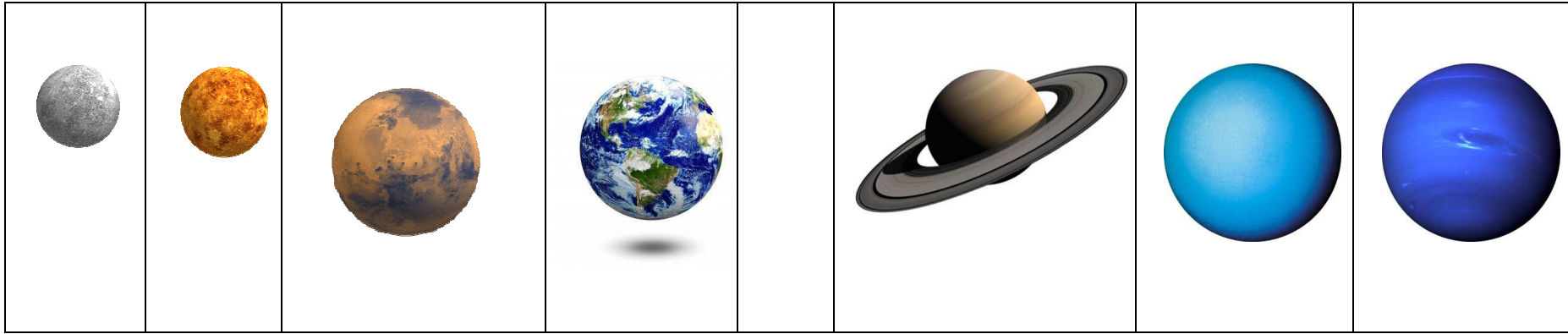
Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Proposta de trabalho

Estudo do Meio

1. Cola os planetas na ordem correta e faz a sua legenda:


Nome: _____ Data: _____



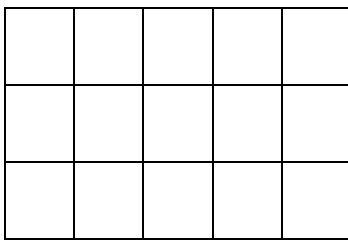
Anexo 2

Proposta de Trabalho

Matemática

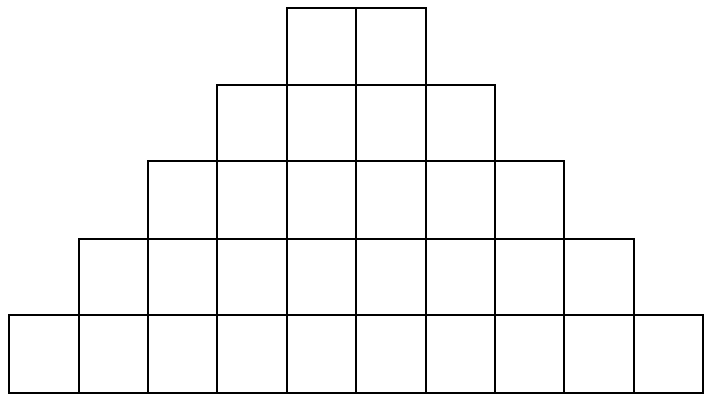
1. Tendo como base um  de área qual a área das figuras que se seguem:

a)



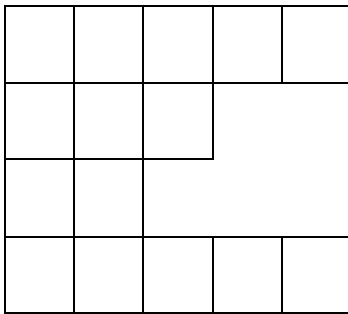
Tem ____ quadrados de área.

b)



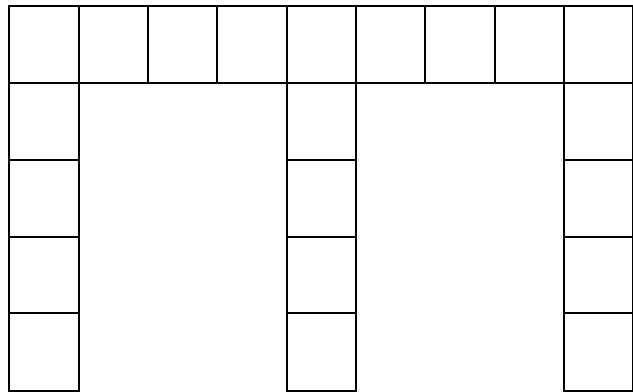
Tem ____ quadrados de área.

c)



Tem ____ quadrados de área.

d)



Tem ____ quadrados de área.

2. Existem figuras com a mesma área? Se sim quais?

3. Qual a figura que tem maior área? _____

4. Qual a área das figuras a) e b) juntas?

Anexo 3

Nome: _____ Data: _____



Proposta de Trabalho

Língua Portuguesa

1) Observa as palavras dentro de cada caixa. Completa as frases com a palavra correta e no tempo certo:

a) A lua hoje _____ (Presente) muito bonita.

estar colar brincar

b) Os astronautas, ontem, _____ (Passado) muito cansados.

cozer fazer chegar

c) Amanha _____ (Futuro) os trabalhos de casa sobre o sistema solar.

lavar fazer cozinhar

